

300.5

381633-01
CAR

<<

GILENO DÉ CARLI

>>

GABINETE DO MINISTRO DA FAZENDA
BUREAU DE ESTUDOS ECONOMICOS E FINANCIEROS
EXIBICIONICA
ANO 29
DATA 4.2.1943

Estrutura dos custos
da
produção do açúcar



2158 6546

ESCLARECIMENTO

Os dados constantes do presente trabalho foram extraídos dos livros de escrituração industrial das seguintes usinas :

PERNAMBUCO : — Agua Branca, Aliança, Aripibú, Bulhões, Cachoeira Lisa, Capibaribe, Catende, Central Barreiros, Central Olho d'Agua, Cucaú, Estreliana, Ipojuca, Jaboatão, Massauassú, Matari, Mussurepe, N.S. das Maravilhas, Pedrosa, Petribú, Roçadinho, Salgado, Santa Terezinha, São João da Varzea, Tiuma, União e Industria. (25 Usinas).

ALAGOAS : — Alegria, Brasileiro, Campo Verde, Cansação de Sinimbú, João de Deus, Laginha, São Semeão, Serra Grande, Uruba. (9 Usinas).

SERGIPE : — Castelo, Central, Fortuna, Santa Maria, São José, São Luiz, Vassouras. (7 Usinas).

BAÍA : — Aliança, Cinco Rios, Don João, Passagem, Pitanga, Terra Nova, Vitoria do Paraguassú. (7 Usinas).

RIO DE JANEIRO : — Barcelos, Cupim, Mineiros, Novo Horizonte, Outeiro, Paraiso, Poço Gordo, Pureza, Queimados, Santa Cruz, Santo Amaro, Santo Antonio, São José, Sapucaia. (14 Usinas).

SÃO PAULO : — Amalia, Barbacena, Boa Vista, De Cilo, Ester, Itaquara, Itaquerê, Junqueira, Monte Alegre, Piracicaba, Porto Feliz, Santa Bárbara, Santa Cruz, Schmidt, Tamoio, Vassununga, Vila Raffard. (17 Usinas).

Para completa independência em face dos dados a obter, designei contadores, peritos, — muitas vezes apresentados pelas Associações de classe, — para análise e levantamento do inquérito de custo de produção. Para um maior controle, designei também conferentes de minha confiança, para fiscalização das despesas arroladas, quando ultimado o trabalho contábil.

Toda a documentação está, além de assinada pelos contadores contratados, e pelos conferentes, também rubricada pelo contador da fábrica e pelo Usineiro.

A quem quer que seja que duvide da autenticidade dos dados que publico, ou que deseje maiores esclarecimentos, eu ponho à disposição toda a documentação que possuo.

Gileno Dé Carli

INTRODUÇÃO

O estudo que intitulei de "Estrutura dos Custos da Produção do Açúcar" é uma contribuição ao conhecimento da verdadeira situação econômica das usinas de açúcar do país. É o primeiro trabalho dessa natureza escrito no Brasil, e, se não é perfeito em todos os seus aspectos, dá entretanto a justa medida da realidade açucareira.

Se, em vez da frieza dos números, eu tivesse preferido escrever literatura econômica, o título não seria o escolhido. Eu teria denominado a obra de "Drama do Açúcar no Nordeste Brasileiro".

Porque então não se modifica o preço do açúcar no Brasil de forma a que a Usina do Nordeste possa subsistir ?

Eis a explicação: Criou-se a lenda de um fausto, de um luxo e de um esbanjamento de riquezas por parte do usineiro no Brasil, principalmente em Pernambuco e em Alagoas.

Nababo, ricaço, perdulario, resumiam a figura do usineiro.

Até onde era verdadeira essa impressão? Os Usineiros em Pernambuco e em Alagoas viviam e vivem ainda num meio pobre. O Nordeste industrial se resumia quase no açúcar, principalmente na zona rica litorânea. E tudo isso pertencia à Usina. Assim, nesse meio agrícola-industrial só existem duas classes: — uma, muito pouco numerosa, monopolizando as terras, dona de grandes canaviais, manobrando grandes capitais que normalmente não lhe pertencem; a outra classe, numerosíssima, proletarizada, podendo-se nela incluir fornecedores de cana, lavradores, opera-

rios e trabalhadores rurais. Dessa comparação nasceu a ilusão da riqueza do usineiro do Nordeste. Tudo porém miragem, tudo irreal, tudo fantasia. Quero crer que nessa ilusão viveu muito industrial de açúcar. Vive assim, talvez, ainda hoje, muito usineiro que mal sente estar comendo a própria carne; gastando o ferro dos seus maquinismos sem apontamento nem substituições; cansando a terra que não recebeu o carinho e tratamento dos plantios da cana bem cultivada; inutilizando o esforço do seu operario e de seu trabalhador escravizado à máquina estragada e à terra envelhecida.

Mas, um dia, todas as resistencias se partem, e a tragedia começa. O último ato é a transmissão da propriedade da usina ao credor, ou então, o melão de São Caetano, a tiririca e a gitirana, na esplanada da Usina, subindo pelas paredes e telhados.

Os dados estatísticos do custo de produção de açúcar em seis Estados açucareiros, e durante seis safras, irão desfazer a antiga ilusão dos lucros espantosos dos usineiros do Nordeste.

Eu não desejaria que, reajustada a situação dos usineiros do Norte e Sul, lhes fossem dados lucros fabulosos quando a tendencia moderna é de limitar os ganhos excessivos, afim de não criar grandes contrastes. Mas, num país cujo desenvolvimento não se processa com rapidez, como proceder a essa limitação de lucros, que em última análise viria trazer um retardamento ou displicencia na iniciativa particular? A riqueza pública só é grande, quando há grandes fortunas particulares, por isso, em vez do embotamento da iniciativa particular, com a limitação de lucros, o Poder Público, a troco duma melhor remuneração nos preços do açúcar, pode e deve controlar a aplicação dos lucros excedentes, na própria usina, obrigando a sua inversão em melhores salarios, em casas boas para operarios e trabalhadores rurais, escolas, igrejas, campos de esportes, clubes, cinemas, escolas profissionais, orfanatos, cooperativas de produção agrícola e venda para os trabalhadores, médico, farmácia, dentista, cozinha, hospitais, lactarios, etc.

Quanta felicidade seria espalhada pelos campos! E, o futuro do Brasil também está no campo, na terra trabalhada, no cabo da enxada e na rabiça do arado, junto às máquinas, junto às fornalhas, e na inteligencia e esforço do industrial. Tudo isto, porem, depende do justo preço. Os dados dos três capítulos do presente estudo esclarecem qual deva ser o justo preço.

CAPÍTULO I

CUSTO DE PRODUÇÃO DO AÇUCAR

Para o estudo da atual situação da industria açucareira do país, tive que colher elementos relativos à safra 1933/34 e safras subsequentes, afim de conhecer a razão da fixação do nível dos preços no inicio da defesa do açúcar.

Para o estudo do custo de produção de um saco de açúcar, investiguei os seguintes dados :

- I) custo industrial de um saco de açúcar;
- II) depreciação de maquinismos;
- III) juros do capital de financiamento;
- IV) juros sobre o capital empregado na usina.

I — Para o conhecimento do custo industrial de um saco de açúcar, através de contadores contratados, levantei na escrita comercial dos usineiros, os seguintes dados :

- a) custo de aquisição da materia prima;
- b) transporte de cana e lenha;
- c) custo de fabricação de açúcar;
- d) sacos;
- e) ordenados, salarios e gratificações;
- f) seguros sobre imoveis e operarios;

- g) taxas de pensões e aposentadorias;
- h) assistência social;
- i) imposto em geral;
- j) conservação de linhas férreas;
- k) conservação do material rodante;
- l) conservação da linha telefônica;
- m) conservação da fábrica, maquinismos, prédios, etc.
- n) despesas gerais;
- o) fretes e carretos;
- p) taxa do I.A.A.;
- q) despesas comerciais e armazenagens;
- r) honorários e gratificações de proprietários e diretores.

II — Para o conhecimento do valor da depreciação dos maquinismos, após uma série de investigações e consultas dos valores das usinas, conclui-se que, uma usina, com a quota de produção, maquinismos, estradas de ferro, propriedades e bemfeitorias, vale, em média, em Pernambuco e Alagoas, cem mil réis o sacco-limite; em Sergipe e Baía oitenta mil réis; no Estado do Rio de Janeiro vale cento e vinte mil réis e em S. Paulo cento e cinquenta mil réis. Atendendo a ser o mesmo o valor da parte de maquinismos, indistintamente para todos os Estados açucareiros, calculei uma taxa de 5% anuais, correspondendo a 20 anos de vida útil do maquinismo, sobre 50 % do valor de cem mil réis por sacco-limite, pois o material depreciável corresponde à metade do valor de uma usina.

III — Através dos empréstimos de financiamento feitos pelo Banco do Brasil em Pernambuco, pude calcular o valor dos juros por sacco de açúcar, nos centros de produção onde o usineiro tem necessidade de crédito bancário.

IV — Conhecido o valor das usinas pelo valor do sacco-limite, os juros sobre o capital empregado se calculará à base de 8% anuais. E' preciso notar que há países, como a Argentina, por exemplo, onde o Governo admite um lucro industrial de 14%, em relação ao capital empregado.

No ano em que o Governo fixou os atuais preços do açúcar, isto é, em 1933, o custo de produção industrial de um sacco de açúcar, nos diversos centros produtores foi :

Pernambuco	35\$218
Alagoas	42\$329
Sergipe	43\$146
Baía	38\$394
Est. do Rio	34\$721
São Paulo	34\$744

Dos preços de custo de produção de um sacco de açúcar estão excluidos a depreciação, juros do capital de financiamento e juros sobre o capital empregado.

Nessa mesma safra, os preços de venda de um sacco de açúcar, extraídos das escritas comerciais das usinas, foram :

Pernambuco	39\$162
Alagoas	37\$970
Sergipe	43\$063
Baía	40\$338
Est. do Rio	40\$234
São Paulo	49\$536

Estão deficitarios os Estados de Alagoas e Sergipe, cujos limites então fixados foram de 1.357.195 sacos e 723.154 sacos, respectivamente, enquanto a safra 1933/34 foi, correspondentemente, de 747.557 sacos e 298.790 sacos. Essa grande redução explica a elevação do custo de produção.

Se compararmos a situação dos preços de venda com a dos preços de custo de produção, verificaremos que Pernambuco teve um saldo de 3\$944 por sacco, o Estado da Baía de 1\$944, o Estado do Rio de 5\$513 e São Paulo de 14\$891 por sacco.

E' do conhecimento geral que, ad se iniciar a safra de 1933/34, o Governo Federal já havia decretado a moratoria da lavoura. Em dezembro de 1933, o decreto do Reajustamento econômico veio atenuar ainda mais a situação de dificuldades dos usineiros, principalmente os do Norte. Enquanto perdurou o andamento dos processos pela Câmara do Reajustamento Econômico os usineiros nada amortizaram. Muitos deixaram de pagar os juros de suas dívidas, à espera da solução final dos seus processos.

Facil seria conceber a situação de insolvabilidade e de fracasso que atingiria a industria açucareira do Norte e do Estado do Rio de Janeiro, se não fossem aquelas medidas, pois as diferenças de 3\$944, de 1\$944 e mesmo de 5\$513, por sacco, não dariam sequer para o pagamento do serviço de juros das dívidas dos usineiros.

Na safra 1934/35, o custo de produção industrial de um sacco de açúcar foi, nos diversos Estados :

Pernambuco	33\$679
Alagoas	37\$865
Sergipe	35\$059
Baía	38\$842
Estado do Rio	35\$016
São Paulo	37\$633

Enquanto que os preços medios de venda de um sacco de açúcar foram :

Pernambuco	37\$871
Alagoas	37\$724
Sergipe	38\$993
Baía	38\$960
Est. do Rio	40\$941
São Paulo	53\$077

Calculando as diferenças entre o custo de produção e o preço de venda, verificamos que Pernambuco teve um saldo de 4\$192 por sacco, Alagoas teve um saldo de 3\$934 por sacco, a Baía um saldo de \$118 por sacco, o Estado do Rio lucrou 5\$925 e São Paulo 15\$444.

Obedecendo à mesma norma de exposição, na presente safra e nos estudos das safras posteriores, não estão consignados a depreciação de 5% anuais, os juros sobre o capital de financiamento e os sobre o capital empregado na usina.

Na safra 1935/36, o custo de produção industrial de um saco de açúcar foi, nos diversos Estados:

Pernambuco	34\$582
Alagoas	38\$791
Sergipe	37\$274
Baía	41\$394
Est. do Rio	35\$555
São Paulo	38\$305

A media de preços de venda do açúcar, por saco, foi, nos mesmos Estados :

Pernambuco	35\$891
Alagoas	34\$462
Sergipe	36\$274
Baía	37\$557
Est. do Rio	40\$587
São Paulo	49\$196

E' preciso salientar que, na presente safra, os Estados de Pernambuco e Alagoas fizeram uma quota de sacrificio de 1.727.501 sacos, resultando daí o rebaixamento dos preços de venda.

Comparando os preços de custo de produção de um saco de açúcar com os preços de venda, verificamos que em Pernambuco há um saldo de 1\$309 por saco, em Alagoas há um deficit de 4\$329 por saco, em Sergipe um deficit de 1\$000 por saco, na Baía um deficit de 3\$837 por saco, no Estado do Rio um lucro de 5\$032 e em São Paulo um lucro de 10\$891 por saco.

A safra 1936/37, no Nordeste, se caracterizou por uma profunda anomalia. Em virtude de grande seca a produção daquela região ficou extremamente reduzida. Basta atentar que Pernambuco e Alagoas, que têm um limite, respectivamente, de 4.499.737 e 1.357.195 sacos, produziram somente 2.122.793 e 669.535 sacos. Dessa redução de produção resultou uma

elevação no custo de fabricação. Eis os custos de produção de um saco de açúcar nos diferentes Estados :

Pernambuco	51\$289
Alagoas	54\$159
Sergipe	45\$660
Baía	44\$642
Est. do Rio	34\$970
São Paulo	40\$080

Vejamos a situação da safra em relação ao preço de venda de um saco de açúcar :

Pernambuco	45\$099
Alagoas	42\$336
Sergipe	48\$825
Baía	41\$382
Est. do Rio	40\$033
São Paulo	54\$409

Na referida safra de 1936/37, Pernambuco com um deficit de 6\$190 por saco teve um prejuizo, sobre o montante da safra, de 14.713:283\$360, afora o prejuizo avultado da redução da safra de 52,8%. O Estado de Alagoas com uma diferença entre o custo de produção e o preço de venda de 11\$823, por saco, teve um prejuizo total de 7.915:912\$305, além da redução de 50,6% na safra. O Estado de Sergipe teve um saldo de 3\$165 por saco. A Baía um deficit de 3\$360 por saco. O Estado do Rio conseguiu um saldo de 6\$412 por saco e o Estado de São Paulo lucrou 14\$329 por sacco de açúcar.

Na safra 1937/38, com maiores precipitações pluviométricas, melhora a situação das safras de açúcar no Nordeste. As medias do custo de produção de um saco de açúcar, nos diversos Estados, foram :

Pernambuco	42\$463
Alagoas	46\$942
Sergipe	52\$921
Baía	42\$667
Est. do Rio	41\$810
São Paulo	44\$703

Está grandemente alterado o custo de produção do Estado de Sergipe que na presente safra teve uma redução de 27% em relação ao seu limite.

Há a presunção de que tendo emergido de uma safra anterior já abaixo do limite, os produtores tivessem plantado além do limite e feito despesas outras, na expectativa de uma safra compensadora. Mais uma vez Sergipe teve sua safra reduzida, daí o alto custo de produção.

Os preços de venda do açúcar durante a safra 1937/38, nos diferentes Estados, foram :

Pernambuco	36\$531
Alagoas	42\$346
Sergipe	41\$726
Baía	36\$245
Est. do Rio	46\$736
São Paulo	59\$805

Da análise do custo de produção e do preço de venda do saco de açúcar se depreende que Pernambuco teve um prejuízo de 5\$932 por saco, ou 18.271:509\$120, Alagoas teve um deficit de 4\$575 por saco ou um prejuízo de 4.124:668\$885. O prejuízo de Sergipe é de 11\$195 por saco. O lucro do Estado do Rio é de 4\$926 por saco, e em São Paulo o lucro do usineiro é de 15\$102 por saco.

Finalmente, na safra 1938/39, o custo de produção do saco de açúcar, sem serem computados os dados de depreciação, juros sobre o capital de financiamento e juros sobre o capital invertido na industria, é, nos diversos Estados :

Pernambuco	36\$730
Alagoas	38\$376
Sergipe	42\$111
Baía	48\$185
Est. do Rio	44\$744
São Paulo	47\$856

Acham-se elevados os custos de produção da Baía, Estado do Rio e São Paulo. A Baía teve uma redução de 18%, e aumentou o seu custo de produção, principalmente com compra de material, maquinismos, etc.

No Estado do Rio e São Paulo as sobre-taxas do extra-limite e da quota de equilibrio oneram o custo de produção, agravando a verba de despesas gerais. No Nordeste, quando é feita a quota de sacrificio, a redução aparece nos preços de venda. Em São Paulo, por exemplo, na safra 1938/39 houve um extra-limite de 119.215 sacos que pagou uma sobre-taxa de 1.430:580\$000, ou 650 réis por sacco. Como contribuição do plano de equilibrio coube a São Paulo um ônus de 1\$000 por sacco, que tambem está sobrecarregando o custo de produção na verba de despesas gerais.

No Estado do Rio os motivos de majoração do custo de produção estão patentes na elevação das verbas de conservação das máquinas e de aquisição da materia prima. Realmente há uma majoração de 36,3% na verba de conservação de maquinismo, no ano de 1938/39, em relação à mesma verba em 1933/34.

E' um índice seguro da elevação do custo de aquisição do material. Tambem está majorada a verba de materia prima — cana — porque o valor dela está em função dos preços de venda do açúcar. No Estado do Rio os preços têm sido melhores que os do Norte.

Comparando-se, por exemplo, o custo de aquisição da materia prima em Pernambuco e Estado do Rio, vejamos qual seria o custo da cana para a Usina pernambucana — com a tabela oficial do Estado — se ela apurasse os mesmos preços de venda do açúcar das usinas fluminenses.

O preço medio do açúcar vendido por Pernambuco atingiu 39\$878 o sacco e pelo Estado do Rio 46\$139. Tivessem vigorado para Pernambuco os preços do Estado do Rio, o custo de aquisição da materia prima teria passado de 15\$815, por sacco, para 25\$940, o que representaria um aumento de 10\$125 no custo de produção de um sacco de açúcar em Pernambuco.

Os preços de venda do açúcar, na safra 1938/39, foram, por sacco :

Pernambuco	39\$878
Alagoas	40\$023
Sergipe	40\$331
Baía	38\$125
Est. do Rio	46\$139
São Paulo	55\$034

Pelos números acima se deduz que Pernambuco teve um lucro de 3\$148 por sacco; Alagoas de 1\$647 por sacco; Sergipe um prejuizo de 1\$780 por sacco; o Estado da Baía um prejuizo de 10\$060; o Estado do Rio um lucro de 1\$395 por sacco; e São Paulo um lucro de 7\$178 por sacco.

A impressão de desafogo que se operou em Pernambuco e Alagoas, na safra 1938/39, é consequencia de pequena margem positiva, entre o custo de produção e o custo de venda. Se o usineiro não poude pagar os seus compromissos antigos, não aumentou, entretanto, nessa safra a soma dos seus débitos.

Para a segurança de uma media real de produção tomemos a media geral do custo de produção de dois anos normais, isto é, 1937/38 e 1938/39 :

Pernambuco	39\$596
Alagoas	42\$659
Sergipe	42\$115 (exclui- do 1937- 38)
Baía	45\$426
Est. do Rio	45\$740
São Paulo	46\$279

Vivendo quase todas as usinas do Nordeste no regime permanente de financiamento de entre-safra, com o Banco do Brasil, tem-se de aumentar de 424 réis o custo de produção de Pernambuco e Alagoas, equivalendo essa despesa ao valor dos juros de capital de financiamento, por sacco de açucar.

A verba de depreciação dos maquinismos se calcula da seguinte maneira : uma usina de 300.000 sacos, por exemplo, vale 30.000 contos de réis, sendo 15 mil contos de material depreciable, como maquinismos, encaamentos, tachos, estradas de ferro, etc.

A taxa de 5% anuais, a verba de depreciação é de 750:000\$000, ou 2\$500 por sacco. Em nenhuma contabilidade se poderia deixar de calcular a depreciação, desde que o material da fábrica, num período de 20 anos tem de ser substituido. Sendo o mesmo o valor dos maquinismos, quer no Norte, quer no Sul, a taxa de depreciação por sacco de açucar é a mesma para todas as usinas do país.

a) — Valendo 100\$000 o sacco-limite em Pernambuco e Alagoas, com os juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco de açucar, a 8\$000;

b) — Valendo 80\$000 o sacco-limite em Sergipe e na Baía, com os juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco de açucar, a 6\$400;

c) — Valendo 120\$000 o sacco-limite no Estado do Rio, com os juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco de açucar, a 9\$600;

d) — Valendo 150\$000 o sacco-limite no Estado de São Paulo, com juros de 8% anuais, os juros sobre o capital empregado na industria correspondem, por sacco, a 12\$000.

Recapitulando todos os elementos de custo geral de produção temos :

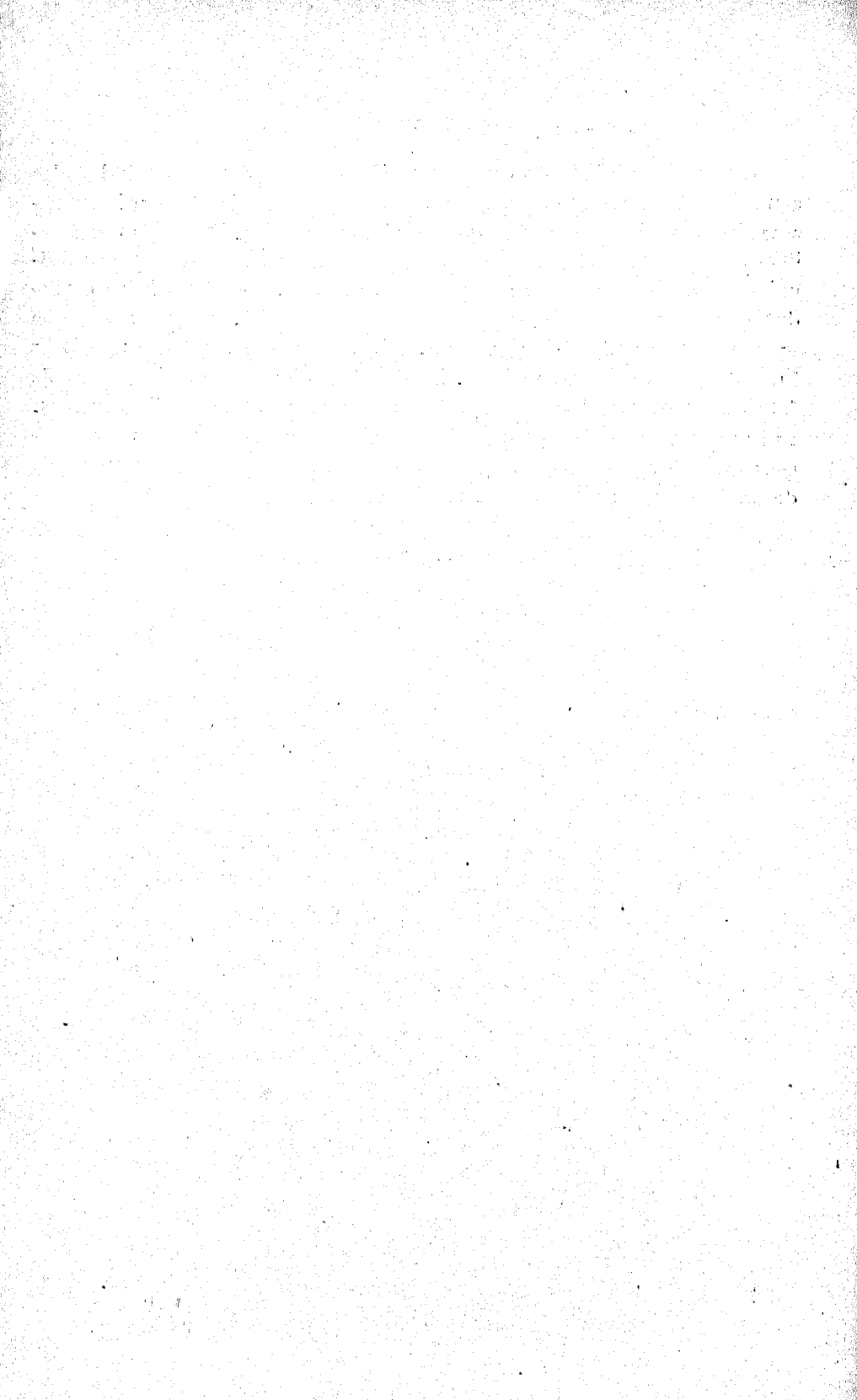
Pernambuco	50\$520
Alagoas	53\$583
Sergipe	51\$176
Baía	54\$495
Est. do Rio	57\$840
São Paulo	60\$779

Decorrente porém da fabricação do açucar resulta um mel final que representa valor. Com uma tonelada de cana obtêm-se 42 quilos de melaço residual. No Norte a tonelada vale 105\$000 e no Sul 120\$000, em relação aos atuais preços do alcool. Esse melaço corresponde, por sacco de açucar, para o Norte, a 2\$933 e, para o Sul, a 3\$300.

Os preços finais, portanto, para um sacco de açucar seriam :

Pernambuco	47\$587
Alagoas	50\$650
Sergipe	48\$251
Baía	52\$564
Est. do Rio	54\$540
São Paulo	57\$479

Essa é a realidade do custo de produção das usinas dos seis Estados açucareiros. Por ele vemos, que somente São Paulo logrou um lucro razoável pelo trabalho e capital empregado na industria. Pareceria que também a situação da industria açucareira fluminense seria de grandes dificuldades ante os preços de liquidação do açúcar. Não teria lucro o produtor fluminense se ele fosse unicamente industrial. Salva-o a situação de ser também plantador de cana. E como grande plantador tem bons lucros com a atividade agrícola. No Norte, porém, como consequencia de fatores varios como solo e clima, os rendimentos agrícolas são menores. Daí ser mais elevado o custo de produção agrícola. Em muitas organizações o custo de produção da tonelada de cana é superior ao preço medio de aquisição, de acordo com a tabela oficial.



CAPÍTULO II

DESCRIMINAÇÃO DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO

Na discriminação dos custos de produção de um saco de açúcar nos diversos Estados, de acordo com as rubricas, temos os seguintes dados:

1) — Custo de aquisição da materia prima :

Pernambuco

1933/34	15\$099
1934/35	14\$821
1935/36	14\$958
1936/37	21\$553
1937/38	18\$879
1938/39	15\$815

Alagoas

1933/34	16\$177
1934/35	15\$790
1935/36	14\$019
1936/37	18\$478
1937/38	19\$743
1938/39	16\$885

Sergipe

1933/34	15\$829
1934/35	13\$841
1935/36	14\$593
1936/37	13\$326
1937/38	14\$341
1938/39	14\$288

Baía

1933/34	17\$211
1934/35	17\$845
1935/36	16\$602
1936/37	21\$719
1937/38	19\$980
1938/39	18\$767

Rio de Janeiro

1933/34	16\$178
1934/35	17\$162
1935/36	16\$656
1936/37	17\$133
1937/38	20\$523
1938/39	19\$488

São Paulo

1933/34	11\$608
1934/35	12\$774
1935/36	14\$391
1936/37	14\$296
1937/38	15\$480
1938/39	16\$094

A media geral do custo de aquisição da materia prima é, durante o sexenio, de 16\$854 por sacco de açúcar, em Pernambuco, de 16\$849 em Alagoas, de 14\$369 em Sergipe, de 18\$687 na Baía, de 17\$856, no Rio de Janeiro e de 14\$107, em São Paulo. Quem pretender interpretar os dados de valor da materia prima tem de compará-los com o valor do preço medio de açúcar durante o mesmo sexenio. Assim, por exemplo, o preço medio em Pernambuco foi de 39\$072, no Estado do Rio de Janeiro de 42\$445 e 53\$509 em São Paulo.

Se tomarmos como referencia o valor da materia prima em Pernambuco, em função de preço de açúcar, o valor da materia prima no Estado do Rio deveria ser de 18\$334, e em São Paulo de 23\$081, por sacco de açúcar.

2) — Transporte de cana e lenha :

Pernambuco

1933/34	1\$396
1934/35	1\$281
1935/36	1\$470
1936/37	2\$161
1937/38	1\$705
1938/39	1\$583

Alagoas

1933/34	1\$908
1934/35	1\$769
1935/36	1\$547
1936/37	1\$994
1937/38	1\$751
1938/39	1\$860

Sergipe

1933/34	\$459
1934/35	\$813
1935/36	\$595
1936/37	\$731
1937/38	\$660
1938/39	\$739

Baía

1933/34	1\$583
1934/35	1\$122
1935/36	1\$293
1936/37	1\$132
1937/38	1\$100
1938/39	1\$347

Rio de Janeiro

1933/34	1\$176
1934/35	1\$102
1935/36	1\$132
1936/37	1\$142
1937/38	1\$191
1938/39	1\$480

São Paulo

1933/34	1\$605
1934/35	1\$616
1935/36	1\$577
1936/37	1\$970
1937/38	2\$039
1938/39	1\$994

A media de despesas de transporte de cana e lenha em Pernambuco é de 1\$599, por sacco, em Alagoas de 1\$804, em Sergipe de \$666, na Baía de 1\$263, no Rio de Janeiro de 1\$204 e em São Paulo de 1\$800.

3) — Custo de fabricação de açúcar :

Pernambuco

1933/34	1\$846
1934/35	1\$790
1935/36	2\$074
1936/37	2\$634
1937/38	2\$429
1938/39	2\$098

Alagoas

1933/34	4\$951
1934/35	3\$860
1935/36	3\$963
1936/37	5\$007
1937/38	4\$296
1938/39	3\$094

Sergipe

1933/34	2\$976
1934/35	2\$439
1935/36	4\$741
1936/37	5\$903
1937/38	8\$089
1938/39	4\$562

Baía

1933/34	3\$703
1934/35	3\$793
1935/36	4\$672
1936/37	4\$632
1937/38	4\$082
1938/39	5\$311

Rio de Janeiro

1933/34	2\$990
1934/35	2\$710
1935/36	2\$947
1936/37	3\$149
1937/38	3\$423
1938/39	4\$563

São Paulo

1933/34	3\$521
1934/35	4\$021
1935/36	3\$992
1936/37	4\$398
1937/38	4\$204
1938/39	4\$913

A media geral do custo de fabricação de um saco de açúcar é de 2\$145 em Pernambuco, de 4\$195 em Alagoas, de 4\$785 em Sergipe, de 4\$365 na Baía, de 3\$280 no Rio de Janeiro e de 4\$158 em São Paulo.

4) — Sacaria :

Quanto ao valor da sacaria, a media do sexenio para Pernambuco foi de 1\$905, para Alagoas de 2\$005, para Sergipe 1\$999, para Baía 1\$992, para o Rio de Janeiro de 1\$893 e para São Paulo 2\$292.

5) — Ordenados, Salarios e Gratificações :

Pernambuco

1933/34	1\$364
1934/35	1\$123
1935/36	1\$104
1936/37	2\$266
1937/38	1\$655
1938/39	1\$234

Alagoas

1933/34	1\$750
1934/35	1\$298
1935/36	1\$665
1936/37	2\$720
1937/38	2\$176
1938/39	1\$435

Sergipe

1933/34	1\$104
1934/35	\$554
1935/36	\$626
1936/37	1\$066
1937/38	1\$063
1938/39	\$939

Baía

1933/34	\$986
1934/45	1\$078
1935/36	1\$397
1936/37	1\$215
1937/38	1\$259
1938/39	1\$840

Rio de Janeiro

1933/34	1\$179
1934/35	1\$162
1935/36	1\$325
1936/37	1\$445
1937/38	1\$550
1938/39	1\$645

São Paulo

1933/34	1\$331
1934/35	1\$467
1935/36	1\$209
1936/37	1\$141
1937/38	1\$206
1938/39	1\$317

A media, por sacco de açucar, das despesas feitas com salarios, ordenados e gratificações foi de 1\$458 em Pernambuco, de 1\$840 em Alagoas, de \$892 em Sergipe, de 1\$296 na Baía, de 1\$384 no Rio de Janeiro e de 1\$278 em São Paulo.

6) — Seguros sobre imoveis e operarios :

A media das despesas com seguros sobre imoveis e operarios atingiu, por sacco de açucar, em Pernambuco \$197, em Alagoas \$169, em Sergipe \$190, na Baía \$092, no Rio de Janeiro \$189 e em São Paulo \$261.

7) — Taxas de Pensões e Aposentadorias :

Os gastos medios com as taxas de pensões e aposentadorias foram, por sacco de açucar, de \$114 em Pernambuco, de \$058 em Alagoas, de \$068 em Sergipe, de \$088 na Baía de \$057 no Rio de Janeiro e de \$094 em São Paulo.

8) — Impostos em geral :

Pernambuco

1933/34	\$389
1934/35	\$487
1935/36	\$443
1936/37	\$740
1937/38	\$531
1938/39	\$537

Alagoas

1933/34	\$206
1934/35	\$260
1935/36	\$393
1936/37	\$489
1937/38	\$301
1938/39	\$265

Sergipe

1933/34	2\$170
1934/35	1\$400
1935/36	1\$195
1936/37	1\$610
1937/38	1\$763
1938/39	1\$436

Baía

1933/34	1\$251
1934/35	1\$110
1935/36	1\$309
1936/37	1\$320
1937/38	\$993
1938/39	2\$277

Rio de Janeiro

1933/34	\$449
1934/35	\$434
1935/36	\$474
1936/37	\$466
1937/38	\$772
1938/39	1\$183

São Paulo

1933/34	\$259
1934/35	\$318
1935/36	\$381
1936/37	\$698
1937/38	\$848
1938/39	1\$034

Embora os números da presente rubrica pareçam contraditórios, esses números foram os apurados realmente nas escritas comerciais das fábricas. Não assumindo responsabilidade pela exata classificação dessa verba, sob reserva as publico. Assim, apuramos, para Pernambuco, uma media por sacco de açúcar de \$521, para Alagoas \$319, para Sergipe 1\$595, para a Baía 1\$376, para o Rio de Janeiro \$629 e para São Paulo \$589.

9) — Conservação das linhas ferreas :

A media geral das despesas feitas com a conservação das linhas ferreas foi, em Pernambuco, de \$982 por sacco de açúcar, em Alagoas de \$409, em Sergipe de \$556, em Baía de \$465, no Rio de Janeiro de \$648 e em São Paulo 1\$578.

10) — Conservação do material rodante :

As usinas do Estado de Pernambuco gastaram, por sacco de açúcar, durante o sexenio, uma media de \$919 na conservação do material rodante, as de Alagoas \$699, as de Sergipe \$419, as da Baía \$651, as do Rio de Janeiro \$341 e as de São Paulo \$996.

11) — Conservação da linha telefônica :

As despesas medias com a conservação da linha telefônica, durante o sexenio, foram de \$083, por sacco de açúcar, em Pernambuco, de \$025 em Alagoas, de \$026 em Sergipe, de \$049 na Baía, de \$014 no Rio de Janeiro e de \$216 em São Paulo.

12) — Conservação da fábrica, máquinas, predios, etc.:

Pernambuco

1933/34	2\$259
1934/35	2\$090
1935/36	1\$953
1936/37	3\$606
1937/38	2\$314
1938/39	2\$476

Alagoas

1933/34	2\$805
1934/35	2\$129
1935/36	3\$520
1936/37	5\$580
1937/38	3\$861
1938/39	2\$039

Sergipe

1933/34	2\$620
1934/35	2\$402
1935/36	1\$989
1936/37	3\$374
1937/38	4\$038
1938/39	2\$125

Baía

1933/34	1\$759
1934/35	1\$688
1935/36	2\$382
1936/37	2\$127
1937/38	1\$674
1938/39	4\$536

Rio de Janeiro

1933/34	3\$003
1934/35	3\$194
1935/36	3\$474
1936/37	2\$624
1937/38	2\$813
1938/39	4\$718

São Paulo

1933/34	3\$501
1934/35	3\$268
1935/36	2\$779
1936/37	2\$976
1937/38	3\$243
1938/39	3\$713

A media geral de despesas, com a conservação da fábrica, maquinismos, predios, foi, durante o sexenio, de 2\$449 em Pernambuco, de 3\$322 em Alagoas, de 2\$758 em Sergipe, de 2\$361 na Baía, de 3\$471 no Rio de Janeiro, e de 3\$246 em São Paulo.

13) — Despesas Gerais :

A media de despesas gerais verificada nas usinas de Pernambuco, durante o sexenio, foi de 1\$810 por sacco de açúcar, de 2\$178 em Alagoas, de 1\$997 em Sergipe; de 2\$229 na Baía, de 2\$293 no Rio de Janeiro, de 3\$877 em São Paulo.

14) — Fretes e carretos de açúcar :

A media de despesas feitas com fretes e carretos de açúcar durante o sexenio, foi, em Pernambuco de 2\$048, por sacco de açúcar, de 2\$179 em Alagoas, de \$894 em Sergipe de 1\$498 na Baía, de \$468 no Rio de Janeiro e de \$286 em S. Paulo.

15) — Despesas comerciais e de armazenagem :

Durante o sexenio do presente estudo, a media das despesas comerciais e de armazenagem em Pernambuco foi de 1\$250, por sacco de açúcar, de \$980 em Alagoas, de 2\$189 em Sergipe, de 1\$656 na Baía, de \$170 no Rio de Janeiro e \$052 em São Paulo.

16) — Honorarios e gratificações dos proprietarios ou diretores :

Com as despesas de honorarios e gratificações de proprietarios ou diretores de usinas, durante o sexenio, a media foi em Pernambuco de

1\$280, por sacco de açúcar, de 2\$434 em Alagoas, de 5\$016 em Sergipe, de 1\$253 na Baía, de \$624 no Rio de Janeiro e de 1\$268 em São Paulo. Esses dados não são inteiramente evidentes porque certas despesas possivelmente aqui classificaveis, estão entretanto sobrecarregando a verba de despesas gerais.

Custo medio no sexenio :

No sexenio 1933/34 a 1938/39 a media aritmética do custo de produção de um sacco de açúcar, em Pernambuco, foi de 37\$623, em Alagoas de 41\$576, em Sergipe de 42\$409, na Baía de 42\$193, no Rio de Janeiro de 37\$839 e em São Paulo de 40\$952.

O custo de produção de um sacco de açúcar em Pernambuco é inferior 3\$953 ao de Alagoas, 4\$786 ao de Sergipe, 4\$570 ao da Baía, \$216 ao do Rio de Janeiro e 3\$329 ao de São Paulo.

CAPÍTULO III

CUSTO DE PRODUÇÃO POR CATEGORIA

O Governo Federal, com o decreto n. 1.669, de 11 de outubro de 1939, instituiu uma outra ordem de justiça para os novos aumentos dos limites de produção.

Dividindo as usinas de açúcar por categoria, e beneficiando-as no sentido inverso dos limites, o sr. Getúlio Vargas aumentou a capacidade de resistência das usinas menores, possibilitando-as de conseguirem maior eficiência no trabalho industrial. Dando-lhes maior produção favoreceu o movimento de obras de assistência social praticada em mais larga escala pelas usinas maiores.

No estudo do custo de produção, por categoria, obedeceremos à mesma classificação de decreto n.º 1.669. Em Pernambuco, por exemplo, classificam-se como usinas de pequena capacidade as que têm um limite de produção até 60.000 sacos; medias, as de produção oscilando entre 60.000 e 150.000 sacos; e grandes, as de capacidade superior a 150.000 sacos. Em Alagoas, nessa mesma ordem, a classificação é, respectivamente, de 30.000 sacos, de 30.000 a 100.000 sacos e mais de 100.000 sacos.

Em Sergipe, até 6.000 sacos, de 6.000 a 20.000 sacos e mais de 20.000 sacos.

Na Baía, até 30.000 sacos, de 30.000 a 70.000 sacos, e mais de 70.000 sacos.

No Rio de Janeiro, até 60.000 sacos, de 60.000 a 120.000 sacos e mais de 120.000 sacos.

Em S. Paulo, até 40.000 sacos, de 40.000 a 120.000 sacos e mais de 120.000 sacos.

E' interessante e util a comparação, dentro de cada Estado, do custo de produção de um saco de açúcar, e depois a comparação conforme a categoria da media obtida nos diversos Estados.

A) — PERNAMBUCO

Considerando como segura e certa a tese de M. Keynes, novos horizontes se abrem às nações na apreciação real do ouro. Seria o homem um escravo do ouro, como desde há tempos era um escravo da máquina? Dizem os economistas anglo-saxões que "a verdadeira moeda internacional não é o ouro, é a libra esterlina, porque o polo monetario do mundo é Londres. O ouro tira o seu valor da libra e não a libra do ouro. O fato histórico já passou. Nós não estamos mais no tempo da moeda-mercadoria. A libra não tem necessidade de um suporte metálico. Deixemos esse fetiche diante o qual nos curvamos tanto tempo. O que nós queremos é uma moeda dirigida."

Mas se a mística do ouro é desarrazoada, a humanidade, entretanto, lhe pagou um pesado tributo. Houve uma verdadeira imolação de todos os que trabalharam afim de que as clássicas regras subsistissem. Se o saneamento do mercado financeiro depende da relação entre o ouro existente e o papel moeda em circulação, se a taxa cambial tem íntima ligação entre o que se exporta e o que se compra, deduz-se que o ouro, quer como valor de uma moeda internacional como a libra esterlina, ou o correspondente numa moeda papel como o mil réis, imprime uma direção nos destinos econômico-financeiros do país.

A relação entre o valor do mil réis papel e o da libra esterlina, em comparação com o nível dos preços no mercado interno, pode ser um índice seguro do ritmo comercial. Não será absoluta essa correlação porque uma serie de fatores, muitos até imponderaveis, modificam a rigidez da dedução. Mas, se tomarmos os preços de um determinado período e se confrontarmos com o valor da libra, automaticamente poderemos conhecer qual o valor ouro que representam esses preços. Ora, se com a sucessão dos períodos houve alteração no valor da libra esterlina e portanto do ouro, a mesma quantidade de produtos se comparará com um valor ouro bastante diverso. Temos portanto, na comparação, os termos do problema,

elementos capazes de determinação do encarecimento, da elevação dos níveis dos valores.

Os períodos de um estudo de cambio devem resultar de fatos marcantes na vida da nação ou dos povos.

Marquemos os seguintes períodos :

- a) — 1913
- b) — 1914-1918
- c) — 1918-1929
- d) — 1929-1932
- e) — 1933
- f) — 1933-1939
- g) — 1940

Nesses seis períodos destacam-se a fase de grande progresso imediatamente anterior à Grande Guerra; o período da guerra; a época de recuperação até à deflagração da grande crise; a crise mundial refletindo sobre todas as atividades agrícolas e industriais, incluindo assim a crise açucareira no Brasil; o período inicial da intervenção do governo brasileiro na economia açucareira e o período, de franco progresso, ou melhor de estabilidade que resultou dessa intervenção estatal; e finalmente os primeiros tempos da nova guerra.

A libra esterlina, nos seis períodos assinalados, alcançou os seguintes níveis :

1913	15\$000
1914	16\$014
1915	19\$345
1916	20\$131
1917	18\$870
1918	18\$663

(Media do período 1914-1918 — 18\$604)

1919	16\$860
1920	16\$528
1921	28\$554
1922	33\$994
1923	44\$971
1924	40\$707
1925	39\$485
1926	33\$360
1927	41\$095
1928	40\$752

(Media do período 1919-1928 — 33\$828)

1929	40\$710
1930	44\$393
1931	65\$712
1932	48\$530

(Media do período 1929-1932 — 49\$836)

1933	53\$760
1934	74\$255
1935	85\$095
1936	86\$022
1937	79\$432
1938	86\$387
1939	85\$563

(Media do período 1934-1939 — 82\$690)

Uma impressão ainda mais nítida poderemos apreender se fizermos um estudo da desvalorização do mil réis, isto é, procurando saber quanto de mil réis papel precisaremos para comprar um mil réis ouro.

Em 1913 o mil réis ouro valia 1\$692; a media do período de 1914 a 1918 é de 2\$097; no período de 1919 a 1928, a media do valor do mil réis ouro é

de 4\$102; no período de 1929 a 1932 é 6\$310; em 1933, de 9\$012; no período que vai de 1934 a 1940 o valor do mil réis ouro é de 13\$861.

Se tomarmos como índice = 100, o ano de 1913, a curva que se apresenta é a seguinte :

1913	100
1914-1918	123,9
1919-1928	242,4
1929-1932	372,9
1933	538,5
1934-1939	819,2

Se julgamos demasiadamente remota a base de 1913, tomemos os dados do trienio anterior à criação do I. A. A., isto é, 1929/32. Encontraremos :

1929/32	100
1933	142,8
1934/39	219,6

Quer dizer, se nós compramos todo o material para uma usina de açúcar, em ouro, esse material duplicou de valor. E é preciso salientar que nenhuma outra zona foi tão sacrificada pela oscilação cambial como os Estados de Pernambuco e Alagoas. Nesses dois Estados a Usina mantém uma verdadeira tirania no que concerne à remodelação da maquinaria. Compreende-se bem o motivo desse permanente interesse de renovação, porque somente através da técnica o Nordeste açucareiro poderá garantir a sua situação de grande produtor de açúcar, na concorrência generalizada dentro do país. Mas, apesar de todo esse gigantesco esforço de sobrevivência, a situação dos dois grandes produtores do setentrião não é satisfatória. Os números falarão mais que outro qualquer argumento. Ei-los, para Pernambuco e Alagoas :

Em Pernambuco, existem na categoria de pequenas usinas 34 fábricas. No inquérito de custo de produção industrial abrangendo do ano de 1933/34 a 1938/39, apuramos, no custo de aquisição de cana, os seguintes dados por sacco de açúcar :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	16\$104
1934/35	15\$036
1935/36	15\$511
1936/37	22\$980
1937/38	18\$889
1938/39	15\$642

II) — Usinas medias :

1933/34	15\$207
1934/35	13\$962
1935/36	15\$218
1936/37	21\$341
1937/38	21\$228
1938/39	15\$515

III) — Usinas grandes :

1933/34	15\$693
1934/35	15\$347
1935/36	14\$714
1936/37	21\$573
1937/38	18\$059
1938/39	16\$082

Em Pernambuco há dois anos positivamente anormais, os das safras de 1936/37 e 1937/38, castigados por grandes secas, ocasionando enormes reduções de safras. A media da redução da produção pernambucana foi de cerca de 50%, havendo usinas, porem, que tiveram suas produções reduzidas de 70% em relação aos seus contingentes oficialmente fixados.

Na comparação do custo de aquisição da materia prima, de acordo com o criterio da classificação, tomemos a media desses preços, com exclusão dos dois anos de anormalidade. Temos assim, para as usinas pequenas, uma média de 15\$573 por sacco; para as usinas de media capacidade 15\$000, e para as grandes usinas 15\$709 por sacco.

Compreende-se que os preços de aquisição da materia prima por parte das grandes usinas sejam mais elevados, por força do decreto que regula

as transações de compra e venda de canas. Entretanto não há uma sensível diferença entre as três categorias.

O segundo ítem do estudo se refere ao custo de transporte de cana e lenha. Eis os dados comparativos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$939
1934/35	2\$457
1935/36	1\$992
1936/37	2\$394
1937/38	1\$616
1938/39	1\$829

II) -- Usinas medias :

1933/34	1\$570
1934/35	1\$158
1935/36	1\$192
1936/37	2\$000
1937/38	1\$710
1938/39	1\$519

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$285
1934/35	1\$273
1935/36	1\$573
1936/37	2\$233
1937/38	1\$694
1938/39	1\$582

Eliminando os dois anos secos encontraremos, para os demais anos, nas pequenas usinas, uma media por sacco de açúcar de 2\$054, para as usinas medias 1\$359 e para as grandes usinas 1\$428. Já nesse ítem as diferenças são muito pronunciadas. A diferença a mais do custo de transporte das usinas pequenas, para as medias e grandes usinas, é, respectivamente, de

695 réis e 626 réis, por sacco, representando uma majoração de 51,1% e 43,8%.

A respeito do custo propriamente dito de fabricação de açúcar é que se poderá verificar a influencia da produção em massa sobre o custo unitario.

I) — Usinas pequenas :

1933/34	2\$437
1934/35	2\$237
1935/36	2\$484
1936/37	3\$274
1937/38	2\$635
1938/39	2\$291

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$180
1934/35	2\$226
1935/36	2\$833
1936/37	3\$746
1937/38	3\$255
1938/39	2\$866

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$427
1934/35	1\$475
1935/36	1\$702
1936/37	2\$174
1937/38	2\$197
1938/39	1\$816

Na análise desses dados concluiremos, abandonando as duas safras anormais, de 1936/37 e 1937/38, que a media do custo de fabricação da pequena usina foi de 2\$362 por sacco; as medias usinas tiveram uma media de 2\$526, e as grandes usinas tiveram uma despesa media de 1\$605 por sacco de açúcar. As grandes usinas têm assim uma vantagem de 757 réis por sacco, em relação às pequenas usinas e 921 réis, em comparação com as usi-

nas de media capacidade. E' interessante verificar serem as usinas medias as de maior custo de produção. A diferença entre as usinas pequenas e medias é de 164 réis por sacco. Não somente nos anos normais essa discrepância se verifica, pois, nos dois anos anormais, a media de custo de fabricação nas usinas medias foi de 3\$500 por sacco, enquanto o das usinas pequenas era de 2\$954, e o das usinas grandes de 2\$185 por sacco.

Qual seria a explicação para essa ocorrência ? Do custo de produção menor das usinas grandes não se discute; mas como explicar que as usinas de media capacidade tenham um custo maior que a pequena usina ?

Diversos motivos se poderiam apresentar: o de produção limitada em base inferior às das usinas das outras capacidades; o das despesas com técnicos e empregados especializados, o que não ocorre com as usinas de pequena capacidade, e, nas grandes usinas, essas despesas, relativamente elevadas, se diluem no vulto de sacos de açúcar fabricados. Na usina media sobrecarregaria, em demasia, esse onus.

Outro item de estudo diz respeito à sacaria. Tem-se a impressão de que essa verba deveria ser idêntica para todas as usinas. Na realidade, porem, é diferente. Vejamos pois :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	2\$052
1934/35	2\$093
1935/36	2\$417
1936/37	2\$335
1937/38	2\$073
1938/39	2\$018

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$777
1934/35	1\$703
1935/36	2\$102
1936/37	1\$945
1937/38	2\$020
1938/39	1\$903

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$685
1934/35	1\$810
1935/36	2\$115
1936/37	2\$125
1937/38	1\$859
1938/39	1\$592

Não dependendo a despesa de sacarias por sacco de açucar produzido, desde que as compras só se fazem de acordo com a produção efetiva, vejamos a media geral durante o sexenio, nas usinas das três categorias. A media das despesas para as usinas pequenas foi de 2\$081 por sacco, das usinas medias, de 1\$908, e das grandes usinas 1\$864. Quer dizer que a grande usina tem uma economia de despesa de sacaria de 213 réis em relação à usina pequena, e de 44 réis em relação à usina media. A explicação para esses fatos reside na vantagem que tem a grande usina de fazer as compras por prazo menor, não pagando assim juros, e gozando ainda de descontos. Outra explicação para essa diferença está também na utilização da mesma sacaria, em algumas das grandes usinas que são também refinadoras.

A rubrica "ordenados, salarios e gratificações" dará margem a apreciações curiosas. Vejamos a curva dessas despesas nas três categorias de usinas de açucar :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$742
1934/35	1\$987
1935/36	1\$468
1936/37	2\$407
1937/38	1\$154
1938/39	\$688

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$417
1934/35	1\$200
1935/36	1\$018
1936/37	1\$923
1937/38	1\$771
1938/39	1\$266

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$317
1934/35	1\$037
1935/36	1\$135
1936/37	2\$503
1937/38	1\$652
1938/39	1\$232

Em todas as três categorias as despesas, por sacco de açúcar, de ordenados, salarios e gratificações caíram e, no caso das pequenas usinas, por exemplo, a diferença entre 1933/34 e 1938/39, é de 1\$054 por sacco. Essa diferença corresponde a 60%. Entretanto a diferença da safra de 1938/39 em relação à de 1933/34 é somente de 35%.

A media, por sacco de açúcar, dessas despesas, nas pequenas usinas é de 1\$471, nos quatro anos de normalidade de produção; nas usinas medias é de 1\$225 e nas grandes usinas de 1\$180. E' essa rubrica um outro sinal do maior lucro da grande usina, que, pagando melhores salarios e com maiores gratificações para os seus empregados, entretanto, devido à racionalização da produção, tem-na menos cara, por sacco de açúcar. A grande usina tem uma vantagem de 291 réis em relação à pequena usina, e 45 réis, em relação à usina de media capacidade.

Com "seguros" quase que as despesas conforme a categoria se rivalizam.

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$104
1934/35	\$162
1935/36	\$138
1936/37	\$300
1937/38	\$214
1938/39	\$129

II) — Usinas medias :

1933/34	\$140
1934/35	\$123
1935/36	\$135
1936/37	\$294
1937/38	\$178
1938/39	\$132

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$145
1934/35	\$136
1935/36	\$168
1936/37	\$455
1937/38	\$241
1938/39	\$179

Retirando para a confecção da media de seguros, por sacco, os dois anos de anormalidade climática, encontramos para a pequena usina, \$133; para a usina media \$132; e para a grande usina \$157.

As despesas com “taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadorias” só aparecem em 1937/38, pois desde então é que o Governo Federal tornou compulsoria a arrecadação. As usinas pequenas tiveram nos dois anos uma despesa media de 153 réis por sacco; as usinas de media capacidade 73 réis, e as usinas de grande capacidade 123 réis.

Na parte referente à “Assistencia Social” só foram computadas as despesas verificadas com operariado da fábrica, correndo todas as despesas

com casas de trabalhadores rurais — aliás as despesas de maior vulto — pela contabilidade agrícola.

Vejamos essas despesas, por saco de açúcar, nas três categorias de usinas.

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$240
1934/35	\$259
1935/36	\$199
1936/37	\$447
1937/38	\$296
1938/39	\$347

II) — Usinas medias :

1933/34	\$430
1934/35	\$367
1935/36	\$281
1936/37	\$543
1937/38	\$400
1938/39	\$253

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$312
1934/35	\$312
1935/36	\$388
1936/37	\$940
1937/38	\$662
1938/39	\$440

A media geral das pequenas usinas é de 298 réis; para as usinas medias o nivel sobe para 379 réis por sacco de açúcar; as grandes usinas têm uma media, no sexenio, de 509 réis por sacco de açúcar. O beneficio que a grande usina proporciona ao seu operariado é superior 211 réis por sacco, ou 70,8%. Em relação à usina media, a superioridade da grande usina é de 130 réis por sacco de açúcar.

Sendo o momento atual o momento do social sobre o econômico, sendo o sinal dos tempos modernos a humanização do capital, ter-se-ia que optar pela grande usina, porque é ela que está promovendo a valorização do elemento humano, através das obras de assistência ao operário, ao trabalhador. Mas, a condensação, a centralização industrial criaria um problema mais grave ainda. Seria a produção monopolizada em poucas mãos. Não haveria por esse meio a solução. Mais justo será, pois, fortalecer a pequena e a média usina, afim de que ela faça aquilo que facilmente pode fazer a grande fábrica.

A questão de "impostos em geral" se presta também a uma útil interpretação. As diferenças da incidência do imposto sobre o saco de açúcar têm que encontrar explicação. Vejamos esses dados :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$278
1934/35	\$410
1935/36	\$373
1936/37	\$529
1937/38	1\$027
1938/39	1\$725

II) — Usinas medias :

1933/34	\$469
1934/35	\$530
1935/36	\$497
1936/37	\$810
1937/38	\$592
1938/39	\$468

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$355
1934/35	\$470
1935/36	\$420
1936/37	\$713
1937/38	\$439
1938/39	\$583

Na comparação das despesas de impostos em relação às usinas das três categorias, a media mais alta no sexenio é a das usinas medias, com 561 réis por sacco de açúcar, depois as usinas pequenas com 557 réis, e finalmente as grandes usinas com 496 réis por sacco. As variações se explicam pela incidencia de varios impostos fixos, que fazem alterar o custo final de acordo com o vulto da produção.

Quase todas as usinas de Pernambuco possuem estradas de ferro particular, o que aliás onera bastante o açúcar aí produzido. Não se poderia encaminhar a solução do transporte da cana e do açúcar em Pernambuco com a utilização da ferrovia inter-estadual. Partindo do Recife 3 eixos de linha ferrea, um procurando o limite do Estado de Alagoas, outro a Paraíba e o terceiro o sertão, não se poderia conceber que todas as usinas e toda a exploração agrícola permanecessem à margem da estrada de ferro. Mesmo que isso fosse possivel não se conseguiriam ramais de penetração nas propriedades, tornando impossivel a exploração intensa e extensa da cultura canavieira.

Em vista disso, Pernambuco teve que construir uma rede ferroviaria de 2.106 quilômetros, valendo atualmente cerca de 40.000:000\$000. Para a conservação dessa via-ferrea as usinas têm uma despesa que varia, da seguinte maneira, conforme a categoria :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$620
1934/35	\$427
1935/36	\$611
1936/37	\$961
1937/38	\$928
1938/39	\$789

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$209
1934/35	\$968
1935/35	\$607
1936/37	1\$389
1937/38	1\$057
1938/39	\$713

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$961
1934/35	\$913
1935/36	\$934
1936/37	1\$607
1937/38	\$751
1938/39	\$711

A media geral para as usinas pequenas é de \$722, a das medias usinas \$990 e das grandes usinas \$979 por sacco de açucar. E' claro que a pequena usina nessas despesas leva vantagem porque a conservação da linha ferrea longe da fábrica é que encarece essa rubrica. E claro está, que quanto maior a usina, de mais longe se faz o transporte de cana. Da mesma forma se apresenta o problema da lenha, transportada de grandes distancias para a fábrica.

Para o transporte de cana o material rodante é de suma importancia, e a conservação dos carros, vagões e locomotivas, é bastante onerosa. As diferenças das despesas, por sacco, de acordo com as categorias, são muito sensiveis. Ei-las :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$320
1934/35	\$165
1935/36	\$091
1936/37	\$252
1937/38	\$284
1938/39	\$147

II) — Usinas medias :

1933/34	\$437
1934/35	\$473
1935/36	\$388
1936/37	1\$491
1937/38	\$757
1938/39	\$538

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$058
1934/35	1\$098
1935/36	\$824
1936/37	1\$812
1937/38	1\$167
1938/39	\$789

Sendo o transporte da cana, da lenha e do açúcar feito, na grande usina, quase a totalidade pela ferrovia particular, sem a utilização mista de transporte ferroviário e de carros de bois, nesse tipo de usinas os encargos com a conservação do material rodante são sempre maiores. A grande usina e mesmo a usina media só transportam em carros de bois, em carroças ou em animais, a cana do partido para o ponto da estrada de ferro.

A pequena usina — raramente a media usina — transporta até a esteira da moenda.

A media de conservação do material rodante, excluindo os dois anos de seca, para a pequena usina é de \$180; para a usina media \$459; e para a grande usina \$942. Em compensação, a grande usina tem sempre cana fresca, e se torna possível uma moagem continua, utilizando-se toda a capacidade das moendas.

Na parte referente à conservação de linha telefônica a media do sexenio para as usinas pequenas é de 21 réis, para as usinas medias é de 246 réis, e para as grandes usinas é de 48 réis.

Uma das principais despesas numa usina de açúcar é a da conservação da fábrica e maquinismos. Comumente se emprega o termo apontamento. E desse apontamento resulta o êxito da moagem. Durante os seis anos do estudo, essas despesas foram:

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$267
1934/35	2\$055
1935/36	1\$874
1936/37	3\$103
1937/38	2\$291
1938/39	1\$754

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$610
1934/35	2\$003
1935/36	1\$836
1936/37	3\$374
1937/38	2\$227
1938/39	2\$480

III) — Usinas grandes :

1933/34	2\$481
1934/35	2\$557
1935/36	2\$445
1936/37	2\$786
1937/38	2\$868
1938/39	2\$599

Sendo a conservação da fábrica e dos maquinismos uma das mais pesadas verbas despendidas pela usina, havendo os produtores durante os dois anos secos apontado os maquinismos para uma produção normal, a grande redução da safra elevou, por sacco de açúcar, demasiadamente, essa despesa. Abstraindo, pois, as despesas desses dois anos anormais, a media das despesas de conservação para a usina pequena é de 1\$737; para a usina media é de 2\$232; para a grande usina é de 2\$520. A diferença a mais, das despesas de conservação feitas pela grande usina, é de 783 réis por sacco, em relação à pequena usina, e de 288 réis em relação à usina media. Tomando um exemplo de uma usina de 40.000 sacos, de uma outra de 120.000 sacos e finalmente de 320.000 sacos, a primeira gasta numa safra 69:480\$000, a segunda 267:840\$000, e a terceira 806:400\$000.

Tomando-se porem a despesa por sacco de 1\$737 e applicando-a nos dois outros tipos de usinas, verificamos que uma usina de 120.000 sacos gasta

a mais 59:400\$000 numa safra do que uma usina de 40.000 sacos. Finalmente uma usina de capacidade de 320.000 sacos, se tivesse uma despesa por sacco de 1\$737, alcançaria 55:840\$000. Encontramos assim uma diferença a mais de 250:560\$000 numa safra.

A primeira vista poderíamos supor que, quanto maior a usina, maior a despesa unitaria por sacco de açúcar. A realidade, porem, é diferente. O que ocorre é que a pequena usina, vivendo sempre em maiores dificuldades de crédito, faz uma despesa de conservação pequena. Dentro de alguns anos, com a deficiencia de conservação, muitas das pequenas usinas de Pernambuco estão votadas ao aniquilamento. Gastando-se o ferro, não substituidos os maquinismos, à pequena usina só restará vender como ferro velho o que lhe restar, vender a quota que representa alto valor, e vêr crescer a grande e a media usina. E' afinal da propria fatalidade econômica a vitoria do mais forte.

Em despesas gerais se catalogam todas as verbas de difficil discriminação, alugueis, selos, comissões, despesas judiciais, despesas de automoveis, bonificações, anuncios, publicidade, despesas de viagem, doações, corretagem e despesas diversas.

Esas despesas gerais se distribuem, conforme as três categorias, da seguinte maneira :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$617
1934/35	2\$167
1935/36	1\$573
1936/37	3\$257
1937/38	4\$132
1938/39	1\$762

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$872
1934/35	1\$205
1935/36	1\$156
1936/37	2\$133
1937/38	1\$619
1938/39	1\$176

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$750
1934/35	1\$063
1935/36	1\$692
1936/37	3\$136
1937/38	2\$256
1938/39	1\$773

Abstraindo da media os dois anos de produção anormal, encontramos para a usina pequena 1\$779 por sacco de açúcar, para as medias usinas 1\$357 e para as grandes usinas, uma media, por sacco de açúcar de 1\$569.

Quanto às despesas com “fretes e carretos” elas decorrem da distancia do grande centro distribuidor da produção pernambucana, que é Recife. Elas oscilam de acordo com as tarifas ferroviarias, com o preço do transporte marítimo de barçaça, com o transporte em caminhão, e com as bonificações dadas pela companhia da estrada de ferro.

Foram as seguintes as despesas com os fretes e carretos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	2\$172
1934/35	2\$493
1935/36	1\$314
1936/37	1\$111
1937/38	1\$860
1938/39	2\$985

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$213
1934/35	1\$954
1935/36	2\$216
1936/37	2\$226
1937/38	2\$037
1938/39	\$477

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$899
1934/35	1\$937
1935/36	2\$024
1936/37	2\$056
1937/38	1\$843
1938/39	2\$008

A media de despesas com fretes e carretos, para as pequenas usinas é de 1\$989, para as usinas de media capacidade 2\$187, e para as usinas grandes 1\$961. As usinas grandes têm uma pequena vantagem no transporte de açúcar porque as principais usinas pernambucanas mandavam, até há pouco, as suas produções por via marítima. A Usina Tiuna está também às portas de Recife, numa distância de 28 quilômetros. Quer dizer que 30% da produção pernambucana — e das grandes usinas — têm uma despesa de transporte de açúcar mais reduzida.

No Estado de Pernambuco toda a produção açucareira é recebida e vendida pelo Sindicato de Usineiros. Ao produtor desse Estado recai quase todo o onus da armazenagem e da **warrantagem** necessaria à normalidade da defesa do açúcar brasileiro.

Sem essa estocagem, grande parte da produção verificada em 5 meses seria rapidamente escoada, trazendo o rebaixamento geral dos preços do açúcar no país. Por isso, o custo de produção em Pernambuco — como em Alagoas — apresenta essa despesa, o que não ocorre com nenhum outro centro produtor.

As despesas, conforme as três categorias de fábricas, são as seguintes :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$411
1934/35	1\$154
1935/36	\$821
1936/37	1\$931
1937/38	1\$666
1938/39	1\$348

II) — Usinas medias :

1933/34	\$920
1934/35	\$977
1935/36	1\$362
1936/37	2\$119
1937/38	1\$978
1938/39	1\$411

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$675
1934/35	\$933
1935/36	1\$008
1936/37	1\$747
1937/38	1\$341
1938/39	\$993

Sendo uma verba cuja expressão real deve ser argumento para a disseminação dos encargos de **warrantagem** e estocagem por todos os centros produtores, que têm interesse na manutenção dos níveis de preço, é necessario encontrar a media, abstraindo-se dos dois anos de seca, que elevaram bastante tais despesas por unidade. A media para as pequenas usinas é de \$908, para as usinas medias 1\$167, e para as grandes usinas \$902, por sacco de açúcar.

Finalmente, uma das últimas verbas a analisar é a referente aos honorarios e gratificações da diretoria, quando se tratar de sociedade, ou retiradas do proprietario da usina. Qual a verba justa que se deveria arbitrar para uma normal retirada pelo usineiro ? Claro que o consumidor não deverá pagar as extravagancias, o perdularismo e mesmo a munificencia dos produtores. Quer dizer que teríamos de encontrar qual a media justa por sacco que o usineiro deveria receber pelo açúcar produzido. No estudo individual de cada usina, encontramos produtores que quase nada retiravam, outros mesmos tendo fontes varias de renda deixam de sobrecarregar essa verba na usina. Usineiros há, porem, que tudo retiram da usina, vivendo todos — o usineiro e sua familia — das parcas rendas da fábrica. Claro que, quanto menor a usina, mais estará sobrecarregada com a verba de retiradas. Essa verba assim se distribue, de acordo com as três categorias :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$133
1934/35	1\$396
1935/36	1\$530
1936/37	4\$579
1937/38	2\$777
1938/39	2\$273

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$931
1934/35	1\$166
1935/36	\$877
1936/37	2\$227
1937/38	2\$037
1938/39	1\$340

III) -- Usinas grandes :

1933/34	\$949
1934/35	\$808
1935/36	\$814
1936/37	1\$752
1937/38	1\$113
1938/39	\$970

Abstraindo-se do cálculo os dois anos anormais, a media da pequena usina é de 1\$583 por sacco, da usina media de 1\$329 e da grande usina de 885 réis. Quer dizer que, nessa rubrica, a grande usina leva uma vantagem de 698 réis em relação à pequena usina, e de 444 réis em relação à usina media.

Tomando-se em consideração que para todas as usinas é idêntica a taxa de 3\$000 por sacco, vamos encontrar a seguinte media, de custo de produção de um sacco de açúcar, conforme as categorias :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	35\$179
1934/35	37\$501
1935/36	35\$785
1936/37	53\$381
1937/38	45\$635
1938/39	38\$460

II) — Usinas medias :

1933/34	37\$825
1934/35	33\$210
1935/36	34\$588
1936/37	50\$455
1937/38	45\$646
1938/39	36\$790

III) — Usinas grandes :

1933/34	35\$006
1934/35	34\$180
1935/36	35\$001
1936/37	50\$713
1937/38	41\$323
1938/39	36\$535

Retirando da media do custo de produção do Estado, nas três categorias de fábricas, os dois de safras anormais, encontramos uma media de 36\$731, para as usinas pequenas; de 35\$603, para as usinas medias; e para as grandes usinas 35\$180 por sacco de açúcar. Comparando-se os três preços de custo, as grandes usinas têm uma vantagem de 1\$551, por sacco, em relação às usinas pequenas, e 523 réis em relação às medias. As usinas medias têm uma diferença, a seu favor, de 1\$128 em comparação com as pequenas usinas. E' curioso, porem, o estudo do custo de produção do Estado, por categoria, eliminando as verbas de "Despesas gerais" e "honorarios e gratificações da diretoria ou retiradas dos proprietarios". A media de custo de produção durante o quatrienio de produção normal, para as usinas pequenas foi de 33\$393 por sacco de açúcar;

para as usinas medias 32\$912; para as grandes usinas essa media é de 32\$725. Quer dizer que as grandes usinas têm somente uma diferença de 668 réis, em relação à pequena, e 187 réis, em relação à usina media.

Computados, isoladamente, os dois anos de anormalidade de produção, encontramos para as usinas pequenas uma media de 49\$508, a usina de media capacidade 48\$050 e a usina grande 46\$018, por sacco de açúcar. A diferença em favor da usina de grande capacidade foi de 3\$490, por sacco, em relação à usina pequena, e 2\$032, em relação à usina media. A diferença entre as usinas media e pequena é de 1\$458, por sacco.

Da análise desse período de dois anos, se depreende que a capacidade de resistencia da grande usina é bem superior, em período de acentuada crise de produção, à das usinas medias e pequenas.

B) — ALAGOAS

A situação da industria açucareira de Alagoas é bem mais critica que a de Pernambuco. Existem no Estado três grandes usinas com capacidade superior a 200.000 sacos, e as demais têm seus limites em nivel abaixo de 70.000 sacos. Quer dizer que, na primeira categoria, existem 3 usinas grandes, com capacidade superior a 100.000 sacos, 8 na segunda categoria, com capacidade oscilando de 30.000 a 100.000 sacos e 18 com capacidades inferiores a 30.000 sacos.

No estudo das usinas pequenas alagoanas faltaram-me elementos reais de constatação de custo de produção na safra 1933/34, que pudessem fornecer uma media honesta. Diante disso, prefiro eliminar do estudo das usinas pequenas essa safra.

Os dados de custo de aquisição de materia prima, nas usinas das diversas categorias, são :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	14\$474
1935/36	12\$144
1936/37	17\$716
1937/38	21\$723
1938/39	15\$802

II) — Usinas medias :

1933/34	16\$975
1934/35	17\$243
1935/36	13\$909
1936/37	19\$532
1937/38	20\$711
1938/39	17\$890

III) — Usinas grandes :

1933/34	15\$724
1934/35	15\$097
1935/36	14\$331
1936/37	17\$857
1937/38	18\$796
1938/39	16\$496

Eliminando do estudo os dois anos de 1936/37 e 1937/38 que tambem foram bastante anormais em Alagoas, a media para as pequenas usinas foi de 14\$140, para as usinas medias foi de 16\$504 e para as usinas grandes, de 15\$412.

De acordo com as tabelas de compra e venda de canas, aprovada pelo Governo Estadual, em virtude do decreto n.º 178, se compreende que as grandes usinas paguem mais que as usinas das duas outras capacidades.

Mas, que ocorreria em Alagoas, para que as usinas de media capacidade tivessem tido uma despesa de aquisição de materia prima superior à de uma grande usina?

Temos a impressão de que a especulação, o leilão de canas, entre usinas da mesma categoria, e, principalmente, em usinas das duas categorias de menor capacidade, motivou essa discrepância.

O custo de transporte de cana e lenha em Alagoas é bastante elevado. Vejamos, de acordo com as três categorias, a oscilação dessas despesas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	1\$822
1935/36	1\$211
1936/37	1\$262
1937/38	1\$504
1938/39	1\$064

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$351
1934/35	2\$392
1935/36	1\$915
1936/37	2\$435
1937/38	1\$927
1938/39	2\$204

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$657
1934/35	1\$388
1935/36	1\$357
1936/37	1\$802
1937/38	1\$672
1838/39	1\$770

Deixando os dois anos de grande rebaixamento da produção, a media geral do custo de transporte de cana e lenha é de 1\$365, para as usinas pequenas, para as usinas medias 2\$216, e para as usinas grandes é de 1\$518 por sacco de açúcar. As usinas medias são as mais oneradas devido, naturalmente, ao custo mais elevado do transporte de cana e lenha, em carros de bois e em cavalos e burros. Com o pagamento de 5 a 6 mil réis por um

carreiro para o transporte de 3 ou 4 toneladas por dia, para o pagamento de um cambiteiro a 4 e 5 mil réis diários, para se fazer transporte de 90 a 100 feixes de cana por dia, para usinas de 300 e 400 toneladas, ainda mais o transporte de muita cana e lenha em caminhão — inegavelmente o mais caro dos transportes — talvez aí resida a explicação dessa anomalia. E' demasiadamente elevada a diferença a mais para a usina media de \$851 em relação à usina pequena, e de \$698 em relação à usina grande. A usina pequena tem uma vantagem de \$153 sobre a grande usina. E' preciso notar que as usinas medias têm em grande parte o seu transporte feito através da Great Western of Brazil Railway. E sempre é mais caro o transporte por essa ferrovia do que pela via ferrea particular.

Vejamos, agora, o custo de fabricação de açúcar para as três categorias:

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	2\$072
1935/36	2\$703
1936/37	3\$178
1937/38	2\$490
1938/39	2\$680

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$985
1934/35	2\$890
1935/36	2\$977
1936/37	3\$642
1937/38	3\$733
1938/39	2\$752

III) — Usinas grandes :

1933/34	6\$029
1934/35	4\$683
1935/36	4\$748
1936/37	6\$271
1937/38	4\$948
1938/39	3\$302

Os dados de custo de fabricação de açúcar são completamente desnor-teantes. Por que o custo de fabricação de duas grandes usinas — que de-ram a media da categoria — é tão elevado? Por que as usinas pequenas têm a primazia, em Alagoas, do custo de produção mais baixo? Consignado o fato, a media dos anos de safras normais, para as usinas pequenas, é de 2\$485 por sacco; para as usinas medias, 2\$901 e para as grandes usinas é superior 61% e 88%, respectivamente, em relação às medias e peque-nas usinas. E' verdade que as usinas pequenas e medias fazem grandes quantidades de demerara, cujo custo de fabricação é menos elevado que o do açúcar cristal.

O custo de sacaria tambem varia de conformidade com o tipo de usina. Assim, encontramos os seguintes valores da sacaria por sacco de açúcar, de acordo com as categorias de fábricas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	1\$391
1935/36	1\$931
1936/37	2\$091
1937/38	1\$363
1938/39	1\$635

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$563
1934/35	1\$482
1935/36	1\$892
1936/37	1\$468
1937/38	1\$420
1938/39	1\$788

III) — Usinas grandes :

1933/34	2\$231
1934/35	2\$209
1935/36	2\$314
1936/37	2\$430
1937/38	2\$293
1938/39	2\$063

A media do custo da sacaria, excluidas as safras de 1936/37 e 1937/38, foi para as pequenas usinas de 1\$652, para as usinas medias 1\$681, e para as usinas grandes 2\$204, por sacco de açucar produzido. Qual o motivo dessa divergencia, que vem a chocar com a situação das diversas categorias verificadas em Pernambuco? A sacaria empregada para açucar demerara é inferior à do açucar cristal. Aí deve residir a explicação dessas divergencias.

No capítulo "ordenados, salarios e gratificações", a situação da pequena usina alagoana, é, sob o ponto de vista de economia, altamente satisfatoria. Mas, tem-se a impressão de que nesses tipos de fábrica os salarios são ridiculos e a eficiencia é nula. Os dados, por sacco de açucar, são convincentes e denotam um fato positivo.

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	\$376
1935/36	\$835
1936/37	\$989
1937/38	\$938
1938/39	\$760

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$096
1934/35	1\$422
1935/36	2\$232
1936/37	3\$109
1937/38	2\$433
1938/39	1\$744

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$525
1934/35	1\$348
1935/36	1\$412
1936/37	2\$727
1937/38	2\$194
1938/39	1\$349

Tomando a media do período normal de produção, encontramos para a pequena usina uma media de \$657, para a usina de media capacidade 1\$874, e para a usina grande 1\$408, por sacco de açucar. A pequena usina tem uma diferença, a seu favor, em relação à usina media, de 1\$217 por sacco, e de \$751 em relação à grande usina.

Já em materia de seguro a situação da pequena usina se apresenta com desvantagem. Encontramos os seguintes dados :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	
1935/36	\$249
1936/37	
1937/38	\$175
1938/39	\$150

II) — Usinas medias :

1933/34	
1934/35	\$224
1935/36	\$218
1936/37	\$316
1937/38	\$207
1938/39	\$154

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$106
1934/35	\$056
1935/36	\$069
1936/37	\$298
1937/38	\$029
1938/39	\$010

A media de “seguros” por sacco de açucar, nas usinas pequenas é de \$199, nas usinas de media capacidade é de \$198, e nas grandes usinas de \$060.

As grandes usinas estão com uma vantagem de \$139, por sacco, em relação às usinas pequenas e \$138, em relação às usinas medias.

Com taxas e contribuições às caixas de pensões e aposentadorias, tornadas obrigatorias a partir da safra 1937/38, as pequenas usinas têm uma media de \$116, por sacco de açúcar, as usinas medias \$053, e as usinas grandes \$055, por sacco de açúcar produzido.

Na rubrica "Assistencia Social", as usinas pequenas estão em peor situação, porque são as que menos gastam. Aliás é incomensuravel a distancia que vai entre o trabalho de valorização humana da usina pernambucana e da alagoana. Terra menos civilizada, não sofrendo o embate de questões de ordem social, que se depara à Usina pernambucana, em Alagoas vêem-se, por exemplo, casas de operarios e trabalhadores rurais, verdadeiras cubatas africanas. A casa de tijolo para o homem do campo somente há pouco tempo surgiu. As diferenças nas verbas de "assistencia social" não são muito sensiveis, porque, em Pernambuco, elas são anotadas na escrituração agrícola.

De acordo com as categorias officiais de tipos de usinas, as verbas, por sacco de açúcar, gastas com "Assistencia social" são :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	
1934/35	\$106
1935/36	\$213
1936/37	\$163
1937/38	\$196
1938/39	\$237

II) — Usinas medias :

1933/34	\$163
1934/35	\$134
1935/36	\$137
1936/37	\$166
1937/38	\$201
1938/39	\$266

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$366
1934/35	\$228
1935/36	\$353
1936/37	\$541
1937/38	\$264
1938/39	\$188

A media de despesa por um saco de açúcar foi de \$185 para as usinas pequenas, de \$175 para as usinas medias e para as usinas grandes \$283.

Com os impostos, incluindo os municipais, estaduais e federais, a situação das usinas dos diversos tipos é a seguinte :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	\$128
1935/36	\$360
1936/37	\$695
1937/38	\$480
1938/39	\$552

II) — Usinas medias :

1933/34	\$336
1934/35	\$282
1935/36	\$218
1936/37	\$545
1937/38	\$395
1938/39	\$359

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$148
1934/35	\$266
1935/36	\$518
1936/37	\$415
1937/38	\$215
1938/39	\$189

A media dos impostos, por sacco de açucar nas usinas pequenas, foi de \$346, nas usinas de media capacidade de \$298 e nas grandes usinas de \$280.

Há, nos números acima, completa justificativa, em contraste com as despesas feitas pelas usinas alagoanas, dos itens anteriores, que patenteiam fenômenos que merecem maior análise e, muitas vezes até, meditação.

Algumas usinas de pequeno porte têm desvios e exiguos trechos de via ferrea particular, o que no entanto onera enormemente a conservação.

Segundo os dados do inquérito realizado, são as seguintes as verbas, por sacco de açucar produzido, nas diversas categorias :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	1\$160
1935/36	\$593
1936/37	\$807
1937/38	\$506
1938/39	\$448

II) — Usinas medias :

1933/34	\$335
1934/35	\$655
1935/36	\$484
1936/37	\$374
1937/38	\$476
1938/39	\$401

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$408
1934/35	\$227
1935/36	\$121
1936/37	\$335
1937/38	\$529
1938/39	\$273

A media das despesas verificadas nas usinas de pequena categoria, isto é, das usinas pequenas, foi de \$733 por sacco, nas usinas medias, de \$468 e nas grandes usinas de \$257. Seria, talvez, falso concluir pela condenação da pequena usina como possuidora de estrada de ferro.

Em compensação, a conservação do material rodante é praticamente nula para as pequenas usinas que durante o período do estudo tiveram as seguintes despesas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	\$038
1935/36	\$040
1936/37	\$066
1937/38	\$055
1938/39	\$023

II) — Usinas medias :

1933/34	\$810
1934/35	\$516
1935/36	\$847
1936/37	1\$244
1937/38	\$414
1938/39	\$531

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$929
1934/35	\$580
1935/36	\$783
1936/37	1\$032
1937/38	\$650
1938/39	\$393

As despesas das usinas pequenas são, por sacco de açúcar, de \$033, das usinas medias de \$676, e das usinas grandes de \$671. Por esses dados constatamos que, praticamente, as pequenas usinas não possuem material ro-

dante. Quanto à comparação das despesas de usinas medias e grandes, verificamos que elas são idênticas, pois, a diferença é de \$005 por sacco de açúcar.

Quanto à conservação da linha telefônica, cumpre notar que as pequenas usinas não possuem aparelhos de telefone. As medias usinas tiveram, durante o sexenio de 1933/34 a 1938/39, uma despesa de \$034 por sacco de açúcar, e as grandes usinas uma media de despesa de \$028.

Na importante rubrica de “conservação da fábrica, maquinismos, predios e dependencias”, existem as seguintes despesas, durante o sexenio :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	3\$127
1935/36	2\$957
1936/37	3\$865
1937/38	3\$438
1938/39	3\$161

II) — Usinas medias :

1933/34	3\$887
1934/35	2\$244
1935/36	5\$065
1936/37	4\$835
1937/38	3\$725
1938/39	3\$105

III) — Usinas grandes :

1933/34	2\$636
1934/35	1\$915
1935/36	3\$136
1936/37	6\$872
1937/38	4\$392
1938/39	1\$641

Excluindo do cálculo os dois anos de seca, a media de conservação das pequenas usinas, por sacco, foi de 3\$081, nas usinas medias 3\$575, e nas pequenas usinas a media de despesas foi de 2\$357 por sacco de açúcar. As grandes usinas têm uma vantagem de 1\$218 por sacco, em relação às usinas medias, e em relação às pequenas usinas, essa vantagem é de \$724 por sacco. Correspondem essas vantagens, respectivamente, a 51% e 30%. Esses dados são perfeitamente lógicos desde que as grandes usinas devem sempre ter um custo de fabricação inferior ao das usinas dos outros dois tipos de fábrica.

As “despesas gerais” são sempre a verba sobre a qual mais debates se suscitam. Julgam muitos que através dela se processa o escoamento de despesas particulares varias, que não deveriam figurar, normalmente, na verificação do custo de produção do açúcar.

Tive, porem, o cuidado de levantar as principais despesas que convergiram para a formação da rubrica.

Essas despesas, foram, no sexenio :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	1\$621
1935/36	2\$331
1936/37	3\$648
1937/38	4\$261
1938/39	2\$113

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$845
1934/35	1\$515
1935/36	1\$602
1936/37	2\$306
1937/38	2\$271
1938/39	1\$805

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$660
1934/35	1\$291
1935/36	1\$872
1936/37	2\$955
1937/38	2\$279
1938/39	2\$014

A media do período normal de produção foi de 2\$001 por saco de açúcar, de 1\$691 para as usinas de media capacidade, e de 1\$709 para as grandes usinas. No presente caso a usina media tem uma diferença, a seu favor, de \$310 em relação às pequenas usinas e \$018, em relação às grandes usinas.

Vejamos agora as despesas com fretes da usina até Maceió, e carretos do açúcar da estação ferroviaria até o armazem na capital. As usinas, durante o período do estudo, tiveram essas verbas da seguinte maneira distribuidas, de conformidade com as categorias :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	2\$284
1935/36	2\$305
1936/37	2\$175
1937/38	2\$000
1938/39	1\$902

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$738
1934/35	1\$706
1935/36	1\$656
1936/37	1\$848
1937/38	1\$760
1938/39	1\$790

III) — Usinas grandes :

1933/34	2\$510
1934/35	2\$438
1935/36	2\$421
1936/37	2\$458
1937/38	2\$410
1938/39	2\$398

Não dependendo essas despesas do maior ou menor volume de produção, a media geral, por categoria, abrangerá todos os anos. Assim, para as pequenas usinas, essa media é de 2\$133 por sacco, para as medias usinas de 1\$749 e para as grandes usinas 2\$439. Essa diferença em favor das usinas medias de \$384 em relação às usinas pequenas e de \$690, em relação às grandes usinas, resulta, unicamente, da situação geográfica da fábrica. De fato, as usinas “Brasileiro” e “Serra Grande”, por exemplo, duas usinas com limite de produção superior a 200.000 sacos ficam — uma no município de Atalaia a cerca de 100 quilômetros de Maceió, e a outra, a “Serra Grande”, nos limites de Alagoas com Pernambuco, a mais de 200 quilômetros da capital alagoana.

Quanto à verba de despesa com armazenagem e **warrantagem**, é preciso esclarecer que em Alagoas o regime de trabalho, isto é, de exploração comercial, difere do de Pernambuco. Enquanto em Pernambuco existe um Sindicato de produtores, que recebe e vende toda a produção dividindo, equitativamente, todas as despesas comerciais, em Alagoas existe uma Comissão de Vendas, que faz o controle da exportação, porem não monopoliza as vendas. Qualquer usineiro que traz o seu açúcar a Maceió, pode vendê-lo, imediatamente, aos comerciantes, meros intermediarios. Ficando efetuada logo a venda do açúcar, não se sobrecarrega o custo geral de produção com a verba de armazenagem e **warrantagem**. Vejamos a situação dos produtores alagoanos, de acordo com a capacidade de suas fábricas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	\$033
1935/36	\$052

1936/37	\$276
1937/38	\$002
1938/39	\$239

II) — Usinas medias :

1933/34	\$611
1934/35	\$698
1935/36	1\$351
1936/37	1\$381
1937/38	1\$638
1938/39	\$905

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$071
1934/35	\$981
1935/36	\$931
1936/37	1\$167
1937/38	\$923

A media de despesas, por sacco de açucar produzido, foi, para as pequenas usinas, de \$108, para as usinas de media capacidade \$891, e para as grandes usinas \$970. As usinas pequenas têm uma vantagem de \$783 por sacco, em relação às usinas medias, e em relação às grandes usinas \$862, por sacco de açucar.

Temos a impressão de que os usineiros proprietarios das pequenas usinas, premidos pela necessidade de transformar o açucar em dinheiro imediatamente, logo vendem a sua produção semanal ao intermediario comerciante. Daí a quase nula despesa com armazenagem e **warrantagem**.

Finalmente, segundo a discriminação das rubricas, as despesas com honorarios e gratificações dos proprietarios, das fábricas, no sexênio 1933/34 a 1938/39, foram, por sacco de açucar ;

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	1\$146
1935/36	1\$968
1936/37	2\$606
1937/38	1\$511
1938/39	1\$257

II) — Usinas medias :

1933/34	\$951
1934/35	\$772
1935/36	\$964
1936/37	1\$386
1937/38	1\$030
1938/39	\$624

III) — Usinas grandes :

1933/34	3\$907
1934/35	2\$860
1935/36	2\$781
1936/37	5\$008
1937/38	3\$921
1938/39	2\$124

A media das despesas, por sacco de açucar, nas usinas pequenas, abandonados os dois anos de produção anormal, é de 1\$457, nas usinas medias de \$827 e nas usinas grandes de 2\$918. As usinas medias é que têm as despesas mais baixas, com uma vantagem de \$630 sobre as usinas pequenas, e de 2\$091 sobre as usinas grandes. Quer dizer que os gastos das pequenas usinas são superiores 77,3% em relação às usinas medias, e as grandes usinas têm despesas, com retiradas e honorarios dos proprietarios ou directores de sociedades anônimas, superiores às das medias usinas de 252,8%.

Computando-se a soma total das despesas feitas com um sacco de açucar, encontramos, para o Estado de Alagoas os seguintes dados, a partir de 1933/34 até 1938/39 :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	—
1934/35	32\$778
1935/36	32\$892
1936/37	42\$537
1937/38	43\$711
1938/39	35\$186

II) — Usinas medias :

1933/34	40\$339
1934/35	37\$217
1935/36	38\$478
1936/37	50\$606
1937/38	45\$432
1938/39	39\$393

III) — Usinas grandes :

1933/34	43\$907
1934/35	38\$567
1935/36	40\$156
1936/37	55\$238
1937/38	48\$565
1938/39	38\$174

Não teremos dúvidas para concluir, nesse caso alagoano, com um paradoxo. A grande produção faz sempre rebaixar o custo unitario. Em Alagoas há verbas, nas grandes usinas, francamente exageradas. Num dia futuro, quando o Governo promova a sua intervenção de maneira mais profunda, ele irá arbitrar a elasticidade dessas verbas. Terá de dar um limite máximo a que essas despesas poderão chegar, pois, se elas ultrapassam o normal, que sobrecarregue então o lucro do industrial, porem, nunca o custo de produção do açúcar, pois far-se-ia pressão sobre o consumidor.

A media do custo de produção de um sacco de açúcar, eliminando os dois anos secos, foi, para as usinas pequenas de 33\$618, para as usinas medias de 38\$856, para as usinas grandes de 40\$201.

E' realmente de pasmar a diferença de 6\$583 por sacco, das usinas pequenas sobre as grandes usinas. As pequenas usinas têm também uma notavel diferença de 5\$238 em relação às usinas medias. As medias usinas têm uma vantagem de 1\$345, por sacco, sobre as grandes usinas. Esses dados demonstram que as grandes e as medias usinas têm um custo de produção superior, respectivamente, de 19,5 e 15,5% ao custo das usinas pequenas.

C) — SERGIPE

A historia açucareira de Sergipe é idêntica à historia do Brasil. O seu engenho em nada differia dos outros banguês que encheram a paisagem brasileira desde os primeiros instantes da colonização, que foi, indubitavelmente, uma colonização açucareira. E como teriam sido os primeiros engenhos de açúcar construidos no Brasil? E, como se teria processado a sua evolução, a sua transformação, vindo das formas primitivas aos tipos adiantados dos engenhos banguês do Norte?

Naquelas paisagens desconhecidas aos olhos dos primeiros povoadores, à beira-mar, — pois o sertão, poucos quilômetros a dentro da terra a conquistar, era uma incógnita — se começou a plantar cana de açúcar, e a se construir o engenho, que veiu a ser a riqueza e motivo de civilização do Brasil colonial. E' de crêr que, sem a cana de açúcar e sem o engenho, jamais se teria conseguido dar destaque ao Nordeste, e mesmo ao resto do Brasil. Onde se localizavam a riqueza, a população e a civilização brasileiras, nesses primeiros trezentos anos? No valê do Paraíba, na zona da mata de Pernambuco, numa faixa que descia de Porto Calvo a Coruripe em Alagoas, na zona litoranea de Sergipe, no Recôncavo baiano e nas planicies das baixadas do Rio de Janeiro. Emergiam, como corolario dessa exploração açucareira, os grandes centros urbanos do Recife e Olinda, as cidades de Porto Calvo e Alagoas, São Salvador e Campos.

O engenho primitivo era de pilão, e depois, de mó. Esse último tipo de engenho pode-se facilmente analisar, através de uma litogravura do século XVII, publicada por Nicolss Johannes Visscher, constando de uma pedra, semelhando pedra de mó, com um diâmetro de um metro e meio e alguns centímetros de espessura. Do centro da pedra de mó, parte uma viga de três a quatro metros, onde se ajustam duas outras vigas, presas ao teto, possibilitando assim, pelo esforço de dois homens, um movimento

circular à pedra, que vai esmagando a cana depositada no chão. Em pequenas vasilhas, o caldo da cana era aparado e levado a duas tachas de ferro, recebendo fogo direto, e sem nenhum assentamento. Na primeira tacha o caldo da cana era fervido e na segunda se apurava o ponto de melado. Depois dessa última operação, o xarope era colocado em pequenas formas de barro.

Em todos os setores da fabricação de açúcar se utilizavam treze homens, sendo dois para carregamento de canas para a moenda de pedra, um para arrumá-las com um gancho afim de submetê-las à pressão da mó, dois na viga, três na coleta do caldo, dois no cozimento e enchimento das formas, dois no transporte das formas para uma prateleira, com um orifício por onde se desatacavam as formas, afim de escorrer o mel de furo e um para transporte do bagaço de cana. Nesse rudimentar processo cifrava-se a fabricação de açúcar em quase todo o século XVI. Porém, ainda no século do descobrimento, alguns melhoramentos se introduzem na indústria açucareira: a abstenção do braço humano para movimentar a moenda, a substituição da pedra de mó, a utilização dos riachos na movimentação das rodas dagua, que acionavam as moendas, e, na falta dagua corrente, a utilização do boi e do cavalo nas almanjarras.

Os engenhos de dois eixos foram os mais usados no Brasil até o primeiro quartel do século XVII, e consistiam “em dous eixos postos hum sobre o outro, movidos com huma roda de agoa, ou de bois, que andavam com huma muito campeira chamada bolandeira, a qual ganhando vento movia e fazia andar outras quatro, e os eixos em que a canna se moia; e além desta machina havia outra de duas ou trez gangorras de paus compridos, mais grossos do que toneis, com que aquella canna, depois de moida nos eixos, se expremia, para o que tudo, e pera as fornalhas em que o caldo se cose, e encorpora o assucar, era necessario huma casa de cento e cincoenta palmos de comprimento e cincoenta de largo”.

Entre 1608 e 1612, durante o governo de D. Diogo de Menezes, se introduz na industria açucareira um melhoramento de grande relevancia. Era “um systema de moendas nos engenhos de assucar, o qual consistia em trez cylindros, ainda verticaes, que por meio de entrosas se fazia girar com a rotação do cylindro do meio. Essas moendas estiveram em uso até meiodos do seculo XIX, quando foram substituidas por horizontaes, do invento do engenheiro Leandro Guimarães, que tambem aperfei-

çou as rodas horizontaes”. Esses engenhos de três páus se denominaram de entrosas, devido à sua construção, e podiam ser movimentados, quer com a roda dagua, quer com uma almanjarra de bois ou cavalos.

As caldeiras de cozimento eram cinco em cada engenho, “e leva duas pipas pouco mais ou menos de mel, além de hums tachos grandes, em que se põem em ponto de assucar, e se deita em fôrma de barro no tendal, donde as levão á casa de purgar, que he muito grande, e postas em andainas lhes lanção hum bolo de barro batido na bocca, e depois daquelle outro, com o assucar se purgã, e faz alvissimo, o que se fez por experiencia de huma gallinha, que acertou de saltar em uma fôrma com os pés cheios de barro, e ficando todo o mais assucar pardo, virão só o lugar da pegada ficou branco.”

Tanto a inovação nas moendas, como a técnica da fabricação do açucar, podem ser percebidas nas ilustrações do livro de Piso, “Historia Naturalis Brasiliae” e do texto desse documentario da industria açucareira durante o período nassoviano, tiraremos muitos elementos para o seu conhecimento. Entre as conclusões do estudo dessa documentação, a mais importante é a que se refere ao aproveitamento do bagaço. “A casca da canna duas vezes expremida, o “bagaço”, servia de combustível para o aquecimento das caldeiras”.

Pela tradução literal de Piso verificamos, realmente, que “a canna esmagada pela primeira vez, volta outra vez aos cylindros, para que, se houver ainda um resto de succo, seja expremida totalmente e é então chamada bagaço que, como residuo inutil é lançado ao fogo.” Deduz-se que o bagaço da cana era empregado como combustível, se bem que se queimassem 15 a 40 cargas de lenha, por dia, o que ocasionava a derrubada de matas inteiras. Pouco tempo depois, porem, a Provisão de 3 de novembro de 1862 prohibia o levantamento de engenhos em distancia inferior a uma legua, um do outro. “De fato, em cada zona de engenho quatro ou cinco fogos estavam sempre acesos, ininterruptamente, por espaço de 7 e 8 meses, custando de 2 a 4 mil cruzados de despesas. Essa prohibição durou até à lei de 13 de novembro de 1827, que deixou livre a toda pessoa levantar engenhos em suas terras, a quaisquer distancias dos outros e sem dependencia de licença. Vivia nessa época na Baía o dr. Manuel Jacinto de Sampaio e Melo, senhor do engenho São Carlos — pejorativamente denominado engenho da Filosofia — a quem coube a oportu-

nidade do uso do bagaço de cana como combustível, em substituição à lenha". O conjunto dessas duas citações elucida que, após o emprego do bagaço como combustível, foi ele inteiramente abandonado, para ressurgir, na sua util aplicação, cerca de dois séculos após.

Na mesma época que Piso escreveu a sua obra, um outro notável estudioso holandês, Marcgrav, deixava-nos a sua impressão sobre os engenhos do Nordeste, que os brasileiros chamavam de Ibirababaca e Ibiraparanga, se eram "engenhos de bois" ou "engenhos dagua". O engenho dagua tinha três classificações, de "rasteiro", "meo copeiro" e "copeiro", conforme a altura em que a água ferisse a roda. "O moinho dagua é movido mediante três rodas, a saber, a roda dagua, uma dentada menor e outra maior, as "Rodas dagua", "Rodete" e "Bolandeira" dos portugueses.

A roda dentada maior tem raios duplos a que chamam "aspes" e "contrages". A moenda movida a bois não possui rodas e tem páus fixos em cima que descem obliquamente e neles atrelam-se os animais, para pô-la em movimento. Ambas as moendas constam de três rolos grossos, os "Eixos" dos portugueses, feito de madeira dura de árvore Japapucaia. Os rolos são armados de lâminas grossas de ferro, em forma de anéis circulares, tendo em cima e em baixo eixos de ferro, nos quais giram, metidas em madres de ferro e estas em traves transversais chamadas pontes. A trave inferior é sustentada por outras duas transversais que se chamam "Chumasseiros". Perto dos rolos, em cada lado, há uma mesa de madeira ("Tavoleira") para colocar a cana, a qual para espreme-la se enfia entre os rolos. O conjunto da moenda é montado sobre quatro traves grandes a que chamam "Virgens" de maneira que o comprimento da moenda toda mede perto de 12 pés e a largura 8".

Ainda em Marcgrav vamos encontrar uma lúcida exposição do que era a fabricação do açúcar, no tempo colonial. "A primeira caldeira em que cái o caldo açucarado é chamada pelos portugueses "Caldeira de mear descumos", na qual se cozinha a fogo lento mexendo e despumando sempre mediante colher grande de cobre, chamada "Escumadeiro", tanto tempo até que seja bastante despumado e purgado, porem a espuma recolhe-se num recipiente posto em baixo, chamado "Tanque", assim como também a própria "Cachaça", a qual serve de bebida aos animais se não despejam fora por não ser outra cousa que as feses do caldo.

O caldo despumado vai depois a uma outra caldeira vizinha, a "Cal-

deira de mear”, onde é cozinhado novamente, a fogo mais forte, é mexido, despumado e, em certos intervalos, nele se põe um pouco de lixivia, que é o único recurso para purificar o caldo, porem, mesmo assim, não é ainda açúcar, e sim um líquido ralo como a agua, sendo baldeado para uma terceira caldeira, a “Caldeira de coar”, onde é coado por um pano que chamam de “coadouro”; a espuma, “Espumo” dos portugueses, retirada da segunda caldeira, que chamam “Coche descumas”, sendo distribuida depois entre os escravos que dela fazem uma bebida, que chamam “Garapa”.

Da terceira o caldo coado é transvasado para a quarta e quinta caldeiras, onde o agitam, sem parar, mediante uma colher grande, refrigerando-o de quando em vez por meio de algumas gotas de agua fria. Em seguida é decantado para um outro recipiente de cobre, que chamam de “Barola de meado”, sendo aí coado por um pano e logo colhido numa vasilha que chamam “Taxas”; a saber a primeira chamam “Taxa de receber”, daí vai para outra, que cozinha quanto basta; e desta para terceira, a “Taxa de bater”, onde o caldo não só continua a ferver, mas é mexido continuamente com colher grande e, ao mesmo tempo, jogado para o alto, até mesmo à altura de 20 pés assim que cai novamente na caldeira. Este caldo cozido chama-se “Agua de taxas”, da qual se faz ótima garapa, porque nada mais é senão açúcar. Depois de cozido bastante, muda-se, finalmente, para uma caldeira que chamam “Bacia de esfriar”, e ali deixam um pouco esfriar. Então o caldo está pronto e apto para ser vertido nas formas.” Esse é o aparelhamento industrial de um engenho de destaque, com grandes produções de açúcar bruto. Poucos engenhos no Brasil tão completos como da descrição minuciosa de Marcgrav.

Se é digno de menção o documentário de Piso e Marcgrav, sobre o engenho banguê do Brasil, na época do dominio holandês, não menos importante é o testemunho de Antonil, que viveu no Brasil, um largo período que se estendeu de 1667 a 1710, e nos legou a mais seria, a mais honesta e a mais perfeita informação da economia brasileira, e, principalmente, da economia açucareira, na sua “Cultura e Opulencia do Brasil”.

Sobre as moendas que ele viu e observou, e especialmente as do engenho Sergipe del-Rey, informa o douto cronista que os eixos delas eram de sapucaia, ou sopupira-cari: a ponta ou cabo do eixo grande, de pau de arco, ou de sapupira, os dentes dos três eixos da moenda, do rodete ou da bolandeira eram de nessataúba. O valor de toda a moenda importava em mais de mil cruzados.

Na parte da fabricação, o engenho do tempo de Antonil pouco difere do engenho descrito por Piso ou Marcgrav. Diz o cronista Antonil que essa secção consta, "além do parol do caldo, e do parol da guinda, que fica na casa da moenda, de duas caldeiras, a saber: da de meio, e da outra de melar: de hum parol grande, que chamão parol de melado, e de outro menor que se chama parol de coar; de hum terno de taxas, que são quatro, a saber: a de receber, a da porta, a de cozer, e a de bater; e finalmente de huma bacia, que serve para repartir o assucar nas fôrmas." Essas formas, diz ainda Antonil, eram vasos de barro queimado no fornhalho das telhas, e tem alguma semelhança com os sinos, tendo três palmos e meio de altura, e proporcionadamente largas, com a maior circumferencia na boca, e mais apertadas no fim, onde são furadas. Uma forma de barro custava quatro vintens.

Praticamente, em nada differia o engenho seiscentista e mesmo setecentista do tipo do final do século quinhentista. As modificações eram de detalhes de construção, nas rodas dagua, na implantação das moendas, e na melhor orientação do assentamento das tachas de cozimentos.

Assim, em fins do século XVII, um agricultor do Cabo, em Pernambuco, Antonio de Carvalho Guimarães, descobriu um novo tipo de moendas, "que havia de moer as cannas sem bestas e sem agua, e ocupando menos gente de que se ocupava nos existentes." Pedida a patente dessa invenção o governo da Metrópole baixou um alvará, em 17 de novembro de 1697, concedendo-lhe o privilegio e "que toda a pessoa que quizesse dalli em diante fazer outro á sua imitação, lhe pagaria por uma só vez 400\$000, para elle ou seus herdeiros, ou quatro arrobas de pensão por cada mil, que no engenho fizesse." Mera ficção, sem nenhum resultado prático, não tendo sequer sido usado, nem mesmo, talvez, no engenho do inventor, pois que "ficou na massa dos passivos, porque não há nesta capitania algum engenho como o afigurado."

Em 1725, ainda estacionario era o processo de fabricação de açucar, como se depreende da seguinte descrição: "Quando as cannas estão sazoadas, se cortam e levam para os engenhos, onde expremidas em instrumentos, que chamam moendas, umas que movem correntes de agua, outras gyros de cavallos, se derretem em docissimo succo, que cahindo liquido, vai correndo por aqueductos de pau a uma grande tacha chamada parol, mettida na terra, onde em tachas pequenas de cobre, prezas por

cadeias de ferro, o sobem para botar nas caldeiras, em que se cose; em fervendo, lhe lançam uma agua de certa qualidade de cinza, que nomeam decoada, e posto no ponto necessario, o passam a vasilhas de barro, pyramidaes, que chamam fôrmas, e cobertas de barro as suas circulares boccas, depois de quarenta dias, que nella se está purificando o assucar, se põe um dia ao sol, e se mette nas caixas”.

A química açucareira ia, ainda, da decoada no caldo ao barro para purgar o açúcar.

Em 1756, no engenho de Meio da Varzea, em Pernambuco, fez-se a experiencia de um aparelho para fazer o cozimento de açúcar sem as grandes despesas de lenha, porem, o invento do agricultor Rodrigo José de Melo teve o mesmo destino das cousas irrealizadas. Não se tem, hoje, siquer a descrição do aparelho.

A exposição feita pelo frade pernambucano D. Frei Domingos de Loreto Couto, no seu “Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco”, sobre a industria açucareira do maior centro produtor, nos dá a impressão que somente em tamanho, em capacidade, evoluiu o engenho, porque os processos de fabricação do açúcar permaneceram os mesmos, e os maquinismos se assemelham aos do tipo do engenho de Mem de Sá, e aos engenhos do período nassoviano.

Finalmente, em 1817, os engenhos de açúcar conseguem a maior inovação industrial: o emprego da máquina a vapor, em substituição à roda d'agua, e principalmente às almanjarras.

Em 1842, tenta-se o emprego de cal, em vez da potassa, com pleno êxito. Desse período até 1852, grandes melhoramentos se introduzem na industria, com as novas máquinas de moagem, de invenção e privilegio dos irmãos Alfredo e Eduardo de Mornay, “cujas moendas, unidas às vantagens de um aparelho próprio para cozimento, e às do aparelho centrífugo, asseguravam um resultado de mais de 50% de vantagem do fabrico de açúcar.”

Em 1852, no engenho Novo, do sr. Tomaz Pedreira Geremoabo, na Baía, duas turbinas centrífugas purgavam o açúcar dessa fábrica.

Sómente em 1857, em Pernambuco, se introduz o uso de caldeiras

aquecidas com o próprio bagaço. E, nessa época, é que as moendas horizontais foram tendo maior aplicação.

Uma moenda de quatro cilindros, de dupla repressão, antes de 1870, se achava instalada no engenho Pedra, em Pernambuco.

Em 1876, o Barão de Muribeca, em Pernambuco, adquire aparelhos de vacuo, a Cail & Cia., de Paris, e no engenho S. Francisco novos vacuos, da Fives Lille, se instalam.

Em 1878, a conclusão a que chegou a Comissão encarregada pelo Congresso Agrícola, de redigir a resposta final da produção açucareira do Nordeste, ao Governo Imperial, esclarecia que “alguns melhoramentos têm havido, tais como a introdução, embora em pequena escala, de maquinismos aperfeiçoados para o fabrico de assucar e da aguardente; a substituição do motor animal pelo vapor e pela agua, e o estabelecimento de destilações e restilações como dependencia dos engenhos. A cultura da terra é de há muito feita com arado em algumas propriedades.

“Há urgencia de outros melhoramentos, sobretudo da cultura da canna, e do fabrico do assucar, separação que já se dá em não pequena escala e que cumpre desenvolver e animar pela iniciativa individual e pela liberdade de associação”.

Já por essa época, diversos engenhos no Brasil começavam a se “enfeitar” com maquinismos novos. Falava-se com insistencia em engenhos centrais como única solução para o problema açucareiro no Brasil.

Em 1877, funda-se realmente a primeira usina do país: a Quissaman. Outras se instalavam em diversos centros produtores, ora com auxilio do Governo Central, ora pela iniciativa particular. Em Pernambuco a éra dos engenhos centrais, — as usinas — se inicia em 1884.

Em Sergipe, em 1888, no município de Riachuelo se instala o primeiro engenho Central.

No último quartel do século XIX, informa um historiador sergipano possuir o Estado cerca de mil engenhos e pouco mais de duzentos substituíram a força animal pela máquina. “Alem da falta de iniciativa dos seus habitantes, o governo imperial nunca quiz activar a prosperidade

da lavoura assucareira, por meio de estabelecimentos de engenhos centrais, ou usinas, que levassem ao espirito dos agricultores a convicção de mudarem o processo do trabalho agricola. E essa incuria revela-se perfeitamente no facto de que, attingindo a produção de Sergipe uma alta cifra, somente construiu-se um engenho central, juncto á cidade de Riachuelo, o qual é actualmente o unico no paiz, que deixa lucro á empreza que o dirige". E desde então se processa em Sergipe um fenômeno curioso, sem similar em nenhum outro Estado açucareiro. Sendo a usina a entidade econômica substituta do engenho banguê, todas as características diferem profundamente do engenho colonial. Não é uma adaptação, uma evolução, um melhoramento. O sentido econômico e social é divergente. No engenho banguê, a fábrica está em função da terra, e na usina a terra é função da fábrica. No primeiro se a propriedade é demasiadamente grande para a moenda de "pé de ferro", o fraccionamento territorial é fatal, ou pelo menos, se torna inevitavel o aforamento das terras excedentes. Na usina, a voracidade das moendas é espantosa, ante a necessidade sempre crescente, de novas e outras terras.

Ainda mais, o engenho banguê tem uma economia defensiva quando a usina a tem ofensiva, isto é, a diretriz do engenho banguê é de se defender contra a ambição da fábrica moderna, enquanto a usina força a absorção do engenho, incorporando suas terras, e extinguindo seus primitivos maquinismos.

Não se poderia, portanto, compreender por muito tempo uma usina com aspecto industrial de banguê. E, o que ocorre, justamente, em Sergipe, é que não houve a substituição completa. Dir-se-ia o mesmo panorama dos séculos XVIII e XIX, com pequenas inovações. Muitas das usinas sergipanas, nada mais são que engenhos do tipo do de Mem de Sá, com turbina, e algumas vezes com vacuo. Tudo impreciso.

Em 1917 existiam 54 usinas, e somente 4 eram completas. Em 1934, das 86 usinas em funcionamento, 76 eram incompletas, verdadeiros "banguês enfeitados". E todas essas fábricas se construíram, ou melhor, receberam os seus vacuos, as suas turbinas, e as suas moendas, das socatas das usinas de Pernambuco e Alagoas. Quem não diria, mesmo, que as usinas de Sergipe, as incompletas, não são um amontoado de ferro velho, o que, aliás, dignifica o trabalho do produtor de açúcar desse Estado, que consegue manter a sua velha industria com maquinismos antiquados e deficientes ?

Mas, aí, reponta o aspecto social dessa industria açucareira *sui-generis*. O da distribuição da produção de açúcar por um grande número de produtores, espalhando-se assim os proventos. De acordo com os limites fixados oficialmente, cabe a Pernambuco a liderança da concentração industrial açucareira com 78.600 sacos por usina, depois o Estado do Rio com 67.230 sacos, São Paulo com 59.235, Alagoas com 58.373 sacos, Baía com 40.444 sacos, Paraíba com 33.235 sacos, Minas Gerais com 14.631 sacos e, finalmente, Sergipe com 9.520 sacos por fábrica.

Ficamos, ante esses números, a meditar onde reside a felicidade entre a família açucareira no Brasil: se nos Estados de grande concentração como em Pernambuco, onde a indústria "pesada" do açúcar tem o seu domínio implacável, ou se em Sergipe, onde o "banguê-enfeitado" empresta uma fisionomia de cousa antiga à paisagem canavieira.

Essas usinas sergipanas se distribuem de uma maneira interessante, em relação tanto à sua capacidade de esmagamento, como à sua quota de limitação. Vejamos, em primeiro lugar, a classificação em relação às capacidades :

Moendas	N.º de Usinas
até 100 tons.	29
de 101 a 200 tons.	48
de 201 a 300 "	6
de 301 a 400 "	2
de 401 a 500 "	1
de 501 a 600 "	1

O aspecto dessa classificação se modifica inteiramente, ao verificarmos a classificação das usinas em função dos limites. Ei-la :

Limite	N.º de Usinas
até 10.000 sacos	65
entre 10.000 e 20.000 sacos	15
" 20.000 e 30.000 "	3
" 30.000 e 40.000 "	3
" 40.000 e 50.000 "	1
" 50.000 e 60.000 "	1

Da comparação dessas duas classificações deduziremos o grau de desequilíbrio dessas usinas, pois que, tomando-se por exemplo, as 29 usinas com capacidade de 100 toneladas teríamos, em 90 dias de moagem e com 90 quilos de açúcar de rendimento por tonelada de cana, uma media de produção de 13.500 sacos. Entretanto, 65 usinas sergipanas têm uma capacidade de produção, isto é, uma limitação inferior a 10.000 sacos.

Os canaviais das usinas sergipanas sofreram, com os demais canaviais do nordeste, a infecção do mosaico, do que resultou a diminuição das safras, sem, contudo, apresentar aspecto de calamidade. Assim, em 1929/30, a safra, se bem não fosse alta, pois foi o ano aureo da produção açucareira, anterior à defesa da produção, no entanto atingiu a 580.269 sacos, havendo progressão na safra imediata. De fato a partir de 1929/30, quando começa o presente estudo, as usinas de Sergipe atingem, com sua produção de açúcar, os seguintes níveis :

1929/30	580.269 sacos
1930/31	742.508 "
1931/32	393.424 "
1932/33	342.911 "
1933/34	298.790 "

A media do quinquenio que serviu de base à limitação é de 471.580 sacos, inferior 18% ao primeiro ano do período quinquenal e superior 57% ao ano 1933/34. O ano mais agudo da depressão foi exatamente o de 1933/34, que só vai encontrar tão pequena produção no ano de 1914. Inegavelmente em nenhum Estado produtor de açúcar a queda na produção foi tão intensa. Torna-se paradoxal a convicção de que um maior número de produtores reage melhor aos efeitos de uma crise prolongada do que poucos produtores com grande produção concentrada.

Com essa produção quinquenal, base de toda a limitação açucareira do país, qual deveria ser o limite geral do Estado de Sergipe ?

Ao se tratar do problema de limitação do Estado é interessante divulgar o pensamento do representante desse Estado, quando se iniciavam os primeiros trabalhos para o contingentamento da produção.

Sugere na sua proposta o representante sergipano que "o limite de produção do Estado não seja inferior a um milhão de sacos". Esse limite

de um milhão de sacos, Sergipe julgava “modesto e irretorquível”, pois declarava que o Estado tinha possibilidade de chegar à produção de seis a oito milhões de sacos por ano !...

Abandonando a fantasia e os números astronômicos, foi fixada para o Estado uma quota de produção de 722.570 sacos, a qual é superior 250.990 sacos à media quinquenal, ou 53,2%.

Ora, se a autorização da Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool permitia uma majoração até 20% sobre a media quinquenal, podendo o Estado alcançar 565.896 sacos, teria havido, realmente, um acréscimo de mais 33,2% ou 156.674 sacos.

Duas safras, durante o quatrienio posterior à fixação dos limites, foram superiores à quota de produção do Estado. A media da produção dessas duas primeiras safras é superior ao limite do Estado 2,7%. As duas últimas safras são inferiores ao limite 26,9%.

A media geral do quatrienio 1934/35 a 1937/38 foi de 635.112 sacos, inferior 13% à quota de produção, equivalendo essa percentagem a uma diferença de 87.458 sacos.

Esses dados são um atestado de que o Instituto do Açúcar e do Alcool foi justo quando fixou as quotas de produção de Sergipe e que muito longe da realidade vivia o seu antigo representante, que antevia produções superando um milhão de sacos, pelas pequenas usinas sergipanas. E, qual será o caminho que trilhará essa original indústria açucareira? Penderá para a concentração industrial, com a diminuição do número de fábricas, para doze, dez ou mesmo seis usinas, ou ficará eternamente nesse meio tempo, misto de banguê e de usina, produzindo açúcar cristal de tipo inferior, menos valorizado, mas que proporciona aos usineiros sergipanos um lucro maior que o de outros Estados do Norte, porque o ambiente alí é mais modesto, as iniciativas menos arrojadas, o padrão de vida do produtor mais acanhado, e a vida mais patriarcal?

Afinal, a historia econômica e política do açúcar um dia dirá onde reside a felicidade do usineiro e do fornecedor de cana, do produtor do açúcar bruto, do operario da industria açucareira e do trabalhador da lavoura canavieira.

Em Sergipe o estudo da situação do custo de produção de um saco de açúcar é bastante difícil porque as escritas das usinas são por demais incompletas. Numa média geral do Estado as deficiências diminuem bastante porque os erros se atenuam com um maior número de usinas.

A média dos anos de 1936/37 a 1938/39 das usinas, com capacidade até 6.000 sacos, é a seguinte:

1936/37	35\$700
1937/38	35\$348
1938/39	34\$156

A média geral dos três anos foi de 35\$049 por saco de açúcar.

As principais verbas que entram para a composição do custo de produção do açúcar são a aquisição de matéria prima que de 1936/37 a 1938/39 oscilaram de 17\$709, 17\$098 e 15\$662 por saco. O custo de transporte de cana e lenha, foi de \$830, 1\$165 e \$980, nos três anos assinalados. O custo de fabricação de açúcar subiu a 4\$148, 5\$538 e 5\$378, por saco. A sacaria foi 1\$294, 2\$000 e 2\$000, por saco de açúcar. A verba de salário, ordenados e gratificações foi de \$542, \$681 e \$629 por saco. Com seguros sobre imóveis e operários as pequenas usinas sergipanas despenderam de 1936/37 a 1938/39, respectivamente, \$241, \$725 e \$670. Com taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadorias gastaram as usinas, até 6.000 sacos, \$034 e \$092 por saco de açúcar, nas safras 1937/38 e 1938/39. Com assistência social, \$289, \$297 e \$343 por saco de açúcar. Com impostos em geral, gastaram \$840, \$419 e \$950 por saco de açúcar nos três anos do estudo. Na conservação da fábrica, maquinismos, prédios e dependências as despesas são de 2\$231, 1\$636 e \$476 por saco de açúcar.

Na rubrica de despesas gerais encontramos os seguintes lançamentos: \$744, \$876 e \$866 por saco. Os fretes foram somente de \$400, \$400 e \$500 por saco até Aracajú, para as pequenas usinas. As despesas de armazenagem nos três anos foram de \$400 por saco. Com a despesa pessoal do usineiro, a sobrecarga, por saco de açúcar, foi de 2\$936 em 1936/37, de 1\$000 em 1937/38 e de 2\$130 em 1938/39, por saco de açúcar. Com a conservação da linha telefônica as despesas foram de \$096, \$079 e \$080 por saco de açúcar.

As usinas com produção superior a 20.000 sacos tiveram as seguintes despesas, a partir de 1934/35:

1934/35	13\$860
1935/36	11\$284
1936/37	11\$415
1937/38	12\$068
1938/39	12\$211

A media do custo de aquisição de materia prima é de 12\$169 por sacco, enquanto as usinas de capacidade inferior a 6.000 sacos têm uma media de 16\$823 por sacco.

O custo de transporte de cana e de lenha é o seguinte :

1934/35	\$417
1935/36	\$245
1936/37	\$535
1937/38	\$494
1938/39	\$556

A media do custo de transporte foi de \$449 por sacco, enquanto as usinas menores tiveram uma media de \$978 por sacco. Quer dizer que as usinas maiores têm uma vantagem de \$529 por sacco, correspondendo a 118%.

No custo de fabricação de açúcar as diferenças são mais sensiveis, pois se catalogam as despesas da seguinte maneira.

1934/35	2\$384
1935/36	4\$953
1936/37	6\$160
1937/38	8\$446
1938/39	4\$554

Por esses dados verificamos os efeitos dos dois anos de seca, os de 1936/37 e 1937/38. A media dos outros anos foi de 3\$963 por sacco, contrastando com o custo de 4\$148, se abandonarmos, igualmente para as usinas pequenas, os dois anos anormais.

A sacaria foi obtida de 1934/35 a 1938/39 pelos seguintes custos: 1\$760, 2\$288, 2\$384, 2\$077 e 1\$772, por sacco de açucar. A media desse quinquenio foi de 2\$056 por sacco, enquanto nas usinas menores essa media foi de 1\$764.

Com a verba de "ordenados, salarios e gratificações" as usinas maiores de Sergipe gastaram :

1934/35	\$555
1935/36	1\$260
1936/37	1\$105
1937/38	1\$092
1938/39	\$951

A media dos anos normais de produção foi de \$922 por sacco, em comparação com os gastos de \$629 por sacco nas usinas pequenas. Há, pois, uma diferença em favor das pequenas usinas de \$293 por sacco, perfeitamente explicavel porque o aparelhamento das usinas maiores requer assistencia técnica e despesas outras que são dispensaveis nas pequenas usinas.

Com seguros as verbas dispendidas pelas grandes usinas sergipanas são :

1934/35	—
1935/36	\$317
1936/37	\$324
1937/38	\$257
1938/39	\$212

A media dos anos anormais foi de \$263 por sacco, tendo sido essas despesas para as pequenas usinas de \$670.

Há, pois, uma diferença de \$407 por sacco favoravel às usinas maiores.

As despesas de "taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadorias" foram, para as usinas maiores :

1936/37	\$024
1937/38	\$070
1938/39	\$175

A media dessas despesas no trienio, pois as arrecadações começaram na safra 1936/37, foi de \$089 por sacco de açúcar, enquanto para as pequenas usinas essas despesas foram de \$063 por sacco.

Com a rubrica "Assistencia Social" as despesas feitas pelas usinas maiores foram :

1934/35	1\$222
1935/36	\$426
1936/37	1\$625
1937/38	2\$964
1938/39	\$924

Durante os anos normais a media por sacco de açúcar foi de \$850, contrastando com as despesas de \$085 por sacco, nas usinas menores. A diferença entre as despesas das usinas dos dois tipos é de \$765 por sacco.

Na verba de impostos em geral as despesas anuais se distribuem da seguinte forma :

1934/35	1\$574
1935/36	1\$216
1936/37	1\$687
1937/38	1\$811
1938/39	1\$421

A media de despesas no período normal é de 1\$403 por sacco, em comparação com as despesas com impostos em geral, nas usinas menores, de \$950. Há, portanto, uma diferença de \$453 por sacco, em favor das pequenas usinas.

Com a conservação das linhas ferreas, as despesas, por sacco, foram, para as usinas maiores de :

1935/36	\$262
1936/37	\$786
1937/38	1\$361
1938/39	1\$026

A media das safras normais é de \$644 por sacco, não tendo as pequenas usinas tais despesas, pois não possuem estradas de ferro.

Com material rodante, as usinas maiores tiveram as seguintes despesas :

1934/35	\$176
1935/36	\$131
1936/37	\$252
1937/38	\$307
1938/39	1\$206

A media do trienio normal de produção foi de \$504 por sacco, enquanto as usinas pequenas não tiveram essas despesas, pois o transporte de cana e lenha é feito em carros de bois e em costas de animais.

As despesas medias com a conservação da linha telefônica durante o quinquenio de 1934/35 a 1938/39 foram de 15 réis por sacco, para as usinas grandes.

Com a conservação da fábrica, maquinismos, predios e dependencias, as despesas foram, para as grandes usinas :

1934/35	2\$311
1935/36	1\$434
1936/37	2\$978
1937/38	3\$613
1938/39	1\$803

A media das despesas com o apontamento da fábrica, foi de 2\$427 por sacco, contrastando com 1\$447, despesas feitas pelas usinas pequenas. A diferença em favor das usinas pequenas foi de \$980 por sacco, em relação às usinas grandes.

Com as verbas de "despesas gerais" as usinas grandes, no quinquenio 1934/35 a 1938/39, foram despendidos :

1934/35	1\$443
1935/36	1\$499
1936/37	2\$425
1937/38	2\$669
1938/39	1\$192

A media geral, durante todo o quinquenio, foi de 1\$845, por sacco, enquanto a media do trienio normal de produção foi de 1\$378 por sacco, tendo sido para as usinas pequenas, de \$866 por sacco.

A media de despesas com fretes e carretos de um sacco de açucar até Aracajú, foi para as usinas grandes de \$954, ao passo que a media das usinas pequenas foi de \$433.

As despesas medias com armazenagem e com a retenção de açucar foram, durante o quinquenio de 1934/35 a 1938/39, de 2\$409. Se abstrairmos os dois anos secos, a media do trienio de produção normal desceu para 1\$918, por sacco de açucar, nas usinas grandes do Estado. Para as usinas pequenas essas despesas foram, na media, de \$400 por sacco. Temos a impressão que o pequeno produtor, isto é, o pequeno usineiro não estoca o seu açucar, vendendo-o imediatamente ao comerciante de Aracajú.

Finalmente, nas retiradas para as despesas dos proprietarios das usinas, estão as maiores verbas. Não há dúvida que essas verbas estão altamente exageradas, não devendo assim sobrecarregar o custo geral de produção do açucar, pois seria um tratamento injusto para o consumidor. Quando o inquérito de custo de produção tiver demonstrado, através da continuidade das coletas dos dados estatísticos da contabilidade das fábricas, qual a justa retirada para os honorarios e gratificações, far-se-á então, uma retificação geral nessa rubrica.

Durante o quinquenio de 1934/35 a 1938/39, as despesas nas usinas grandes, foram :

1934/35	4\$872
1935/36	3\$610
1936/37	5\$459
1937/38	6\$400
1938/39	4\$567

A media geral por sacco de açucar, no quinquenio acima foi de 4\$981. Quer dizer que uma usina, por exemplo, de 50.000 sacos, destinaria para seu proprietario ou proprietarios, a título de honorarios e gratificações, a importancia de 249:050\$000, ou 20:754\$000 por mês.

As usinas pequenas sergipanas tiveram uma despesa media de 2\$055 por sacco. Quer dizer que uma usina de 10.000 sacos gastaria 20:550\$000, anualmente, ou 1:714\$000, por mês.

Na comparação das despesas nos dois tipos de fábricas, as pequenas usinas têm uma vantagem de 2\$926, por sacco.

Abstraindo os anos secos, a media das despesas para as usinas grandes desce para 4\$349 por sacco, em contraposição com as despesas de 2\$130 por sacco, nas usinas pequenas.

A media geral do custo de produção para as usinas grandes foi durante o quinquenio 1934/35 a 1938/39, de :

1934/35	35\$548
1935/36	34\$453
1936/37	44\$337
1937/38	50\$821
1938/39	39\$645

A media do quinquenio foi de 40\$960 por sacco, enquanto a media do trienio normal foi de 36\$548 por sacco. Na análise dos dois anos extremos, o aumento do custo de produção foi de 4\$097 por sacco, correspondendo a uma majoração de 11,5%.

A media geral do custo de produção, para as usinas pequenas, foi de 35\$049 por sacco. No período normal de produção, o custo baixou para 34\$156 por sacco.

A diferença, em favor das pequenas usinas, é de 2\$392 por sacco, no paralelo dos períodos normais de produção.

D) — BAIÁ

A Baía tem uma tradição diferente na geografia econômica do açúcar. Enquanto em Pernambuco, por exemplo, o engenho era uma grande fábrica, com sua residência faustosa, com o seu enxame de escravos, caracterizando-se mais pelo aspecto industrial do açúcar, na Baía se bem tenha possuído casas grandes, grandes engenhos banguês e grande escravaria, aí se sentia o poder de atração da terra. Em Pernambuco, o homem entrava como elemento essencial à paisagem. Ele a completava. Na Baía açucareira a terra é o elemento central, tornando-se o homem fator secundário. É que na Baía, onde se plantava açúcar, havia uma hierarquia da terra. No Brasil, com um sentido menos intenso, vamos encontrar em Campos, a fascinação da terra de aluvião. Nos outros centros açucareiros, o relevo, os altos e baixos dos morros, os pequenos vales, as chapadas, as chãs, as ladeiras íngremes ou suaves, são fatores de desarmonia da terra. Enquanto que no Recôncavo baiano, ou nas varzeas do Paraíba do Sul, a terra tem unidade: é massapê ou aluvião. E o massapê verdadeiro, então, é inteiriço em sua formação. Não há nuances, nem meio termos. É terra proveniente da desagregação de folhelho arenoso cretáceo, com uma grande camada de terra vegetal. E mais de quatrocentos anos, esse massapê do recôncavo baiano, inesgotavelmente, produz sempre com exuberância e sempre maltratado.

Gabriel Soares de Souza, em seu Tratado Descritivo do Brasil, em 1587, informava que “na Bahia, plantam-se pelos altos e baixos, sem se estercar a terra, nem se regar, e como as cannas são de seis mezes, logo acamam e é forçoso cortá-las para plantar em outra parte, porque aqui se não dão tão compridas como lanças; e na terra baixa não se faz assucar de primeira novidade que preste para nada, porque acamam as cannas e estão tão viçosas que não coalha o sumo dellas, se as não misturam com cannas velhas, e como são de quinze mezes, logo fiam novidade às cannas de planta; e as de sóca como são de anno logo se cortam”. E informa mais adiante o cronista que “na Bahia ha muitos cannaviais que ha trinta annos que dão cannas; e ordinariamente as terras baixas nunca cançam e as altas dão quatro e cinco novidade e mais”.

Essa uberdade além de ser uma resultante do alto teor de elementos químicos no solo, resultava da adição de terra vegetal, produto milenar

da síntese da materia orgânica, transmudada, em humus, terra gorda e terra fertil.

Em carta dirigida pelo advogado da Baía, José da Silva Lisboa, ao diretor do Real Jardim Botânico de Lisboa, dizia, referindo-se ao Recôncavo, que “he esta uma terra chamada maçapê, negra, compacta, viscozissima, que triturada nos dedos faz sentir-se uma sensação de unctuosidade que desfeita em agoa e precipitada deixa na parte superior huma porção de oleo vegetal natante de que estava saturada a mesma terra, que assim se havia impregnado dela pela resolução continuada dos vegetaes que nella apodrecem, principalmente das folhas das arvores que nos séculos passados haviam feito montes altissimos que depois com o tempo e chuvas se resolverão”.

O massapê tem uma contextura complicada. Se com agua se desmancha, se transforma quase em atoleiro, moldando pés de homens e patas de animais, com o sol se encrespa, endurece, seus torrões viram tijolos. Tal a contração das particulas terrosas, que a crosta se parte, se fende e racha. E, às vezes, as rachaduras da terra penetram fundo.

Já em suas cartas, o douto Professor Regio de Lingua Grega, na cidade da Baía, Luiz dos Santos Vilhena, descrevendo o engenho da Baía, traçando a figura “dos chamados senhores de engenho, soberbos de ordinario e tão pagos de sua gloria vã que julgarão nada se pode comparar com elles”, desce ao detalhe ao tratar da terra de cana da Baía, classificando o massapê, como “huma especie de Argila composta de huma quantidade de terra insorvente, invitrivel e de base alcalina das pedras quartzozas, intimamente combinada entre si.

Conhece-se este por huma terra unctuosa em que pegando-se deixa nos dedos huma tal qual viscosidade, ou oleo, e misturada com agoa proporcionada, toma as formas que lhe querem dar; as particulas terreas que tem unem-se humas e outras com bastante adherencia, e por isso conserva por mais tempo do que as outras terras, o principio humido, de fórma que apontando o calôr, ella forma na sua superficie huma e compacta que impede a evaporação rapida da agoa que em si conthem e por esta razão preferivel para a agricultura da canna que como hé planta que precisa mais humidade que as outras, o massapê lhe hé o mais conveniente não só por conservar por mais tempo a humidade, como por conther

mais principios alcalinos, e oleosos, que servem muito para a nutrição das plantas”.

E o cronista do principio do século XIX não fica na descrição fisico-química do solo, vai até à côr, às nuances, às variedades, dizendo haver massapês pretos, amarelos, esbranquiçados ou vermelhos, sendo o preferido o preto. Como reconhecer, porém, o clássico massapê com os terrenos comuns de argila? Diz Vilhena que “depois das chuvas, apontando o sol, o terreno fica gretado e cheio de grandes fendas; o que succedendo hé signal de que o terreno hé composto de massapê, este hé o meyo particular de conhecê-los”.

Um pouco mais tarde, nas suas Cartas Económico-Políticas sobre a Agricultura e Comercio da Baía, o desembargador João Rodrigues de Brito despresou a situação da fábrica de açúcar, interessando-se porém pelo massapê, ao impugnar a Provisão de 28 de abril de 1767, que obrigou o lavrador do Recôncavo a plantar quinhentas covas de mandioca por escravo de serviço que empregasse. A Provisão citada prejudicaria principalmente a lavoura da cana, porque “obrigão o lavrador a occupar com a mesquinha plantação de mandioca, que se dá em toda a quantidade de terra, os raros e preciosos torrões de massapê, aos quais a natureza dêo o privilegio de produzir muito bom assucar”.

Antes do primeiro quartel do século XIX, os naturalistas von Spix e von Martius, em sua “Reise in Brasilien”, têm um capítulo especial consagrado ao massapê baiano, que se encontra nos vales pouco profundos dos rios do Recôncavo, especialmente nos arredores de Sto. Amaro, Iguapé e Maragogipe. “E’ uma qualidade preciosa das especies de terreno aí existente, o não contêr carbonato de calcio e sim pequenas partes de terras calcareas combinadas, chimicamente, com argila e silica”.

Esse é o massapê que embora se espalhe em manchas pelo Nordeste açucareiro, tem, no entanto, a sua maior pujança no Recôncavo baiano, pois, aí, ele é verdadeiramente fertil e profundo. Aí, mas que em qualquer outra parte, é que exerce essa atração entrevista por Gilberto Freyre, de puxar, ele, o massapê, para dentro de si as pontas de cana, os pés dos homens e as patas dos bois.

Nesse massapê baiano se construiu uma verdadeira civilização açucareira, idêntica, à de Pernambuco, em pompa e poderio. E dentro da

Baía, o açúcar dominou completamente a sua economia, estendendo sua hegemonia pelo Brasil inteiro. Vejamos os dados estatísticos de Antonil, dos princípios do século XVIII, referentes ao valor de todo o açúcar, “que cada anno se faz nas safras da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro :

Bahia

Por 8.000 caixas de branco macho a	84\$560	676:480\$000
Por 3.000 caixas de mascavo branco a	60\$742	182:226\$000
Por 1.800 caixas de branco batido a	69\$488	125:078\$400
Por 1.200 caixas de mascavo batido a	46\$935	56:322\$000
Por 500 caixas que se gastão na terra, a	60\$200	30:100\$000
		<hr/>
São 14.500 caixas que importão em		1.070:206\$400

Pernambuco

Por 2.600 caixas de assucar mascavo macho a.	78\$420	548:940\$000
Por 2.600 caixas de assucar mascavo macho a	54\$500	141:700\$000
Por 1.400 caixas de branco batido a	63\$200	88:480\$000
Por 1.100 caixas de mascavo batido a	39\$800	43:780\$000
Por 200 caixas que se gastão na terra a	56\$200	11:240\$000
		<hr/>
São 12.300 caixas, e importão em		834:140\$000

Rio de Janeiro

Por 5.600 caixas de branco macho a	72\$340	405:104\$000
Por 2.500 caixas de mascavo macho a	48\$220	120:550\$000
Por 1.200 caixas de branco batido a	59\$640	71:568\$000
Por 800 caixas de mascavo batido a	34\$120	27:296\$000
Por 120 caixas para gasto da terra a	52\$320	6:278\$400
		<hr/>
São 10.220 caixas, e importão em		630:796\$400”

A situação da produção baiana era de franca liderança, representando 42% da produção açucareira do Brasil, enquanto cabia a Pernambuco 32% e ao Rio de Janeiro 26%.

Confrontando a posição da Baía com a de Pernambuco, verificamos que a produção de açúcar da Baía é superior à de Pernambuco 28%. E durante safras e safras, a Baía se colocava muitas vezes, na primeira linha da produção de açúcar. Depois, começou a ceder e a sua produção começou a decrescer. Ainda no século XIX, por vezes, a Baía conseguiu reagir. Assim, em 1808, Pernambuco só exporta 4.271 caixas e no ano seguinte 12.801 caixas, enquanto a Baía naquele primeiro ano exportou 26.000 caixas. Pernambuco em 1816 conseguiu exportar 15.500 caixas de açúcar, e a Baía no ano seguinte alcançava 27.300 caixas, e em 1818, 29.575 caixas. Mas, apesar do vulto da produção, na Baía já começara a regredir a industria açucareira, pois, o aumento da produção não era proporcional ao grande número de engenhos fundados, muitos em zonas absolutamente inadequadas. Há, sobre esse assunto, um testemunho valioso, escrito em 1807, pelo sr. Joaquim Inacio de Serqueira Bulcão, da Vila de São Francisco, respondendo a uma solicitação do Senado da Câmara da Baía. Diz o informante que a lavoura do açúcar, bem como todas as mais, se tem aumentado; mas parece "que em comparação do grande número de Engenhos, que de novo se tem feito, não he vantajoso o excesso que de mais ha na quantidade das caixas, sendo só bastante para estas o adiantamento que tem proseguido nos Engenhos já existentes, e ainda em alguns que se formarão em terrenos proprios para essa Lavoura. Outros muitos Engenhos, que desgraçadamente com os excessos dos preços se edificarão em máos terrenos, tem causado a ruina dos seus proprietarios, e a infelicidade dos que já existião, bem como daqueles que se erigirão em bons terrenos. Elles tem causado huma total destruição nas mattas, e difficuldade dos mantimentos, por occuparem os terrenos proprios para estas Lavouras, elles inutilmente consomem grande numero de fabricas, e todos os mais generos relativos ao custeio do assucar, de sorte que os Engenhos de bons terrenos, e capazes de dar interesse, estando na necessidade desses mesmos effeitos, os vem a comprar por hum excessivo preço.

Os caixões são hum artigo, que tendo chegado ao auge da carestia, e que jámais deixarão de subir de preço pela dificuldade, e distancia das madeiras, se dão de graça, engrossando com esta despeza todas quantas se fazem indispensaveis para o laboratorio do assucar; vindo por esta causa as propriedades a figurar mais pelo que despendem, do que pelos interesses, que das mesmas resultão. A alguns Engenhos a maioria do preço deste genero animou avultar as suas safras; donde procede que não

tendo mattas sufficientes, não possam moer mais; e outros conseguintemente virão a não existir em breve tempo. Os mesmos Engenhos abundantes à proporção que se trabalham seus terrenos diminuem na sua produção, ficão mais distantes os mattos, e por isso cresce a despeza, fazendo-se necessario maior numero de braços, e de fabricas, não podendo ter interesse vantajoso dos seus proprietarios, e Lavradores, sem que haja maioria no preço do assucar, ou principal auxilio de Sua Alteza Real, sem o que será certa a diminuição das rendas Reais neste genero”.

Esse fato é mais tarde confirmado por Spix e Martius, ao comparar a produção de açúcar dos anos de 1808 e 1817.

No período de 1836 a 1845, ora cabia à Baía, ora a Pernambuco, a liderança das maiores produções, e concomitante exportação, sendo de notar que na safra da Baía (aliás incluída quase toda a exportação sergipana) de 1845-46, a exportação atingia 3.126.702 arrobas e a de Pernambuco 2.490.088.

Mas “vinha desde muito decaindo a lavoura da cana, a indústria do açúcar. Rareava o negro; surgiram secas e epidemias. A crise se accentuava mas não alterava os gastos e o luxo dos senhores de engenho — cavalariças ricas, baixelas opulentas, viagens e festas. A maioria deles ostentava o que não podia”. (Wanderley Pinho, em “Cotegipe e seu tempo”).

Vem a reação com a construção de aparelhos mais aperfeiçoados, e Cotegipe funda a Usina Jacaranga, e Gonçalves Martins monta uma nova fábrica no seu engenho São Lourenço. Em 1886 se inaugura o engenho Central de Iguape, na comarca de Cachoeira, e logo após o engenho do Rio Fundo, pertencente à Companhia Sugar Factories Ltda.. E novas fábricas se foram fundando, ora por iniciativa particular, ora com concessões de garantia de juros de 6%, pelo Governo Central. Houve a coincidência da renovação industrial na Baía, e nos outros Estados açucareiros naquela época. E, porque não houve um progresso da indústria açucareira baiana, condizente à sua tradição açucareira ?

Na safra 1915-16 a produção açucareira das usinas do Estado atinge 532.900 sacos. Na safra 1921-22 atingiu 783.604 sacos, e ao se iniciar o primeiro ano do quinquenio que serviu de base à limitação da produção, isto é, em 1929-30, o volume da safra alcançou 539.789 sacos.

Como explicar, por exemplo, que as atuais produções de Sergipe e de Alagoas sejam superiores às da Baía? Porque falhara tão lamentavelmente aquele prognóstico contido na carta que Sinimbú dirigiu a Joaquim Nabuco, após fazer o elogio do Recôncavo da Baía que “é a mais larga, mais igual e mais bela ao mesmo tempo, bacia do terreno açucareiro que há no Brasil”? Dizia então Sinimbú que “quem der estradas ao Recôncavo, e quem der aos nossos rotineiros lavradores um engenho modelo em que aprenda a tirar dos instrumentos do campo e dos aparelhos de fabricação e destilação todo o valor que em si contêm a cana, duplicará em pouco tempo a produção da provincia e dará às famílias abastança e cômodo, que não podem ter no isolamento em que ora vivem”. E tudo isso falhou porque, até há pouco tempo, a situação financeira das usinas da Baía era precária, e as safras não conseguiam nenhuma progressão, apesar de continuar fértil e inexgotável massapê do Recôncavo.

A decadência da industria açucareira da Baía foi motivada por dois fatores de ordem econômica. O primeiro, e este essencial, foi o de não ser a Baía um Estado exclusivamente açucareiro, como Sergipe, Alagoas e principalmente Pernambuco. Esses três últimos Estados, em sua única zona úmida, por tradição, por conveniência, e por fatalidade econômica e histórica só podiam se interessar pela cultura canavieira. Na Baía, em tempo, surgiu, na zona úmida, aliás fartamente dispersa em sua longa costa, um outro elemento de riqueza, o cacáu, que desviou o capital, e desviou o homem, da atração do massapê, onde imperava a cana de açúcar.

A ascensão do cacáu, na Baía, é rápida, pois exportando em 1834, 447 sacos, em 1870 atingiu 23.917 sacos, no valor de 204:158\$334; em 1890 sobe a exportação a 58.376 sacos, com um valor de 1.429: 582\$000; em 1900 alcançou 218.668 sacos valendo 15.913:966\$000; em 1910, o valor da exportação é de 13.142:477\$900, correspondendo a 418.706 sacos. Em 1930, quase atingiu 100 mil contos, subindo ainda mais em 1935, para 163 mil contos, equivalendo a uma exportação de 1.863.736 sacos. Em nenhum outro Estado açucareiro, em suas zonas de clima certo, úmido, ocorreu uma oportunidade de desvio de atividade humana. O algodão era planta de zona árida ou semi-árida.

O segundo fator, se não essencial porem mais grave, foi o da parte comercial do mercado açucareiro ter sido monopolizada.

Vejamos na historia açucareira da Baía a situação de sua industria a partir de 1929-30, quando se inicia, em virtude do quinquenio tomado para fins de contingentamento, uma nova época. Eis os volumes das safras das dezoito usinas que concorreram para a limitação :

1929/30	539.789 scs.
1930/31	563.252 "
1931/32	350.896 "
1932/33	517.501 "
1933/34	651.514 "

Tomando-se para termo de comparação o primeiro ano do quinquenio, verificamos ter havido em 1931/32 um profundo colapso, com um desnível de 33%.

No último ano do quinquenio a produção aumentou, havendo uma majoração de 20%, em relação ao ano de 1929/30.

A media do quinquenio da limitação foi de 524.590 sacos, que é superior 49% à menor safra, e inferior 19% à maior safra.

Revistos todos os casos de limitação das usinas da Baía, atingiu a limitação total do Estado 687.561 sacos, que é superior à media quinquenal 162.971 sacos, ou 31%.

E' interessante a verificação da capacidade das usinas em virtude da limitação, pois iremos constatar que 77% das usinas do Estado têm um nivel de produção abaixo de 50.000 sacos.

Eis a relação geral das usinas, de acordo com a capacidade dos limites :

Até	10.000 sacos	5
Entre	10.000 e 20.000	2
"	20.000 e 30.000	3
"	30.000 e 40.000	—
"	40.000 e 50.000	4
"	50.000 e 60.000	—
"	60.000 e 80.000	2
"	80.000 e 100.000	1
"	100.000 e 140.000	1

O maior limite do Estado é o da usina Aliança, com 136.637 sacos, correspondendo a 19% da limitação do Estado. Se, porém, considerarmos que as usinas Aliança, Aratú, São Bento, São Carlos e Terra Nova, pertencem a uma única Empresa, tendo as cinco usinas um limite de 381.032 sacos, concluiremos que restam somente 45% da produção do Estado para as outras 13 usinas de açúcar.

Somando os limites 687.561 sacos, qual seria, no entanto, a capacidade teórica das usinas baianas ?

A capacidade diária de esmagamento das usinas é de 7.938 toneladas, que calculando à base de 90 dias de moagem e de 90 quilos de rendimento por tonelada de cana, dariam um volume de produção de 1.016.300 sacos.

Se se estender o prazo de moagem para 150 dias, a capacidade teórica das usinas baianas seria de 1.786.050 sacos. Essa capacidade de moendas se distribue da seguinte maneira pelo número de usinas:

Usinas	até	100 toneladas	2
"	de 101 a	200	"	1
"	de 201 a	300	"	2
"	de 301 a	400	"	6
"	de 401 a	500	"	1
"	de 501 a	600	"	2
"	de 601 a	700	"	1
"	de 701 a	800	"	—
"	de 801 a	900	"	2
"	de 901 a	1.000	"	1

Após a fixação do limite em 687.561 sacos, na safra 1934/35, o volume de produção atinge a 641.284 sacos, com uma diferença, portanto, de 48.277 sacos, ou de 6,7%.

Na safra 1935/36 o volume de produção desce a 518.612 sacos, o que representa uma diferença de 168.949 sacos, ou 24%, em relação ao limite oficial.

Ainda na safra 1936/37, a Baía não logra atingir o seu limite oficial de produção, pois a safra alcançou 652.460 sacos, ficando abaixo do limite 35.101 sacos ou 5,1%.

Somente na safra 1937/38 é que o limite é superado, alcançando a maior produção dentro dos nove anos de estudo, pois atinge 801.277 sacos. Inegavelmente é a maior safra das usinas da Baía, representando um excesso de 113.716 sacos, ou 16,5%.

Na safra 1938/39, a produção baiana cai para 568.199 sacos, representando uma diferença de 119.362 sacos, correspondendo a 17,3%.

Na safra seguinte de 1939/40, a produção atinge 849.478 sacos, apresentando uma produção extra-limite de 161.917 sacos, ou 23,5%.

A media da produção do sexenio 1934/35 a 1939/40 foi de 690.361 sacos, equivalendo a um aumento de 2.800 sacos sobre a limitação oficial. Isto é um índice significativo que a produção real das usinas, ou a produção provavel de acordo com as circunstancias do meio, não sofreu quase nenhum sacrificio com a fixação das quotas. Foi feita inteira justiça às usinas baianas, não cabendo culpa ao Instituto do Açucar e do Alcool de encontrar uma zona açucareira, antigamente próspera, a viver com a ilusão do seu antigo esplendor, a produzir pequenas safras, no seu velho massapê, forte e rico, de causar inveja às terras já cansadas de outros centros produtores.

Ter-se-ia quebrado o encanto da atração do massapê sobre o homem ?

Na Baía, a industria açucareira tem uma situação *sui-generis*. Somente algumas fábricas podem ser consideradas como boas usinas. A grande maioria tem baixo rendimento.

Vejámos as despesas, por sacco de açúcar, com o "custo de aquisição da materia prima":

I) — Usinas pequenas :

1933/34	21\$592
1934/35	22\$957
1935/36	20\$048
1936/37	24\$403
1937/38	22\$750
1938/39	20\$074

II) — Usinas medias :

1933/34	24\$256
1934/35	26\$526
1935/36	24\$985
1936/37	28\$823
1937/38	21\$513
1938/39	21\$947

III) — Usinas grandes :

1933/34	15\$579
1934/35	16\$129
1935/36	15\$125
1936/37	19\$901
1937/38	19\$074
1938/39	18\$087

Nenhum Estado nordestino logrou tão altos preços pelo fornecimento de canas, como os fornecedores baianos. E' verdade que esse preço mais elevado é decorrente tambem dos melhores preços do açúcar no Estado,

Pela pequena oscilação do custo da materia prima se concluirá que não houve grande prejuizo pela seca.

A media do custo de aquisição de canas nas usinas pequenas foi de 21\$970 por sacco, de 24\$675 nas usinas medias e 17\$316 nas usinas grandes.

Comprendemos perfeitamente que as usinas grandes, com um rendimento muito mais elevado, tenham o seu custo de aquisição de canas proporcionalmente baixo. Mas, é de admirar as variações de uma para outra categoria de usinas. Assim, vemos que as usinas grandes têm uma vantagem de 4\$654 e 7\$359, por sacco, respectivamente, sobre as usinas pequenas e medias. As usinas pequenas têm uma vantagem de 2\$705, por sacco, sobre as usinas medias.

Os números diferem muito com o custo de transporte de cana e lenha. Ei-los :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	4\$166
1934/35	3\$686
1935/36	3\$460
1936/37	3\$686
1937/38	2\$764
1938/39	3\$422

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$508
1934/35	2\$058
1935/36	1\$444
1936/37	1\$021
1937/38	\$744
1938/39	\$765

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$041
1934/35	\$664
1935/36	\$974
1936/37	\$530
1937/38	\$792
1938/39	\$874

Dentre todos os Estados açucareiros um dos mais difíceis sistemas de transporte da cana e lenha é o da Baía. Muitas usinas têm de fazer para o transporte da mesma quantidade de canas, o transporte com carros de bois até o porto à margem do Recôncavo Baiano; o transporte em barcaças e botes do porto de embarque até o desembarque, e o transporte em gaiões de estrada de ferro desse porto até à Usina.

A media, por sacco de açúcar, de transporte de cana e lenha para as usinas pequenas é de 3\$864, para as usinas medias de 1\$423, e para as usinas grandes de \$812. Verificamos pois que as grandes usinas têm uma vantagem de 3\$052 e \$611, respectivamente, em relação às medias e peque-

nas usinas. É facil conceber a situação de dificuldades das pequenas usinas com um frete tão dispendioso.

O custo de fabricação de açúcar muda bastante de uma categoria para outra. Nas pequenas usinas a sobrecarga dessa despesa é de grande vulto. Vejamos as despesas, conforme a classificação dos três tipos de fábricas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	5\$934
1934/35	6\$337
1935/36	6\$952
1936/37	7\$510
1937/38	6\$775
1938/39	7\$033

II) — Usinas medias :

1933/34	8\$360
1934/35	9\$350
1935/36	11\$725
1936/37	6\$981
1937/38	3\$316
1938/39	5\$688

III) — Usinas grandes :

1933/34	2\$409
1934/35	2\$793
1935/36	3\$544
1936/37	3\$639
1937/38	3\$876
1938/39	4\$893

A media do custo da fabricação de um sacco de açúcar nas usinas pequenas foi de 6\$756, nas usinas medias de 7\$586, e nas usinas grandes de 3\$525. As usinas grandes têm uma vantagem de 3\$231, por sacco, sobre as usinas pequenas, e de 4\$061 sobre as usinas de media capacidade. Essas diferenças correspondem a 91,6% e 115,2%. São somente explicaveis essas

diferenças pela deficiência das usinas pequenas e medias. Mas, de admirar é ainda a situação mais grave das usinas de media capacidade, que ficam colocadas em posição inferior à das pequenas usinas, que têm uma vantagem de \$830 por sacco.

Em materia de sacaria, as despesas verificadas, pelos três tipos, são :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$843
1934/35	1\$775
1935/36	2\$280
1936/37	2\$174
1937/38	1\$822
1938/39	1\$868

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$089
1934/35	1\$775
1935/36	2\$280
1936/37	1\$985
1937/38	1\$900
1938/39	1\$909

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$901
1934/35	1\$960
1935/36	2\$264
1936/37	2\$171
1937/38	2\$246
1938/39	1\$721

A media de despesas com a sacaria foi de 1\$927, por sacco de açucar, para as pequenas usinas, de 1\$989 para as usinas medias, e de 2\$044 para as usinas grandes. A única explicação para a elevação do custo da sacaria para as grandes usinas seria, talvez, a da melhor qualidade. Em todo caso, a diferença das verbas não é muito sensível.

Com a verba “ordenados, salarios e gratificações” as despesas discriminadas, por sacco de açúcar, foram de :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$365
1934/35	\$471
1935/36	\$436
1936/37	\$593
1937/38	\$603
1938/39	\$533

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$099
1934/35	1\$031
1935/36	1\$267
1936/37	1\$133
1937/38	1\$322
1938/39	1\$320

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$581
1934/35	1\$830
1935/36	1\$858
1936/37	2\$398
1937/38	2\$293
1938/39	2\$477

A media do sexenio 1933/34 a 1938/39 para as usinas pequenas, no tocante à verba “ordenados, salarios e gratificações”, é de \$500 por sacco, de 1\$195 para as usinas medias e de 2\$072 para as usinas grandes.

As usinas pequenas têm uma vantagem de \$695, por sacco, em relação às usinas medias e 1\$572, por sacco, em relação às usinas grandes. Ante tais dados temos a impressão de que os operarios das usinas pequenas ganham salarios baixíssimos. A parte técnica dessas usinas é completamente ausente. Daí a vantagem aparente das pequenas usinas baianas.

As despesas medias com seguros foram, durante o sexenio, de \$091 para as usinas pequenas, de \$078 para as usinas medias e de \$234 para as usinas grandes.

Com taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadoria, no bienio 1937/38 e 1938/39, as usinas pequenas despenderam uma media de \$177, por sacco, as usinas medias gastaram \$058, e as usinas grandes \$072 por sacco.

As despesas medias feitas na rubrica "Assistencia Social", durante o sexenio foram, para as usinas pequenas, de \$319, por sacco, para as usinas medias \$045 e para as grandes usinas \$054 por sacco.

Com a verba "impostos em geral", as despesas feitas pelas usinas dos diversos tipos foram :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$052
1934/35	1\$322
1935/36	1\$268
1936/37	1\$551
1937/38	1\$324
1938/39	1\$549

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$027
1934/35	1\$179
1935/36	1\$811
1936/37	1\$098
1937/38	\$575
1938/39	1\$319

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$313
1934/35	1\$072
1935/36	1\$323

1936/37	1\$309
1937/38	\$911
1938/39	1\$404

A media geral das despesas com impostos, durante o sexenio, foi, para as usinas pequenas de \$344 por sacco, para as usinas medias de 1\$168 e para as usinas grandes 1\$222.

Com a rubrica “conservação de linhas ferreas” as usinas pequenas têm uma despesa media, durante o sexenio, de \$693 por sacco, as usinas medias gastaram \$030 por sacco e as usinas grandes \$471 por sacco.

Com a conservação de material rodante as despesas medias foram, para as usinas pequenas, de \$452 por sacco, para as usinas medias \$227, e para as usinas grandes \$717, por sacco.

Com a conservação de material rodante as despesas medias foram, durante o sexenio do estudo, uma media por sacco de açucar produzido, de \$063, as medias usinas \$015 e as grandes usinas \$070 por sacco.

Já com a verba de apontamento de entre-safra, isto é, com a “conservação da fábrica e maquinismos” os gastos, durante o sexenio, foram :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	2\$068
1934/35	2\$381
1935/36	3\$546
1936/37	2\$924
1937/38	2\$607
1938/39	3\$100

II) — Usinas medias :

1933/34	\$252
1934/35	\$296
1935/36	\$383
1936/37	\$635
1937/38	1\$360
1938/39	\$708

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$904
1934/35	1\$759
1935/36	2\$365
1936/37	2\$223
1937/38	1\$523
1938/39	5\$327

A media de custo da conservação dos maquinismos foi para as usinas pequenas de 2\$771 por sacco, para as usinas medias de \$605 e para as grandes usinas de 2\$517. Causam grande estranheza os dados referentes às usinas medias. A diferença em seu favor, de 2\$166 e 1\$912 por sacco, respectivamente, em relação às usinas pequenas e grandes é absolutamente estranha. Dá até a impressão de que, por efeito de má classificação de verbas, na escrita comercial, algumas dessas despesas, como material de substituição, tenham sido contabilizadas na rubrica “despesas gerais”, que se apresenta em nível bastante alto.

Vejamos as verbas de despesas gerais :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$087
1934/35	1\$086
1935/36	1\$138
1936/37	1\$048
1937/38	2\$279
1938/39	1\$111

II) — Usinas medias :

1933/34	9\$272
1934/35	12\$202
1935/36	6\$608
1936/37	6\$117
1937/38	4\$558
1938/39	6\$578

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$621
1934/35	1\$485
1935/36	1\$656
1936/37	1\$370
1937/38	1\$536
1938/39	2\$376

A media dos gastos com “despesas gerais”, para as usinas pequenas foi de 1\$291 por sacco, para as usinas medias de 7\$566, e para as usinas grandes de 1\$674 por sacco. Diante da diversidade de dados poderemos deduzir que parte das despesas com apontamento foram incorporadas às despesas gerais. Se tirarmos uma média das duas rubricas — conservação de maquinismos e despesas gerais — encontramos para as usinas pequenas 1\$601 por sacco, para as usinas medias 4\$080 e para as usinas grandes 2\$095 por sacco. A situação mais crítica é a das usinas medias que têm uma diferença a mais de 3\$479, por sacco, em relação às usinas pequenas e 1\$985, por sacco, em relação às usinas grandes.

As despesas de “fretes e carretos” foram, para as usinas baianas, de diversos tipos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$287
1934/35	\$322
1935/36	\$306
1936/37	\$278
1937/38	\$289
1938/39	\$249

II) — Usinas medias :

1933/34	\$460
1934/35	\$454
1935/36	\$358
1936/37	\$272
1937/38	1\$835
1938/39	1\$756

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$679
1934/35	1\$712
1935/36	1\$764
1936/37	1\$873
1937/38	1\$588
1938/39	1\$880

A media de despesas feitas com fretes e carretos, para as usinas pequenas, foi de \$288 por sacco, para as usinas medias \$856 e para as grandes usinas 1\$716 por sacco. A explicação lógica para as grandes diferenças das despesas verificadas é de que as usinas pequenas remetem pouco açúcar para a cidade do Salvador, vendendo o produto, por assim dizer, na porta. A sobrecarga da exportação para mercados nacionais pesa muito mais nas usinas medias e grandes. A desigualdade dos dados nas usinas medias demonstra que anteriormente não tinham nenhuma responsabilidade por essa exportação, daí, a media do período 1933/34 a 1936/37 ser de \$386, por sacco, e do período 1937/38 a 1938/39 ser de 1\$795 por sacco.

Outra explicação viavel é a de que o comprador da cidade do Salvador se encarrega do pagamento do frete, rebaixando a despesa com essa rubrica, descontando-a porem no preço de liquidação das vendas do açúcar.

As despesas medias com *warrantagens* e armazenagem foram para as usinas pequenas no período do sexenio, de 1\$439 por sacco, para as usinas medias de 1\$873 e para as usinas grandes de 1\$949 por sacco.

Com as retiradas, em dinheiro, dos usineiros, ou com honorarios e gratificações da diretoria da usina, as despesas medias, durante o sexenio do estudo, foram de 1\$934, por sacco, para as usinas pequenas, para as usinas medias de \$717 e para as usinas grandes de 1\$251 por sacco. As usinas pequenas têm uma diferença a mais de 1\$217 por sacco, em relação às usinas medias, e \$683 por sacco, em comparação com as despesas das usinas grandes.

Finalmente, as despesas totais, por sacco de açúcar produzido, para os três tipos de usinas baianas foram durante o período sexenal :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	45\$414
1934/35	49\$803
1935/36	50\$355
1936/37	54\$139
1937/38	49\$547
1938/39	49\$127

II) — Usinas medias :

1933/34	53\$914
1934/35	58\$185
1935/36	53\$397
1936/37	52\$893
1937/38	44\$322
1938/39	49\$790

III) — Usinas grandes :

1933/34	35\$817
1934/35	35\$271
1935/36	39\$085
1936/37	38\$205
1937/38	38\$201
1938/39	46\$197

A media geral do custo de produção, durante o sexenio foi de 49\$729 por sacco, para as usinas pequenas, de 52\$299 para as usinas de media capacidade, e 38\$476 por sacco, para as grandes usinas.

As diferenças entre as três categorias são muito elevadas, pois as grandes usinas têm uma vantagem de 11\$253 por sacco, em relação às usinas pequenas. A desvantagem das usinas medias é ainda maior, pois a diferença sobe a 13\$823 por sacco. Se a Baía não tivesse uma situação de mercado de preço excepcional, a industria açucareira teria fatalmente sossobrado. Ocorre porem, que os preços do açúcar no mercado baiano estão em completo desacordo com as correspondências com o açúcar dos outros Estados. Destarte, o preço interno sobe bastante, chegando muitas

vezes a ultrapassar o nível das cotações no Distrito Federal. Não fora isto, e não existiria, talvez, industria açucareira no Estado da Baía.

E) — RIO DE JANEIRO

A evolução da industria açucareira fluminense, nesses nove anos, é um capítulo digno de estudos para o economista. O período de recuperação das safras denota um acentuado poder de ampliação, se algum dia cessassem as medidas de restrição. Não se poderia afirmar que tivesse havido ultimamente um grande aumento nas capacidades das usinas. As estatísticas da época da limitação dão os seguintes números para a capacidade diaria de esmagamento das usinas fluminenses :

Até 100 toneladas	0 usinas
De 101 a 200 tons.	4 "
De 201 a 300 "	6 "
De 301 a 400 "	2 "
De 401 a 500 "	5 "
De 500 a 600 "	4 "
De 601 a 700 "	5 "
De 701 a 800 "	2 "
De 801 a 1000 "	2 "
De 1000 a 1200 "	1 "

A capacidade diaria das usinas acima atinge 15.810 toneladas. Em 150 dias de moagem, o que aliás é um período normal para a industria açucareira, com um rendimento medio de 90 quilos de açúcar por tonelada de cana moída, a capacidade real das usinas fluminenses é para 3.557.250 sacos. Esse número é ainda teórico, porque jámais foi alcançado, dado que a maior safra do Estado do Rio foi a de 1936/37, ficando abaixo daquele volume 26,4%. Esse resultado é bastante significativo por demonstrar a orientação da instalação das fábricas, sem nenhum plano, sem harmonia entre os maquinismos dentro da usina, sem equilibrio entre a capacidade de produção agrícola, quer propria, quer de fornecedores, e muitas vezes em desharmonia a instalação da fábrica com as possibilidades financeiras do adquirente, o que leva a empresa a jamais se suprir de materia prima porque o seu proprietario não tem meios, nem possibilidades de obtê-la.

Em relação à capacidade das usinas no período de moagem de cinco meses, a atual limitação das usinas fluminenses é inferior 43,3%.

Logrará algum dia a industria açucareira fluminense, quando as quotas da atual limitação forem inferiores às requisições do consumo, o alto volume da sua capacidade teórica? A racionalização dos trabalhos de campo, as novas sementes de cana cultivadas, os serviços de saneamento das baixadas dos Goitacazes e Araruama são indícios que o Estado do Rio pouco terá de modificar, para ampliar, de momento, os volumes de suas safras.

Na presente historia das usinas do Rio de Janeiro estão descritas as 29 fábricas em funcionamento. As produções dessas usinas no quinquenio anterior à limitação foram :

Anos	Sacos
1929/30	1.936.139
1930/31	1.262.813
1931/32	1.624.650
1932/33	1.459.261
1933/34	1.767.259

Em relação ao primeiro ano desse estudo, isto é, 1929/30, em números índices, a situação estatística da produção desse quinquenio é :

1929/30	100
1930/31	65,2
1931/32	83,9
1932/33	75,4
1933/34	91,3

Houve, portanto, dois anos de depressão, correspondendo o primeiro deles, em 1930/31, ao periodo crítico da crise de preços.

A media do quinquenio da limitação atingiu 1.609.582 sacos, que é inferior à maior safra 16,8% e superior à menor safra 27,5%.

Revistos os casos das usinas que tinham direito à majoração do limite em virtude de possuirem capacidade de esmagamento das moendas supe-

rior à media quinquenal, e resolvidos os casos das usinas enquadradas nas exceções consagradas pelo decreto que rege as atividades do Instituto do Açúcar e do Alcool, apurou-se um limite geral de 2.016.916 sacos.

Esse limite, de acordo com o volume de produção de cada usina, está distribuído, em ordem de classificação, do seguinte modo:

	Até	10.000 sacos	3 Usinas
Entre	10.000 e	20.000 "	3 "
"	20.000 e	30.000 "	2 "
"	30.000 e	40.000 "	1 "
"	40.000 e	50.000 "	3 "
"	50.000 e	60.000 "	4 "
"	60.000 e	80.000 "	2 "
"	80.000 e	100.000 "	5 "
"	100.000 e	200.000 "	5 "
	Alem de	200.000 "	1 "

Consideradas usinas de pequena e média capacidades no Brasil as de limite até 50.000 sacos, encontramos no Estado do Rio 12 usinas nessa categoria, e na categoria de grandes usinas 17 fábricas.

O limite de produção das usinas fluminenses é superior à media geral do quinquenio 1929/30 e 1933/34, 407.334 sacos, equivalendo a 25,3% de majoração.

Em relação ao sexenio posterior à fixação daquele limite, verificaremos que somente uma safra, a de 1934/35, é inferior ao contingente da produção do Estado, porque só atingiu 1.825.474 sacos, o que representa uma diferença de 191.442 sacos, correspondendo a 9,4%. As outras três safras, de 1935/36 a 1937/38, são sempre superiores ao limite do Estado. Assim, a de 1935/36 que atingira 2.107.651 sacos, apresenta um excesso sobre o limite, de 90.735 sacos, correspondendo a 44% de majoração. A safra seguinte, de 1936/37, que alcançou o alto volume de 2.615.923 sacos, se apresenta com uma diferença a mais, sobre o limite de 599.007 sacos, ou 29,7%, sendo a maior safra obtida até hoje, pelas usinas do Estado do Rio. A safra 1937/38 superou em 494.727 sacos, ou 24,5%, o limite automatizado da produção fluminense.

A safra 1938/39 baixou para 2.023.707 sacos, o que representa uma diferença, a mais, sobre o limite de produção de 6.791 sacos.

Finalmente, a safra 1939/40 traz nova elevação no volume de açúcar produzido, em terras fluminenses, alcançando 2.308.122 sacos, ou uma produção extra-limite de 281.106 sacos, ou 13,9%.

A media do sexenio 1934/35 — 1939/40 atingiu 2.199.000 sacos, equivalendo a um excesso de 182.084 sacos ou 9% em relação à quota de limitação do Estado. E, em relação à media do quinquenio que serviu de base para a fixação do limite de produção, a media do sexenio seguinte é superior 26,8%, pois que a diferença de produção, a mais, é de 589.418 sacos.

Mas, se o limite de produção do Estado do Rio é de 2.016.916 sacos, como se compreender que a sua produção aumentasse tanto? Ademais, se a base de toda a defesa açucareira repousa na honestidade do cumprimento das quotas fixadas para cada usina, como se explicar a complacencia do Instituto do Açúcar e do Alcool, deixando que nas safras de 1934/35 e 1935/36, respectivamente, cinco e vinte usinas superassem os seus limites, e nas safras 1936/37, 1937/38, 1938/39 e 1939/40, praticamente todas as usinas fluminenses os superassem em demasia ?

Isoladamente, o caso fluminense se afiguraria uma brecha no plano geral da defesa, e que seria assim indefensável a complacencia.

A explicação reside na calamidade climática que, açoitando durante dois anos o Nordeste açucareiro, reduziu no primeiro ano, de 50% a sua produção, e no segundo ano quase 40%. Ora, quando se iniciou em setembro de 1936, a nova safra do Norte, a situação estatística era de otimismo, porque na última safra tinham sido exportados 1.727.500 sacos, por conta exclusiva dos produtores de Pernambuco e Alagoas, restando somente, naquele primeiro centro produtor 105.897 sacos, que ante a previsão da seca, foram devolvidos ao consumo. No Sul, as safras eram grandes, havendo excessos de produção nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Uma redução de 50% nas safras dos dois Estados nortistas equivaleria a uma diferença de cerca de 2.800.000 sacos. Considerando a necessidade de igual retirada — no caso de normalidade de safras, — haveria ainda um deficit calculado em 1 milhão de sacos, da produção geral no Brasil sobre as necessidades de consumo nacional. Equivaleria a uma súbita ascensão dos preços tal fato. E, se uma das funções essenciais do

Instituto do Açúcar e do Alcool é a preservação dos preços, afim de não colidir o interesse do consumo com o da produção, o I.A.A. teria de encaminhar a defesa da safra de maneira a normalizar a situação. Com a solução dada, adquirindo o Instituto nos centros onde a produção superava o limite, os excessos de açúcar, à base de 30\$000 o sacco de demerara, vendido posteriormente pelo preço do mercado, para ressarcimento dos produtores nortistas da quota de sacrifício da safra anterior, conseguiu-se equilibrar, para a safra 1936/37, a produção geral com as necessidades do consumo. Isto é, o excesso da produção sulista, — principalmente do Estado do Rio — cobriu o **deficit** da produção das regiões setentrionais. Assim se explica o excesso produzido sobre o limite, pelas usinas do Estado do Rio, em 1936/37.

Na safra seguinte, continuava no Nordeste a inclemencia climática. Novamente a terra seca minguava os gomos das canas. O verdor dos canaviais desaparecera, substituído pelo tom das cousas queimadas. E a produção outra vez desceu bastante, trazendo aos produtores pernambucanos e alagoanos tristes perspectivas. O Sul, atravessando um bom ciclo, ainda tinha excesso de produção. Reunida a Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, em sessão de 9 de maio de 1937, vésperas da safra do Sul, verificado o **deficit** da produção de acordo com as estimativas, jogou-se pela primeira vez com a legislação das quotas excedentes, pois que no regulamento baixado com o decreto n.º 22.981 de 25 de julho de 1933, se determinava que “oportunamente, o Instituto do Açúcar e do Alcool verificado os estoques de açúcar existentes no país e as estimativas das safras a iniciar-se, podendo, então, segundo as conclusões a que chegar, autorizar um aumento sobre a base adotada ou fixar uma redução na percentagem que se faça necessaria para equilibrar a produção e o consumo. Quer no caso de aumento, quer no de redução, a percentagem desta ou daquele será igual para todas as usinas da região”.

Vitorioso o ponto de vista de que acima de tudo se devia preservar a situação do consumo, evitando nefastas especulações de preços, que só beneficiariam o distribuidor intermediario e nunca a produção, a qual, pelo contrario, seria prejudicada pela desmoralização do seu órgão de defesa, que se tornaria inoperante, inefficiente, a Comissão Executiva do I.A.A., em sessão de 30 de junho de 1937, majorou de 20%, para a safra 1937/38, as quotas de produção das usinas dos Estados da Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo, Santa Cata-

rina e Rio Grande do Sul, correspondendo essa majoração a 1.045.522 sacos. A quota correspondente ao Estado do Rio foi de 403.383 sacos, ficando assim autorizado a produzir 2.420.299 sacos. Em relação à totalidade de sua safra em 1937/38, houve ainda um excesso de 91.344 sacos, posteriormente liberados pela satisfatória posição estatística do mercado. Os excessos das safras 1938/39 e 1939/40, respectivamente de 6.791 sacos e 281.106 sacos, tiveram liberação em face da capacidade de absorção dos mercados consumidores. Está portanto explicada a razão dos excessos da produção açucareira fluminense sobre a sua limitação.

Verificada a situação da industria açucareira fluminense, como se processaram, num longo período de onze anos, as suas safras, como atingiu o alto limite de 2.016.916 sacos, qual a correlação das capacidades das fábricas com a possibilidade de fabricação, tudo isso influenciando intimamente na estrutura dos custos de produção, vejamos qual a posição em materia de custo do açúcar, das três categorias de usinas do Estado do Rio de Janeiro.

No estudo do custo de produção das usinas sulistas não se tem a deduzir anos de safras anormais, porque nessa região não existe propriamente seca. Durante um ou outro ano as precipitações decrescem, porem as reduções não ultrapassam de 15%. Têm, principalmente as usinas fluminenses, a grande vantagem das grandes e intermináveis varzeas, sempre mais frescas, em idénticas situações de quedas de chuvas, que as ladeiras de barro vermelho e de massapé dos Estados açucareiros nordestinos. Daí a menor variação no custo final de produção do açúcar.

No Estado do Rio de Janeiro, as usinas pequenas são as que têm uma produção até 60.000 sacos; as usinas medias, as de produção oscilando de 60.000 a 120.000 sacos, e grandes usinas as que têm produção acima de 120.000 sacos.

Na especificação das diversas verbas, encontramos, para aquisição de materia prima, as seguintes despesas, de acordo com as categorias das usinas :

1) — Usinas pequenas :

1933/34	20\$939
1934/35	19\$813

1835/36	20\$065
1936/37	20\$224
1937/38	22\$834
1938/39	22\$399

II) — Usinas medias :

1933/34	15\$563
1934/35	16\$497
1935/36	16\$230
1936/37	16\$304
1937/38	20\$214
1938/39	18\$632

III) — Usinas grandes :

1933/34	15\$950
1934/35	17\$466
1935/36	16\$451
1936/37	16\$434
1937/38	21\$197
1938/39	18\$205

Encontramos para as usinas pequenas, durante todo o período do sexenio, uma media de 21\$046 por sacco, para as usinas medias 17\$240, e para as grandes usinas uma media por sacco de 17\$617. A diferença em favor da media usina, comparando-a com a grande usina é somente de \$377 por sacco. A diferença porem da media usina e da grande usina para a pequena usina é bastante grande pois atinge respectivamente 3\$806 e 3\$429 por sacco de açucar.

No custo de transporte de cana e lenha, iremos encontrar talvez a explicação do valor da materia prima ser bem mais alta na pequena usina que nas demais. Se na segunda verba estudada as despesas avultam tambem, para a pequena usina, quer dizer que a materia prima para essa categoria de fábricas vem de mais longe, não sofrendo a influencia exclusiva da usina, e sim a concorrência de outras fábricas. E' verdade que a pequena usina com baixo rendimento industrial tem o seu custo de aquisição de materia prima automaticamente elevado.

Vejamos o custo de transporte de cana e lenha para as diversas categorias de usinas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	2\$348
1934/35	2\$260
1935/36	2\$539
1936/37	2\$304
1937/38	2\$452
1938/39	2\$344

II) — Usinas medias :

1933/34	\$885
1934/35	1\$038
1935/36	1\$001
1936/37	1\$014
1937/38	1\$012
1938/39	1\$255

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$645
1934/35	1\$097
1935/36	1\$135
1936/37	1\$234
1937/38	1\$369
1938/39	1\$692

A media geral do custo de transporte de cana e lenha para as pequenas usinas foi, durante o período sexenal, de 2\$374, para as medias usinas de 1\$034, e para as grandes usinas de 1\$362 por sacco. A desvantagem das pequenas usinas é de 1\$340 e 1\$012 por sacco, respectivamente, em relação às usinas medias e grandes. As usinas de media capacidade têm uma vantagem de \$328 por sacco em relação às usinas de grande capacidade.

A posição dos gastos com a fabricação de açúcar, propriamente dita, é a seguinte, para as fábricas das 3 categorias :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	4\$272
1934/35	3\$473
1935/36	3\$712
1936/37	4\$178
1937/38	4\$184
1938/39	4\$380

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$439
1934/35	2\$335
1935/36	2\$389
1936/37	2\$979
1937/38	2\$748
1938/39	3\$361

III) — Usinas grandes :

1933/34	3\$822
1934/35	3\$019
1935/36	3\$492
1936/37	3\$022
1937/38	4\$126
1938/39	6\$196

A media do custo de fabricação do açúcar, durante todo o período do estudo, foi, para as usinas pequenas de 4\$033, para as usinas medias de 2\$708 e para as grandes usinas de 3\$946, por sacco de açúcar produzido. Está claro que a assistencia técnica, que exige uma grande fábrica, é bem maior que para as usinas das duas outras categorias. Pelas medias acima verificamos que a usina de media capacidade tem uma vantagem de 1\$325 por sacco, em comparação com as usinas pequenas, e 1\$238, por sacco, em relação às usinas grandes.

Um outro dado interessante a focalizar é o da elevação verificada na última safra do estudo, a de 1938/39, quando a política social do Governo já estava em execução, com a lei de 8 horas para as industrias, inclusive a açucareira.

As pequenas usinas que tiveram uma media quinquenal de 4\$033 por sacco têm o custo de fabricação, em 1938/39, majorado de \$347 por sacco. As usinas de media capacidade têm um aumento em 1938/39, de \$653 por sacco, em comparação à media quinquenal de fabricação de açúcar. Finalmente, as grandes usinas que tiveram uma media de 3\$946 por sacco, na safra 1938/39, se apresentam com uma majoração de 2\$250 por sacco, equivalendo a uma elevação de 57%. E' a constatação de um fato econômico, realmente merecedor de análise mais profunda.

Na rubrica de sacaria, as flutuações não são de grande vulto, de um tipo de usina para outro. Assim temos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$947
1934/35	2\$010
1935/36	2\$032
1936/37	1\$904
1937/38	1\$781
1938/39	1\$714

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$927
1934/35	1\$813
1935/36	2\$035
1936/37	1\$933
1937/38	2\$059
1938/39	2\$041

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$993
1934/35	1\$749
1935/36	1\$790
1936/37	1\$848
1937/38	1\$688
1938/39	1\$663

As medias de custo de aquisição da sacaria para as usinas de pequena capacidade são de 1\$898, para as usinas de media capacidade 1\$968, e para as grandes usinas de 1\$788. Essa diferença em favor das grandes usinas se deve naturalmentê aos descontos obtidos pelas compras de maiores quantidades de sacos.

As despesas com ordenados, salarios e gratificações colocam em grande contraste os três tipos de fábricas. Vem-nos a impressão até que as pequenas usinas não gratificam seu pessoal, e pagam-no mal. Os números falam expressivamente :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$365
1934/35	\$471
1935/36	\$436
1936/37	\$593
1937/38	\$603
1938/39	\$533

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$099
1934/35	1\$031
1935/36	1\$267
1936/37	1\$133
1937/38	1\$322
1938/39	1\$320

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$581
1934/35	1\$830
1935/36	1\$858
1936/37	2\$398
1937/38	2\$293
1938/39	2\$477

A media das despesas para as usinas pequenas foi de \$500 por sacco, para as usinas de media capacidade de 1\$195, e para as grandes usinas de 2\$072

por sacco. Quer dizer que as usinas grandes pagam a mais 1\$572 por sacco que as usinas pequenas e \$877 que as usinas medias. Esse ítem é de grande importancia porque por ele se poderá perceber a função de maior distribuição de melhores salarios para os que vivem na dependencia da exploração industrial do açúcar.

Com seguros a media do sexenio, para as usinas pequenas, foi de \$195 por sacco, para as usinas medias de \$197 e para as grandes usinas \$187 por sacco.

Com "taxas e contribuições de caixas de pensões e aposentadoria", gastaram as usinas pequenas no quadriennio 1935/36 a 1938/39 uma media de \$061 por sacco, as usinas de media capacidade \$087 e as grandes usinas \$046 por sacco.

Com assistencia social despenderam as pequenas usinas, no período em estudo, \$172 por sacco, as medias usinas \$107, e as grandes usinas \$467, por sacco, o que representa, no último caso, um dispendio a mais respectivamente, de \$295 e \$360, por sacco, em comparação com os gastos das usinas pequenas e medias.

Quanto à verba de impostos em geral, paga pelos produtores de açúcar, as diversas categorias de usinas gastaram :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$583
1934/35	\$640
1935/36	\$752
1936/37	\$451
1937/38	1\$046
1938/39	1\$434

II) — Usinas medias :

1933/34	\$471
1934/35	\$538
1935/36	\$408
1936/37	\$529
1937/38	\$738
1938/39	1\$259

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$369
1934/35	\$305
1935/36	\$520
1936/37	\$440
1937/38	\$741
1938/39	\$993

A media geral de impostos pagos durante o sexenio foi de \$817, por sacco de açucar, para as usinas pequenas, de \$856 para as usinas medias, de \$561 por sacco para as usinas grandes. Quer dizer que as usinas pequenas pagam, por sacco de açucar, mais \$256, e as usinas medias mais \$295 que as usinas grandes.

E' interessante focalizar a elevação dos impostos em geral, de 1933/34 para 1938/39. Verificamos, assim, que as usinas pequenas pagam em 1938/39 mais de 146% que em 1933/34, as usinas medias mais 167% e as usinas grandes mais 169%.

As despesas feitas com a conservação de linhas ferreas foram, para as usinas, durante o sexenio :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	\$775
1934/35	\$938
1935/36	\$809
1936/37	\$707
1937/38	\$990
1938/39	\$757

II) — Usinas medias :

1933/34	\$541
1934/35	1\$103
1935/36	1\$074
1936/37	\$840
1937/38	\$566
1938/39	1\$016

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$640
1934/35	\$407
1935/36	\$358
1936/37	\$288
1937/38	\$616
1938/39	\$644

A media das despesas, para as usinas pequenas, foi de \$829, por sacco, de \$856 para as usinas medias, de \$492, por sacco de açucar, para as usinas grandes.

Quanto à conservação do material rodante, a media do período em estudo foi para as pequenas usinas de \$247, por sacco, de \$446 para as usinas de media capacidade, de \$252, por sacco, para as usinas de grande capacidade.

A conservação da fábrica e maquinismos, enfim, material do “apontamento” da usina, se apresenta com altas verbas, conforme se poderá verificar com os seguintes dados :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	2\$802
1934/35	2\$874
1935/36	3\$282
1936/37	3\$090
1937/38	4\$565
1938/39	4\$977

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$959
1934/35	3\$315
1935/36	3\$884
1936/37	2\$695
1937/38	3\$926
1938/39	5\$045

III) — Usinas grandes :

1933/34	3\$172
1934/35	3\$109
1935/36	2\$995
1936/37	2\$514
1937/38	3\$189
1938/39	4\$196

A media geral das despesas efetuadas com o apontamento das pequenas usinas foi, durante o sexenio, de 3\$598 por sacco, para as medias usinas de 3\$637, e para as grandes usinas de 3\$195 por sacco. A constatação mais interessante diz respeito à comparação entre os dois extremos do período estudado. Assim, em relação a 1933/34 na safra 1938/39, as pequenas usinas tiveram um aumento de 77%, as medias usinas um aumento de 70% e as grandes usinas de 32%. Essas diferenças tão sensiveis carecem de explicação. A elevação do material de custelo foi bem grande.

No que diz respeito à verba de despesas gerais, as pequenas usinas levam muita vantagem sobre as dos dois outros tipos. Eis as despesas gerais, por categoria de fábrica :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$766
1934/35	1\$711
1935/36	1\$874
1936/37	1\$654
1937/38	2\$799
1938/39	2\$475

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$302
1934/35	1\$692
1935/36	1\$343
1936/37	1\$562
1937/38	2\$475
1938/39	3\$603

III) — Usinas grandes :

1933/34	4\$182
1934/35	2\$637
1935/36	2\$758
1936/37	2\$956
1937/38	3\$947
1938/39	3\$656

A media geral das “Despesas Gerais” para as usinas pequenas é de 2\$046 por sacco, para as usinas de media capacidade de 1\$829, e para as usinas grandes de 3\$356 por sacco.

Não existe, em absoluto, interdependencia ou proporcionalidade entre a capacidade da fábrica e as despesas gerais.

Compreende-se, perfeitamente, que uma grande usina tem despesas vultosas, que não sobrecarregam tanto os dois outros tipos de usina. Há, porem, uma diferença muito sensivel nas verbas de despesas gerais. Basta atentar que a pequena usina só tem uma diferença de \$217 em relação à media usina, enquanto que a grande usina tem essa diferença aumentada para 1\$310 por sacco.

As pequenas despesas de fretes, (quase todas as vendas de açucar são feitas FOB Campos), de armazenagem, de comissões, estão consignadas em “despesas gerais”.

Finalmente, a última verba do estudo de custo de produção nos dá elementos interessantes para comentario :

Honorarios e gratificações da diretoria, ou retirada, em dinheiro, do proprietario da fábrica.

Eis a relação de acordo com as categorias das usinas :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	1\$606
1934/35	1\$425
1935/36	1\$124
1936/37	1\$017

1937/38	\$950
1938/39	1\$474

II) — Usinas medias :

1933/34\$452
1934/35	\$845
1935/36	\$804
1936/37	\$844
1937/38	\$843
1938/39	1\$360

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$260
1934/35	\$336
1935/36	\$292
1936/37	\$308
1937/38	\$310
1938/39	\$328

A media geral obtida com os dados das usinas pequenas é de 1\$266 por sacco, para as usinas medias de \$861, e para as grandes usinas de \$305 por sacco. Se não encontrarmos uma argumentação qualquer, vamos chegar ao paradoxo de que o usineiro pequeno é tremendamente perdulario e que o grande usineiro é sovinaamente econômico. Por exemplo, um pequeno usineiro fluminense, de 60.000 sacos, retira por ano 74:960\$000; um usineiro com usina de media capacidade, com 90.000 sacos, retira 77:490\$000; e, finalmente, um grande usineiro, com 205.000 sacos, só retira 76:250\$000. E', positivamente, um contrasenso. A razão dessa diferença deve residir em que parte dessas retiradas em dinheiro, do usineiro, sai na verba de "despesas gerais", e sobretudo sai por conta do lucro agrícola.

Somando todas as parcelas do custo de produção por categoria, encontramos :

I) — Usinas pequenas :

1933/34	40\$834
1934/35	39\$499
1935/36	40\$084
1936/37	39\$593
1937/38	45\$940
1938/39	46\$319

II) — Usinas medias :

1933/34	31\$186
1934/35	33\$980
1935/36	34\$292
1936/37	33\$332
1937/38	39\$739
1938/39	43\$246

III) — Usinas grandes :

1933/34	37\$526
1934/35	35\$805
1935/36	35\$443
1936/37	35\$094
1937/38	43\$612
1938/39	44\$367

A media geral durante o sexenio, para as usinas pequenas foi de 42\$080 por sacco; para as usinas medias, de 36\$127, e para as grandes usinas de 38\$652, por sacco.

A melhor situação, no Estado do Rio de Janeiro, é a da usina que tem uma capacidade oscilando de 60.000 a 120.000 sacos, pois há, em seu favor, uma diferença de 5\$953 por sacco, em relação à pequena usina, e 2\$525, por sacco, em relação à grande usina.

A diferença sensível da pequena usina reside, em grande parte, no valor da materia prima, e a diferença entre a media usina e a grande usina,

está, em primeiro lugar, na verba de “despesas gerais” e, depois, no maior gasto com “ordenados, salários e gratificações.”

E) SÃO PAULO

Todos os que estudavam a posição econômica do Estado de São Paulo, apontavam-no como um símbolo da monocultura; onde o café era soberano, não admitindo que qualquer outra cultura lhe fizesse sombra. Mas, o plano de valorização do café assim ditava essa tendencia exclusivista, porque sendo a única cultura amparada, drenava para ela todas as atividades humanas e todos os capitais. Até todas as atenções dos Governos convergiam para o produto que, realmente, dava a quase totalidade do ouro obtido nos mercados internacionais. Esse imperialismo impossibilitou, durante muito tempo, que em S. Paulo a industria açucareira se organizasse em grande vulto. Ademais, em São Paulo, as variedades importadas do Norte — a manteiga, a demerara, a Port Makey — não medravam bem. Os que trataram da lavoura canavieira em São Paulo davam um rendimento industrial e agrícola inferior aos das usinas do Nordeste. Quando começaram os industriais paulistas a dispensar maior cuidado à parte agrícola, convencidos, em tempo, que o verdadeiro problema açucareiro no Brasil reside menos nas magníficas instalações das usinas que no campo, apareceu com uma intensidade muito forte, o mosaico. As safras do Estado de São Paulo, que anteriormente à infecção do mosaico eram pequenas, quase se anularam, logo após a irrupção do terrível mal. Em 1923, isto é, pouco depois que se constatou a ação danosa do mosaico, não existiam ainda canas resistentes à molestia. Em 1924, as estatísticas consignavam 1% de canas javanesas. E, num surto dignificador do progresso da lavoura canavieira paulista, consegue num setenio transmudar completamente a paisagem agrícola, ascendendo a 99% a quantidade de canas resistentes plantadas no Estado. As safras obedecem também um ritmo acelerado. Em 1925-26 o volume alcançado é somente de 155.343 sacos, em 1926-27 atinge 375.930 sacos, subindo, sempre, a 652.867 sacos e 945.980 sacos, respectivamente, em 1927-28 e 1928-29. Em 1929-30 a percentagem das canas resistentes é de 85%, isto é, restam somente 15% de canas suscetíveis ao ataque do mosaico, e, então a produção paulista atinge à sua maior safra, subindo 1.113.417 sacos. A safra 1929-30 foi considerada como a primeira do quinquenio que serviu de base aos cálculos de limitação.

Concorreram ao direito de limitação trinta e cinco usinas que tiveram uma média quinzenal, isto é, no período 1929-30 a 1933-34, de 1.473.046 sacos, tendo sido tomadas as seguintes safras :

1929/30	1.113.417 sacos
1930/31	1.108.510 "
1931/32	1.565.824 "
1932/33	1.673.998 "
1933/34	1.828.668 "

Tomando-se em consideração o primeiro ano do quinquenio básico, verificamos que no último ano desse período, a produção havia se elevado 64%. Não existe progresso algum em nenhuma cultura que haja demonstrado um tão rápido desenvolvimento, pois considerada a safra 1925-26, um octenio após, a produção paulista sobe 1.079%. Desde o início do combate ao mosaico, isto é, 1925-26, até à safra 1933-34, não houve nenhum ano em que a produção decaísse. A ascensão é brusca e constante, denotando um desejo incontido de ser o Estado de São Paulo abastecido com açúcar de procedencia paulista.

Em relação ao primeiro ano do quinquenio básico, em números índices, a situação de produção dessas cinco safras é a seguinte :

1929/30	100
1930/31	100
1931/32	140
1932/33	150
1933/34	167

Não houve assim nenhum declínio das safras no Estado de São Paulo, contrastando com o que ocorrera em idêntico período com as usinas do Estado do Rio, cuja maior safra no quinquenio fôra a de 1929-30. A explicação reside no fato de terem sido os canaviais paulistas os primeiros afetados pelo mosaico, que só se transplantou para os canaviais fluminenses depois da safra, 1929/30. Tendo sido a media do quinquenio legal da limitação de 1.458.083 sacos, a menor safra, a de 1929/30 lhe é inferior 24%, e a maior safra, a de 1933/34, é superior àquela base, 25%.

Vejamos, agora, a situação das usinas paulistas, tomando em conside-

ração as capacidades de esmagamento e o nível em que foram limitadas as fábricas de açúcar do grande Estado industrial.

Se bem que o Estado de São Paulo possua usinas com capacidades superiores às do Estado do Rio, no entanto, 23% das usinas daquele Estado têm uma capacidade de esmagamento diário inferior a 100 toneladas, ao passo que na região fluminense não existe nenhuma usina com tal capacidade.

A capacidade total, diária, das usinas paulistas, é de 13.787 toneladas, sendo distribuída da seguinte maneira :

Até 100 toneladas	8
De 101 a 200 tons	9
De 201 a 300 "	5
De 301 a 400 "	2
De 401 a 500 "	2
De 501 a 600 "	—
De 601 a 700 "	—
De 701 a 800 "	3
De 801 a 1000 "	4
De 1001 a 1200 "	1
De 1200 a 1300 "	1

Num período normal de 150 dias de moagem, — aliás a fórmula primitiva apresentada pelo Estado de São Paulo, para efeito de fixação de limites das usinas do Brasil — com um rendimento medio de 90 quilos por tonelada de cana, o limite de produção das usinas paulistas atingiria 3.102.075 sacos, situação que seria inferior 12% ao limite teórico que seria, pela mesma fórmula, atribuída às usinas do Estado do Rio.

No entanto, atendendo à iniludível necessidade de serem limitadas as safras de açúcar, a produção paulista foi fixada num nível inferior 33% ao volume teórico acima encontrado.

Mas, analisemos como foi obtida a atual limitação de 2.071.439 sacos.

Em sessão conjunta, a Comissão Executiva e o Conselho Consultivo do Instituto do Açúcar e do Alcool resolveram que para "a limitação da produção de açúcar nas usinas, engenhos banguês, meio-aparelhos e ins-

tantaneos, o Instituto do Açúcar e do Alcool tomará a capacidade de esmagamento das moendas nas vinte e quatro horas, multiplicada pelo número de dias que o Instituto fixará para cada safra, tendo em vista as necessidades do consumo nacional e as existências nos mercados internos adotando-se o coeficiente de noventa quilos de açúcar por tonelada de cana". Ficou porem determinado que, em nenhum caso, o limite da usina seria fixado abaixo da media verificada no quinquenio da lei. Essa media quinquenal é a base da limitação official. O fator capacidade de esmagamento das moendas só seria tomado em consideração quando a media do quinquenio fosse inferior à capacidade das moendas. E, atendendo a esse fato, consignava a resolução do Instituto que seria acrescido ao limite até um máximo de 20%.

Vejamos, de acordo com essa resolução, qual o volume que deveria atingir a produção das usinas.

Tendo alcançado a media quinquenal de 1.458.083 sacos, e mesmo admitindo que todas as usinas tivessem direito ao aumento de 20%, isto é, que as capacidades de esmagamento fossem superiores à media do quinquenio, o limite do Estado de São Paulo deveria ter sido de 1.749.699 sacos. O limite, porem, atribuido às usinas paulistas foi de 2.071.439 sacos isto é, um aumento de 321.740 sacos. Calculando sobre o limite fixado, existe um aumento de 513.356 sacos, em relação à media quinquenal, equivalendo a uma majoração de 42%. Devido a esse aumento, o Estado de São Paulo ficou classificado em segundo lugar na ordem de grandeza dos Estados produtores, enquanto que o Estado do Rio desceu para o terceiro lugar, pois o aumento que obteve atingiu 25,3%, sobre a media da produção quinquenal. Qual a justificativa dessa capacidade? Somente se poderia atribuir à faculdade do item 4.º, da resolução da Comissão Executiva sobre as normas da limitação, que admite às usinas que tenham menos de cinco anos de funcionamento, que nesse período, hajam ampliado, reformado ou substituido seu aparelhamento ou que, por circunstancias excepcionais, hajam sofrido alterações no curso de sua produção, o direito de recurso ao Instituto do Açúcar e do Alcool, aduzindo as razões e documentos que tiverem em defesa dos seus interesses. A Comissão Executiva — conclue a resolução citada — examinará esses casos isolados e proferirá sua decisão, em cada um deles, mantendo ou alterando o limite concedido, dentro do critério geral já fixado. Daí as limitações arbitradas para os dois maiores produtores de açúcar da região.

meridional, desde que se verifica que o Estado do Rio tivera uma media quinquenal de 1.609.582 sacos e o Estado de São Paulo de 1.458.083 sacos. Havia, pois, uma diferença em favor do Estado do Rio, de 151.499 sacos, correspondendo a 9,4%. Se tivessem sido idênticos os motivos da fixação dos limites dos dois Estados, e se tivesse prevalecido o criterio seguido nos cálculos das usinas fluminenses, o limite total das usinas paulistas teria chegado a 1.826.978 sacos, contrastando com o seu limite atual de 2.071.439 sacos.

Esse limites poderão ser classificados de acordo com a ordem de volume, e desse resultado, talvez, encontremos, tambem, uma explicação do atual nivel de produção do Estado de São Paulo.

Usinas até	10.000	12
” entre	10.000 e 20.000	5
” ”	20.000 e 30.000	2
” ”	30.000 e 40.000	1
” ”	40.000 e 50.000	3
” ”	50.000 e 60.000	—
” ”	60.000 e 80.000	—
” ”	80.000 e 100.000	3
” ”	100.000 e 200.000	8
	alêm de 200.000	1

Em relação ao quadriênio posterior à fixação do limite das usinas paulistas, a safra seguinte de 1934/35 só atingiu a 1.844.497 sacos, sendo inferior à limitação do Estado 226.942 sacos, correspondendo a um desnível de 10%. Essa safra apesar de inferior ao limite, é, porém, superior a todas as safras anteriores, e superior 371.451 sacos à media do quinquenio 1929-30 a 1933-/34. Esse acréscimo representa uma elevação de 25,2%.

Foi a última safra das usinas paulistas abaixo dos dois milhões de sacos. Daí por diante, não mais decresce a produção paulista. E mesmo quando as safras das usinas paulistas decrescerem, fica-nos sempre uma dúvida, aliás levantada com toda a sinceridade, pelos próprios usineiros paulistas, quando enviaram a primeira sugestão para um plano de limitação, à Comissão Executiva do I.A.A., esclarecendo que “não se atribua aos grandes usineiros paulistas as responsabilidades da super-produção. O acréscimo da safra do Estado tem sido, nestes dois anos, produzido pelos

pequenos fabricantes que, não encontrando mercado para o seu produto, que era aguardente, aparelham-se, à revelia da fiscalização, para a produção de açúcar, sem sacrificio de qualquer natureza, fazendo concorrência às grandes usinas oneradas com limitação e taxas”. Até onde os pequenos produtores de açúcar de usinas, em São Paulo, poderão jogar clandestinamente nos mercados, esse açúcar ilegalmente produzido, acarretando distúrbios no comercio desse produto?

A partir de 1935-36 a 1938-39, as safras têm ascensão progressiva. Assim, a de 1935-36 alcança 2.032.083 sacos, que se bem seja inferior 39.356 sacos ao limite de produção, no entanto é superior 187.586 sacos à safra 1934-35. Na safra 1936-37, a produção ultrapassa o limite de 176.951 sacos, correspondendo a 8,5%. Em 1937-38 o Estado de São Paulo alcança a sua maior safra, pois que supera o seu limite em 336.983 sacos, ou 16,2%, atingindo 2.408.422 sacos.

Os dados referentes às usinas paulistas, de tipo pequeno, isto é, as de capacidades até 40.000 sacos, são os das safras 1935/36 a 1938/39, visto não ter conseguido o levantamento contabil um número tal de fábricas que pudesse ter uma media segura. As usinas medias — as de 40.000 até 120.000 sacos — e as usinas de grande capacidade, têm as verbas estudadas a partir da safra 1933/34.

A respeito das despesas por sacco de açúcar, com a aquisição da materia prima temos, de acordo com as três categorias de usinas, os seguintes dados :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	13\$055
1936/37	11\$084
1937/38	15\$647
1938/39	13\$848

II) — Usinas medias :

1933/34	11\$172
1934/35	10\$864
1935/36	11\$982

1936/37	12\$696
1937/39	12\$603
1938/39	14\$666

III) — Usinas grandes :

1933/34	11\$670
1934/35	13\$186
1935/36	14\$885
1936/37	14\$797
1937/38	16\$051
1938/39	16\$575

A media apresentada pelas pequenas usinas é de 13\$408, pelas usinas medias de 12\$330, e pelas grandes usinas, de 14\$527, por sacco de açucar. As usinas medias têm, pois, uma vantagem de 1\$078 em relação ás usinas pequenas e de 2\$197, em relação às usinas de grande capacidade.

Quanto às despesas com transporte de cana e lenha as verbas consignadas são :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	1\$236
1936/37	1\$436
1937/38	1\$191
1938/39	1\$189

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$855
1934/35	3\$860
1935/36	4\$194
1936/37	4\$215
1937/38	3\$946
1938/39	2\$574

III) — Usinas grandes :

1933/34	1\$238
1934/35	1\$147
1935/36	1\$156
1936/37	1\$583
1937/38	1\$697
1938/39	1\$687

A media das despesas para as usinas pequenas foi de 1\$263, para as usinas medias de 3\$607 e para as grandes usinas de 1\$418 por sacco de açucar. As usinas pequenas têm uma vantagem de 2\$344 em comparação com as despesas das usinas de media capacidade e de \$155 por sacco de açucar, em relação às grandes usinas.

Poder-se-ia concluir que a tração animal, nesse período, foi inferior 64% à tração mecânica, se compararmos com os dados relativos às usinas medias. Mas, como justificar que a diferença entre as usinas pequenas e grandes seja somente de 10,9%? A conclusão de que talvez a uma usina de media capacidade não compensa os altos gastos de transporte de cana e lenha em linha ferrea.

O custo de fabricação do açucar nas fábricas paulistas, durante o período do presente estudo é o seguinte :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	5\$823
1936/37	5\$000
1937/38	5\$390
1938/39	8\$043

II) — Usinas medias :

1933/34	3\$731
1934/35	7\$184
1935/36	5\$684
1936/37	6\$503

1937/38	5\$571
1938/39	6\$484

III) — Usinas grandes :

1933/34	3\$491
1934/35	3\$340
1935/36	3\$628
1936/37	3\$915
1937/38	3\$793
1938/39	4\$296

A media de custo de fabricação de açúcar nas usinas pequenas é de 6\$064, nas usinas de media capacidade de 5\$859 e nas usinas de grande capacidade de 3\$743, por sacco de açúcar. A vantagem da grande usina no custo propriamente dito de fabricação de açúcar é muito sensivel, pois é inferior ao da usina media 2\$116, e ao da grande usina 2\$321. Essas diferenças correspondem, respectivamente, a 56% e 62%.

Quanto ao valor medio da sacaria comprada, o da pequena usina foi de 2\$102, o da media usina de 2\$249 e o da grande usina de 2\$309. Só se poderá explicar essa diversidade de valores pela qualidade da sacaria empregada.

Na verba de Ordenados, Salários e Gratificações, a grande usina tem as maiores despesas, com uma media no sexenio de 1\$369 por sacco de açúcar; em seguida a usina de media capacidade com 1\$095 por sacco e, finalmente, a pequena usina com \$690. Quer dizer que a vantagem dos que trabalham na grande usina é de 25% e 98%, repectivamente, em relação às usinas medias e pequenas.

Quanto a seguros, por sacco de açúcar, a media para a pequena usina foi de \$264, para a usina media, de \$239 e para a grande usina de \$268.

As usinas pequenas pagaram, de taxas e contribuições de caixas de aposentadorias e pensões, uma média de \$101 por sacco de açúcar; as usinas medias gastaram \$209 e as grandes usinas \$091.

Na parte relativa à Assistência Social, os gastos são mais avultados, conforme os dados que seguem :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	\$057
1936/37	\$180
1937/38	\$074
1938/39	\$281

II) — Usinas medias :

1933/34	1\$074
1934/35	1\$343
1935/36	\$970
1936/37	\$410
1937/38	\$476
1938/39	\$628

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$765
1934/35	1\$135
1935/36	1\$290
1936/37	1\$455
1937/38	3\$234
1938/39	2\$552

A media geral para as pequenas usinas é de \$148 por sacco de açúcar, para as usinas de media capacidade de \$816, e para as grandes usinas de 1\$738. Quer dizer que foi dada ao operariado e trabalhador rural uma assistencia, na grande usina, superior 1,074% e 113%, respectivamente, à dispensada na pequena e media usinas.

A verba de Impostos, tambem avulta, no custo de produção, e na comparação nos três tipos de fábricas, os dados se apresentam bem diferentes. Assim temos :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	1\$135
1936/37	1\$320
1937/38	1\$656
1938/39	1\$035

II) — Usinas medias :

1933/34	\$459
1934/35	\$486
1935/36	\$837
1936/37	\$989
1937/38	1\$199
1938/39	1\$417

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$214
1934/35	\$269
1935/36	\$217
1936/37	\$553
1937/38	\$644
1938/39	\$743

A media geral obtida pela pequena usina foi de 1\$786 por sacco de açucar, de \$897 na media usina e de \$440 na grande usina. Ante esse dados tão chocantes, ficamos diante da seguinte alternativa: ou a pequena usina está extremamente onerada de impostos que lhes são applicados de maneira desproporcionada, ou a grande usina, gozando de uma situação excessivamente excecional, não paga quase nada.

Em compensação, a pequena usina não tem nenhuma despesa com conservação das linhas ferreas, enquanto as usinas de media capacidade gastaram \$417 por sacco de açucar e as grandes usinas 1\$590.

A media de despesas nessa rubrica é de \$945 nas usinas pequenas, de 1\$274 nas usinas de media capacidade, e nas grandes usinas de 1\$058 por sacco de açucar.

Realmente, em materia de transportes, quem melhor se classifica é a pequena usina, pois ela gasta menos nas rubricas “custo de transporte de cana e lenha”, não tem despesas em “conservação de linhas ferreas”, e na conservação do material rodante a pequena usina apresenta uma diferença de \$329 por sacco de açúcar, em relação à usina de media capacidade, e de \$113 em comparação com a grande usina.

Com a conservação da fábrica, maquinismos predios e dependencias, as despesas feitas pelas usinas paulistas foram :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	2\$649
1936/37	1\$805
1937/38	3\$537
1938/39	4\$240

II) — Usinas medias :

1933/34	4\$353
1934/35	5\$514
1935/36	3\$392
1936/37	3\$814
1937/38	5\$693
1938/39	4\$316

III) — Usinas grandes :

1933/34	3\$453
1934/35	2\$982
1935/36	2\$795
1936/37	3\$055
1937/38	2\$997
1938/39	3\$859

A media de despesas com a conservação da fábrica, maquinismos, predios e dependencias foi, durante o período do estudo, de 3\$057 nas pequenas usinas, de 4\$513 nas usinas medias, e 3\$190 nas grandes usinas.

Como explicar que a pequena usina tenha a menor despesa de conservação de maquinismos, a ponto de apresentar uma diferença de 1\$456 por saco de açúcar, em relação, à usina de media capacidade? A tendencia dentro da industria açucareira é para o desaparecimento da pequena usina, por absorção promovida pelas usinas maiores, e pelo desgaste continuado dos maquinismos, que quase sempre não são substituidos.

Daí as menores despesas nas pequenas usinas.

Quanto à verba de “Despesas Gerais”, ela se distribue da seguinte maneira nos três tipos de fábrica de açúcar de São Paulo :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	2\$518
1936/37	\$753
1937/38	3\$726
1938/39	2\$258

II) — Usinas medias :

1933/34	5\$093
1934/35	4\$722
1935/36	4\$167
1936/37	3\$632
1937/38	4\$982
1938/39	4\$512

III) — Usinas grandes :

1933/34	2\$725
1934/35	3\$608
1935/36	2\$998
1936/37	3\$851
1937/38	4\$161
1938/39	5\$865

A media das despesas gerais das usinas dos três tipos foi de 2\$313 por saco de açúcar para as pequenas usinas, de 4\$518 para as usinas medias e

de 3\$868 para as grandes usinas. As pequenas usinas têm uma diferença de 2\$205 em relação às usinas de media capacidade, e de 1\$555 em comparação com as grandes usinas.

Na verba de “fretes e carretos” reside uma grande vantagem das usinas paulistas.

A media das despesas nessa verba, para as usinas pequenas foi de \$896 por sacco de açúcar, nas pequenas usinas, de \$489 para as usinas medias, e de \$236 para as grandes usinas. Quando se analisam esses dados, é que se pode avaliar da grande vantagem do consumo de açúcar à porta da usina.

Tambem são quase nulas as despesas das usinas paulistas na rubrica de armazenagem e **warrantagem**. As usinas pequenas não apresentam nenhuma despesa nessa verba. As usinas medias gastaram \$101 por sacco de açúcar e as grandes usinas \$050.

Finalmente, com a verba de “honorarios e gratificações dos proprietarios ou diretores”, a despesa apresentada para os três tipos de fábricas é a que segue :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	1\$305
1936/37	3\$354
1937/38	2\$821
1938/39	4\$168

II) — Usinas medias :

1933/34	2\$822
1934/35	2\$523
1935/36	2\$519
1936/37	2\$577
1937/38	3\$074
1938/39	2\$652

III) — Usinas grandes :

1933/34	\$814
1934/35	\$591
1935/36	\$496
1936/37	\$541
1937/38	\$646
1938/39	\$838

A media de despesas com honorários e gratificações dos proprietários foi de 2\$912 por sacco de açúcar, para as pequenas usinas, de 2\$694 para as usinas de media capacidade, e de \$654 para as grandes usinas. A vantagem da grande usina é de 2\$258 em relação às pequenas usinas e de 2\$040 em relação às usinas de media capacidade.

Somando todas as parcelas do custo de produção por categoria, encontraremos :

I) — Usinas pequenas :

1935/36	35\$231
1936/37	31\$984
1937/38	41\$464
1938/39	42\$560

II) — Usinas medias :

1933/34	37\$796
1934/35	41\$894
1935/36	39\$119
1936/37	41\$263
1937/38	43\$973
1938/39	42\$638

III) — Usinas grandes :

1933/34	31\$039
1934/35	33\$083
1935/36	34\$318

1936/37	36\$609
1937/38	40\$252
1938/39	43\$639

A media geral de custo de produção de um saco de açúcar, durante o período do estudo, foi de 38\$529 para as usinas pequenas, 41\$522 para as usinas de media capacidade e de 36\$488 para as usinas grandes.

A melhor situação, pois, em S. Paulo é a da Usina de maior capacidade, que tem uma vantagem de 5\$034, por saco, em relação à usina de media capacidade e de 2\$041 em relação à usina de pequena capacidade.

F I M

Índice

Esclarecimento	3
Introdução	5
CAPÍTULO I	
Custo de produção do açúcar	7
CAPÍTULO II	
Descriminação dos custos de produção	19
CAPÍTULO III	
Custo de produção por categoria	31